UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

O INTERDISCURSO NAS COMUNIDADES VIRTUAIS ANTIFEMINISTAS DE "SHITPOST" E O USO DO TERMO "FEMINAZI" COMO PROCESSO DE DISCRIMINAÇÃO E VULGARIZAÇÃO DA MULHER EM ESTUDO FUNCIONALISTA E COGNITIVISTA

Carmem Lúcia da Silva Lima

RECIFE– PE
Maio/2023

CARMEM LÚCIA DA SILVA LIMA

O INTERDISCURSO NAS COMUNIDADES VIRTUAIS ANTIFEMINISTAS DE "SHITPOST" E O USO DO TERMO "FEMINAZI" COMO PROCESSO DE DISCRIMINAÇÃO E VULGARIZAÇÃO DA MULHER EM ESTUDO FUNCIONALISTA E COGNITIVISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem como requisito para a obtenção do título de Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Renata Barbosa Vicente
Orientadora – PROGEL/ UFRPE

_____

Prof.ª Dr.ª Cristina Lopomo Defendi
Examinadora externa – IFSP

_____

Prof.ª Dr.ª Paloma Pereira Borba Pedrosa
Examinador interno - PROGEL/ UFRPE

SUPLENTES

_____

Prof.ª Dr.ª Maria Célia Pereira Lima-Hernandes
Examinadora externa – USP

_____

Prof.ª Dr.ª José Temístocles Ferreira Júnior
Examinadora interna - PROGEL/ UFRPE

RECIFE– PE
Maio/2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L 937i Lúcia, Carmem Lúcia da Silva Lima
O interdiscurso nas comunidades virtuais antifeministas de "shitpost" e o uso do termo "feminazi" como processo de discriminação e vulgarização da mulher em estudo funcionalista e cognitivista / Carmem Lúcia da Silva Lima Lúcia. - 2023.
139 f. : il.

Orientadora: Renata Barbosa Vicente.
Inclui referências e anexo(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, 2023.

1. "shitpost". 2. "feminazi". 3. comunidades antifeministas. 4. funcionalismo. 5. cognitivismo. I. Vicente, Renata Barbosa, orient. II. Título

CDD 470

Dedico à minha mãe, Ilda Maria da Silva Lima *(In memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu pai por contribuir incentivando no meu progresso profissional, ajudando-me nas tarefas diárias.

Agradeço a minha orientadora Professora Drª Renata Barbosa Vicente por suas contribuições para este trabalho. Neste processo, sua motivação, persistência, incentivaram-me a aprofundar minhas perspectivas teóricas sobre meu objeto de estudo. Agradeço por sua paciência e consideração nesta caminhada.

Agradeço a professora Drª Cristina Lopomo Defendi e a Profa. Dra. Paloma Pereira Borba, abordando pontos fundamentais na pesquisa, desde a qualificação, e manifestando sugestões que me permitiram a ampliação do meu conhecimento.

Ao PROGEL, por terem concedido a mim a oportunidade de poder desenvolver esta pesquisa.

A todos e a todas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar a esta etapa, meus mais sinceros agradecimentos!

“A individualidade é um evento fugaz.”

Monge Genshô

RESUMO

Esta pesquisa surge diante da importância em compreender os contextos interativos de uso do termo “feminazi”, nas comunidades antifeministas de “shitpost”, como processo de discriminação e vulgarização da mulher. Nossa abordagem parte da análise das categorias linguísticas sociocognitivas de aprendizagem, considerando a transmissão cultural e o determinismo biológico elementos de ressignificação que contribuem para a discriminação também do movimento feminista como garantia de direitos reservados às mulheres. Nesta pesquisa, buscamos examinar a iconicidade relativa ao termo “feminazi” em sua forma e função no ato comunicativo, além dos seus subprincípios analisados nos comentários referentes ao “shitpost” reafirmando comportamentos transgressivos em rede. O objetivo é analisar os memes de internet na cultura “shitpost” como processo de legitimação da discriminação e vulgarização da mulher nessas comunidades. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos como aporte teórico os seguintes autores: Tomasello (2003), Bourdieu (2002), Martelotta (2015), Van Dijk (2019), Butler (2003), Cunha (2010), Maingueneau (1997). Metodologicamente o objeto da pesquisa é o “shitpost” sua definição e o uso do termo “feminazi” como ícone no ato comunicativo dessas comunidades virtuais. Dessa forma, selecionamos “shitpost’s”, memes e seus respectivos comentários que direta ou indiretamente faz referência ao termo como forma de aprofundar a discriminação entre os sexos nessas comunidades. Concluímos que o determinismo biológico é o fator principal de discriminação, embora sua construção esteja fundamentada na herança cultural como forma de perpetuar as diferenças entre os gêneros e desconsiderar a individualidade de ser mulher. Sendo assim, a pesquisa não se esgota aqui devido a sua relevância para os estudos funcionalistas e o processo interacionista da linguagem.

Palavras-chave: “shitpost”; “feminazi”; comunidades virtuais antifeministas; transmissão cultural; determinismo biológico.

ABSTRACT

This research arises from the importance of understanding the interactive contexts of use of the term “feminazi”, in anti-feminist communities of “shitpost”, as a process of discrimination and vulgarization of women. Our approach is based on the analysis of socio-cognitive linguistic learning categories, considering cultural transmission and biological determinism as elements of re-signification that also contribute to discrimination in the feminist movement as a guarantee of rights reserved for women. In this research, we seek to examine the iconicity related to the term “feminazi” in its form and function in the communicative act, in addition to its subprinciples analyzed in the comments referring to the “shitpost” reaffirming transgressive behaviors in a network. The objective is to analyze internet memes in the “shitpost” culture as a process of legitimizing discrimination and vulgarization of women in these communities. For the development of the research, we adopted the following authors as theoretical support: Tomasello (2003), Bourdieu (2002), Martelotta (2015), Van Dijk (2019), Butler (2003), Cunha (2010), Maingueneau (1997). Methodologically, the object of the research is the “shitpost”, its definition and the use of the term “feminazi” as an icon in the communicative act of these virtual communities. In this way, we selected “shitpost’s”, memes and their respective comments that directly or indirectly refer to the term as a way of deepening discrimination between the sexes in these communities. We conclude that biological determinism is the main factor of discrimination, although its construction is based on cultural heritage as a way of perpetuating differences between genders and disregarding the individuality of being a woman, therefore, the research does not end here due to its relevance to functionalist studies and the interactionist process of language.

Keywords: “shitpost”; “feminazi”; anti-feminist virtual communities; cultural transmission; biological determinism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Exemplo clássico de meme 13
Figura 2 Modelo de uma estrutura base para “shitpost” 14
Figura 3 Meme do gato Tom 21
Figura 4 Exemplo de s*hitpost* antifeminista 31
Figura 5 *Shitpost* sobre igualdade e feminismo 32
Figura 6 Representação da ideia de igualdade entre os sexos 34
Figura 7 *Shitpost* Homem-Aranha 38
Figura 8 *Shitpost* O rei dos idiotas 39
Figura 9 *Shitpost* e a não-lógica 46
Figura 10 Comunidade virtual do Facebook 50
Figura 11 Página de meme 51
Figura 12 Titanic e feminismo 52
Figura 13 Caixinha de diálogo 56
Figura 14 Comentário 01 58
Figura 15 Comemtário 02 59
Figura 16 *Shitpost* de vulgarização da mulher 62
Figura 17 *Shitpost* sobre Cartaz na USP 65
Figura 18 Comentário 03 67
Figura 19 *Shitpost* sobre empoderamento feminino 68
Figura 20 Comentário 04 69
Figura 21 *Shitpost* conquistas do feminismo 70
Figura 22 *Shitpost* maiores comquistas do feminismo 71
Figura 23 *Shitpost* representação das “feminazi” 72
Figura 24 *Shitpost* nascimento das feministas 73
Figura 25 Comentário 05 74
Figura 26 Comentário 06 75
Figura 27 *Shitpost* sobre argumento antifeminista 77
Figura 28 *Shitpost* mulheres e guerra 79
Figura 29 Representação das mulheres na década de 60 80
Figura 30 *Shitpost* luta feminista 81
Figura 31 *Shitpost* Luta por direitos iguais 82
Figura 32 Comentário 07 83

Figura 33 Comentário 08 84
Figura 34 *Shitpost* 4 lugares onde não existe feminista 85
Figura 35 *Shitpost* feminismo e esquerda 86
Figura 36 *Shitpost* ideologia de ódio 88
Figura 37 *Shitpost* violência doméstica 90
Figura 38 Propaganda violência contra a mulher 90
Figura 39 Comentários anexo 09 92
Figura 40 *Shitpost* independência feminina 93
Figura 41 *Shitpost* independência masculina 93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Mulheres que querem ser homens 95
Gráfico 2 Corporificação 96
Gráfico 3 Função social da mulher 97
Gráfico 4 Supremacia feminina 98
Gráfico 5 Fatores de Interesse 99

SUMÁRIO

1 Introdução 12

2 Fundamentação teórica 20

2.1 As ressignificações da cultura na evolução digital 20

2.2 Convergência entre linguística funcionalista e linguística estruturalista 23

2.2.1 A arbitrariedade do signo e o valor linguístico do termo "feminazi" na perspectiva Saussuriana 24

2.2.2 A arbitrariedade do signo linguístico e o termo "feminazi", seu significante e significado na convenção 26

3 As relações do termo "feminazi" e sua função no processo comunicativo do "shitpost" 28

3.1 Funcionalismo e comunicação interpessoal 28

3.2 O princípio da iconicidade, intenção e função comunicativa na construção motivada do termo "feminazi" 30

3.3 Topicalização 34

4 Formação discursiva e interdiscurso nos memes de internet: as comunidades de "shitpost" antifeministas e o processo de discriminação da mulher 35

4.1 A formação discursiva do meme de internet 37

4.2 O interdiscurso no meme de internet 40

4.3 A linguística crítica no contexto dos memes de internet 43

4.4 As comunidades de *"shitpost"* antifeminista e o princípio da cooperação 44

5 Metodologia 45

5.1 Objeto da pesquisa: o que é "shitpost"? 45

5.2 Caracterizando o corpus de trabalho 47

6 Análise dos dados 50

Considerações Finais 100

Referências 107

Anexo 109

1. Introdução

Pensar a linguagem humana como fator do processo evolutivo de sistemas intricados de cultura é refletir sobre sua capacidade de criar e ressignificar realidades. Dessa forma, desde o surgimento do homo sapiens, a linguagem foi a responsável pela cooperação social tornando-se fundamental para a sobrevivência de nossa espécie. Essa cooperação coletiva não está limitada à transmissão de informações, mas também na "capacidade de transmitir informações sobre coisas que não existem", segundo o Historiador Harari (2020). A partir da Revolução Cognitiva, há aproximadamente 30 mil anos atrás, surgem novas formas de comunicação que possibilitaram a concepção de um elemento importante para o processo evolutivo: a ficção. Como consequência desse artifício o homem pôde compartilhar "realidades imaginadas" objetivando a cooperação humana em larga escala. A ficção também permitiu o aparecimento de mitos, crenças, deuses e religião como tipo de linguagem colaborativa de grupos e organizações.

Com o advento da internet, o homem desenvolve uma rede de conhecimento para trocar informações de maneira mais ampla e cooperativa. O ciberespaço é instituído na pós-modernidade pelo homem histórico e social como uma nova configuração de superação dos limites da sua existência física. A partir da interação do indivíduo com o ambiente virtual é possível estabelecer outras vias ontogenéticas de aprendizagem cultural, que irão resultar em adaptações comportamentais e cognitivas para além de sua herança biológica. Nesse contexto, emerge o fenômeno comunicativo do meme de internet em comunidades virtuais reconfigurando os padrões de sociabilidade em rede.

Originariamente, a definição de meme remonta à ideia que o biólogo Richard Dawkins definiu, em 1976, com a publicação do livro *O gene egoísta*. Nessa obra, ele desenvolve uma teoria que busca explicar a evolução das espécies por meio da perspectiva do gene. Dessa maneira, classifica-o como uma unidade de informação com a característica de se multiplicar. Embora o conceito de meme esteja presente na cópia de determinadas expressões, ou na imitação das réplicas de roupas utilizadas por famosos como tendências de moda, com o surgimento das redes sociais, ele adquire um novo referente diferente do estudado pelo biólogo britânico.

Partindo desse princípio, temos a expressão meme de internet, que utiliza a linguagem verbo-imagética. Devido a essa diferenciação, Knobel e Lankshear (2007) propõem então a distinção entre o meme clássico, ou seja, a imitação de roupas, músicas ou comportamentos, e o meme de internet que se caracteriza por ser “um termo popular para descrever a rápida absorção e disseminação de uma ideia específica apresentada como texto escrito, imagem, linguagem em movimento ou alguma outra unidade cultural” (KNOBEL; LANKSHEAR, 2007, p.202), semelhantes apenas pelo fato de serem elementos de produção e transmissão cultural. Diante da sua capacidade de se replicar rapidamente pela cultura (LIMA-NETO, 2020), o meme permite desenvolver sistemas culturais complexos de aprendizagem. Nessa perspectiva, para compreender sua composição básica temos este exemplo clássico:

Figura 01 - Exemplo clássico de meme

Fonte: Página Minha vida é um meme no Facebook[1]

O meme apresenta a repetição de imagem, que é uma característica predominante neste tipo de interação, servindo como estrutura base para outras formas de contextualização e enunciados. Nestes casos, partem do princípio da ridicularização, ironia, zombaria, deboche, sarcasmo. Esta estrutura simples permite replicar ideias a partir do seu compartilhamento nas redes.

[1] Disponível em: <http://www.facebook.com.br/minhavidaeummeme>.Acesso em 16 dez. 2022

Contudo, antes do meme viralizar no Facebook e Instagram, as postagens com imagens e textos tiveram sua origem em fóruns de discursão e *imageboard*. Esses fóruns visavam promover debates dentro de uma comunidade virtual. Já o *imageboard* é um tipo de fórum de discursão baseado na produção e compartilhamento de textos que empregavam, basicamente, a linguagem verbo-imagética. Nesses canais temáticos o usuário, geralmente, participa de forma anônima. O *imageboard* mais conhecido atualmente é o americano *4chan* desenvolvido por Christopher Poole[2]. Partindo da necessidade em classificar as postagens tidas como fora de tópico, malfeitas, sem contexto, ou irrelevantes, nessas comunidades, surge por volta dos anos 2000 uma gíria de internet denominada "shitpost", que em uma tradução livre significa dizer; "postagem de merda" ou "merda postagem". Nesse contexto era analisada a qualidade da técnica utilizada no recorte, colagem e montagem das imagens. Atualmente, o termo agrega diferentes significados e situações muito abrangentes reconfigurando o comportamento nas redes sociais. Consequentemente, o recorte de imagens passou a utilizar recursos tecnológicos mais sofisticados, todavia prevalecendo a falta de propósito e lógica que caracteriza a estrutura padrão do "shitpost", o que pode ser facilmente identificável no modelo da figura 02 a seguir:

Figura 02 – Modelo de uma estrutura base para "shitpost"

Fonte: Imagem categorizada do Pinterest que serve de inspiração para ideia de "shitpost"[3]

[2] Chsritopher Poole, nascido em 1988, é um empresário norte-americano, que ficou famoso ao criar os sites 4chan e Canvas. Utilizou o pseudônimo "moot" para criar o website 4chan. Defende a proteção da identidade e a liberdade de expressão online. O imageboard 4chan foi criado em 1 de outubro de 2003 com o objetivo de discutir a cultura "Otaku" inspirado no imageboard japonês "Futaba Channel". Devido a poucas regras, conteúdos adultos foram rapidamente disseminados, muitos de moralidade questionável.

[3] Disponível em: <http//br.pinterest.com>.Acesso em 18 dez. 2022

Esse recorte e colagem de imagens não segue a lógica e previsibilidade da estrutura de um meme, que é basicamente a repetição de uma mesma figura. Apesar de aparentemente utilizar a mesma técnica: a montagem de imagens, essas figuras são retiradas de contextos totalmente diversos, nesse sentido não seguem a objetividade ou previsibilidade como em uma piada. O "shitpost" em questão traz o afresco intitulado *A criação de Adão* pintado por Michelangelo Buornarotti e personagens da cultura pop que atraem grande público, ou seja, que viralize, assim essa definição de cultura é compreendida como qualquer coisa que ganhe repercussão na web. Todos esses personagens fazem o mesmo gesto, que podemos considerar a única cacraterística visual que se repete, contudo seu conteúdo possa está correlacionado ao conceito da criação. Dessa forma compreendemos que a estrutura-base de um "shitpost" pode até conter elementos que se repitam, mas que são aleatórios quanto a estrutura narrativa que objetiva o humor. Em linhas gerais, o "shitpost" é transgressivo e descontextualizado, ou seja, não visa, necessariamente, ser engraçado. Entretanto, objetiva ressignificar sentidos, fazendo uso do anti-humor, sem nenhuma preocupação com sua veracidade. Dessa modo, possibilita reproduzir variados recortes temáticos nas comunidades virtuais antifeministas, que é o objeto deste estudo, sem nenhuma base informacional histórica. Nesses grupos, a linguagem em uso utiliza uma "realidade imaginada" com conteúdos aleatórios apenas para manter sua conexão com o movimento feminista, sem a representatividade feminina.

Vale ressaltar que, as mulheres são pouco mais da metade da população no Brasil, segundo o IBGE, contudo há uma baixa representatividade delas na maioria das esferas sociais, devido a mecanismos de exclusão que objetivam legitimar a dominação masculina. Um desses mecanismos é a criação de espaços de expressão como as comunidades virtuais. Neste trabalho, pesquisaremos o "shitpost" inserido nas comunidades denominadas antifeministas, tendo em vista que, nesses ambientes, o objetivo é ridicularizar as mulheres por meio da linguagem verbo-imagética do meme, caracterizando-se por apresentar um humor altamente agressivo. Nesse sentido, o que nos motiva a pesquisar este fenômeno é seu potencial em

ressignificar a realidade para validar a superioridade masculina aprofundando as desigualdades entre os gêneros. Dessa forma, o “shitpost” contribui para a construção de uma identidade cultural que é reproduzida nessas comunidades. Logo, atua como agentes sociais de legitimação e normatização da discriminação de individualidades.

Apesar de utilizar o formato pré-existente de um meme, a estética do “shitpost” objetiva romper com esses padrões de previsibilidade e adaptá-lo para outro contexto. Dessa forma, o “shitpost” é a representação visual de uma cultura que busca quebrar paradigmas sociais. Portanto, não o consideraremos, neste trabalho, uma variação do meme por divergirem em alguns aspectos.

Basicamente, nessas comunidades, o “shitpost” busca por meio da linguagem produzir significados. Nessas condições de produção, há a colaboração interpessoal que mantém a interação entre os indivíduos por meio dos comentários das respectivas postagens. Portanto, consideraremos também para este estudo a análise das opiniões desses “shitpost’s” realizadas pelos usuários. Dessa forma, os pressupostos da linguística funcionalista acerca dos elementos da iconicidade permitem ponderar a dinâmica nessas situações comunicativas em rede relacionadas ao antifeminismo. Particularmente, o funcionalismo compreende a linguagem como um fenômeno evolutivo-adaptativo nos contextos sociais, como aponta Givón (2010). Nessa perspectiva, abordaremos instâncias reais de uso da língua, e seu papel comunicativo, ou seja, sua função comunicativa, além das propriedades cognitivas responsáveis pela construção de significados nesses contextos.

Para analisar os mecanismos referenciais interdiscursivos e suas consequentes formações discursivas, o modelo teórico-metodológico de Maingueneau será relevante, pois o conceito da heterogeneidade compreende as possibilidades de condições de enunciação. Nesse sentido, temos a concepção de imitação como valores opostos: a captação, que constrói a legitimação através do enunciado, e a subversão da própria estrutura textual do meme na qual está fundamentada sua formação discursiva. Na análise comportamental e cognitiva, nosso aporte teórico estará embasado na perspectiva sobre discurso e sociedade de Van Dijk, pois entendemos que a desconstrução de sentidos reproduzida nos “shitposts” remonta a um recorte e

saturação de imagens que objetiva significar a realidade em estruturas dinâmicas que envolvem o fenômeno da comunicação dos memes e o papel da mídia em interfaces, que possibilitam a rápida circulação de tais práticas discursivas aceitáveis por meio da característica do anti-humor como validação das relações assimétricas de poder, e aprofundamento da desigualdade entre homens e mulheres.

No campo das categorias de gênero, que buscam sustentar a hegemonia masculina e naturalizar as relações de poder em uma estrutura binária, temos o embasamento teórico de Butler (2003), que expõe, especificamente, a contestação de lugar e posição de autoridade do sujeito masculino sobre os estudos feministas. Nesse contexto, abordaremos a linguagem como fator de construção das hierarquias de sexo no discurso, tendo em vista, os tipos de práticas culturais que produzem, por meio do meme de internet, uma dissonância subversiva entre sexo, gênero, e desejo, segundo Butler (2003), questionando assim suas supostas relações no âmbito de uma língua da heterossexualidade presumida.

Compreendemos então, que este processo social de naturalização da dominação masculina sobre a mulher é, deste modo, o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu definiu como violência simbólica. Mediante esta definição, temos o conceito que lhe dá origem: o *capital simbólico* (BOURDIEU, 2002) que está associado a honra, prestígio e reconhecimento, uma vez que, representa um valor definido socialmente como uma das instâncias do poder para persuadir outros. O conceito de violência simbólica se caracteriza pela cumplicidade entre quem sofre e quem pratica tal ação, sem que necessariamente os envolvidos tomem consciência do que estão sofrendo ou praticando. Em outras palavras, a violência simbólica está relacionada com determinados valores culturais, como forma de perpetuar, ou impor esses valores estabelecidos como universais. De certa maneira, essas postagens excluem os sujeitos, constituindo obstáculos para a legitimação dos estudos feministas. Dessa forma, muito desses compartilhamentos resultam na sustentação da masculinidade hegemônica nos estudos de gênero em relação ao determinismo biológico dentro da hierarquia social e, consequentemente, induzindo o processo de discriminação, vulgarização da mulher nos espaços das mídias digitais e, assim, atribuindo poder àqueles que obtiveram

reconhecimento suficiente para impô-lo nas comunidades virtuais antifeministas. Isso nos leva a perguntar se o meme de internet na cultura “shitpost” legitima a discriminação e vulgarização da mulher.

O objetivo geral da pesquisa é analisar os memes de internet na cultura “shitpost” como processo de legitimação da discriminação e vulgarização da mulher em comunidades antifeministas. Os específicos são: 1. Verificar se os memes de internet na cultura “shitpost” aprofundam as relações de desigualdade e dominação entre os gêneros como instrumento da violência simbólica. 2. Avaliar a relação polissêmica lexical entre a palavra feminista, e o termo “feminazi” vinculadas ideologicamente à comunista para o interdiscurso político nas práticas sociais de linguagem. 3. Analisar e quantificar, com base no *corpus* de estudo, como as personas contribuem para sustentação de atitudes sexistas dentro das comunidades virtuais antifeministas. 4. Compreender a cultura “shitpost” como novas práticas interativas dos gêneros textuais emergentes.

As comunidades antifeministas contribuem por meio do “shitpost” para a disseminação de pós-verdades, impedindo a construção de paradigmas sociais de igualdade entre os gêneros. Neste sentido, a importância deste trabalho está fundamentada na definição do termo “shitpost” como fenômeno comunicativo, e o estudo do conceito de “feminazi” nas comunidades virtuais como processo discriminação, podendo contribuir para a fundamentação e ampliação de pesquisas dentro desta mesma temática, além de analisar a linguagem como herança cultural no processo evolutivo, assim como os fatores ontogenéticos de aprendizagem e comportamento possibilitando novas formas de organização social ainda que virtualmente.

De maneira geral, muitos estudos até o presente momento foram realizados sobre memes, baseados na origem biológica do conceito com a publicação em 1976 do livro *O gene egoísta* (DAWKINS, 2017) que, em termos gerais, significam unidades replicadoras de informações genéticas, imitação de expressões e roupas, diferente do meme de internet que viraliza uma ideia, replica valores sociais e culturais. Todavia, o campo de pesquisas direcionadas aos memes na cultura “shitpost” como processo de discriminação e vulgarização da mulher na perspectiva dos estudos feministas é pouco abordado. Após pesquisa exploratória na Biblioteca Digital de Teses e

Dissertações (BDTD), disponível em: http://bdtd.ibict.br/vunfind, utilizamos as palavras: “shitpost”, “meme e “shitpost”, “meme e discriminação da mulher”, porém observamos que a busca não correspondeu a nenhum registro, considerando, sobretudo, os memes de internet na cultura “shitpost”, reforçando, assim, a necessidade de produção científica sobre o fenômeno apresentado. Outro dado relevante é não termos encontrado nenhum estudo sobre essas comunidades como fator de ressignificação da realidade, ou seja, a pós-verdade para justificar o antifeminismo e a legitimação da discriminação da mulher nas redes sociais ao fazer uso do termo “feminazi” como elemento linguístico de significação do movimento feminista.

Por ser extremamente popular entre os adolescentes, o meme caracteriza-se pelas interações virtuais, através de textos de cunho humorístico com alta capacidade de síntese, difusão e divulgação de ideias. Dessa forma, ressignificam realidades e possibilitam construir pós-verdades para manutenção de hierarquias hegemônicas de opressão e submissão na construção ideológica entre os gêneros.

Nosso esforço será discutir a hipótese de promover um relacionamento mais consciente e responsável com o uso das tecnologias, diminuindo as agressões simbólicas, e o compartilhamento de conteúdos que aumentem a discriminação e vulgarização da mulher.

Portanto, o determinismo biológico herdado e os fatores ontogenéticos são elementos básicos para compreender, segundo a teoria de Tomasello (2003), como o processo de transmissão cultural atua por meio dessas comunidades virtuais antifeministas. De acordo com esses elementos, estudaremos além dos aspectos comportamentais e cognitivos, as relações hierárquicas de poder entre os gêneros na defesa da igualdade de direitos sociais, econômicos e políticos. Metodologicamente, analisaremos a estrutura-base do meme na cultura “shitpost”, especificamente, quanto ao uso do termo “feminazi” dentro dessas comunidades virtuais. Partindo deste contexto de produção, utilizaremos os pressupostos da linguística funcionalista na descrição dos elementos da iconicidade na abordagem do uso do termo “feminazi” nos comentários dessas postagens, além do estudo sobre o “shitpost” e sua definição. Selecionamos aqueles que apresentaram aspectos relacionados a formas agressivas tais como; xingamentos, palavras de baixo

calão, incoerentes com a proposta primordial do feminismo, assim como aqueles em que há uma clara menção ideológica dominação feminista pelo uso do termo supracitado. Consequentemente, discutiremos sobre questões de gênero e desigualdades sociais, além da violência simbólica, para inferir sobre as causas do antifeminismo e sua normatização nestes grupos. O conceito de interdiscurso irá configurar as relações de tais práticas discursivas e seus sistemas de crenças mediante a reconfiguração de elementos da heterogeneidade do discurso para uma transformação das práticas sociais de dominação no ciberespaço.

2. Fundamentação teórica

2.1 As ressignificações da cultura na evolução digital

Por se tratar de um objeto relativamente novo de análise, o meme de internet apresenta distintas classificações. Neste trabalho, consideraremos como fenômeno comunicativo. Baseio-me nas definições de sua natureza e seus critérios de viralização, sugerindo gêneros diversos, nas perspectivas de Lima-Neto (2014, 2020), Knobel & Lankshear (2005, 2007). Para esses autores, há uma dificuldade que é lidar com uma única abordagem de gênero, devido ao ambiente virtual ser volátil demais. Desta forma, com o surgimento da internet, os gêneros mudam, de acordo com as necessidades enunciativas dos usuários da língua em determinados contextos (LIMA-NETO, 2020). Vale salientar que, nossa pesquisa está focada no estudo do meme inserido na cultura transgressiva do “shitpost” como prática interativa que objetiva desconstruir sua estrutura base. Sendo assim, compartilhamos da definição de Bazerman (2005) que é a de que os gêneros são construções psicossociais, que acionam ações tipificadas, ou seja, uma forma de ação social, e não uma categoria linguística. Tendo em vista que o “shitpost” nas comunidades virtuais antifeministas têm sua atividade centrada na tipificação do feminismo acionada pelos sujeitos como elo entre suas ações, os fatos sociais e a cultura, objetivando uma forma de legitimar a discriminação da mulher, podemos concluir que ele é o modo performático do meme. Essa performance, como observou Richard Bauman (1986) ao estudar a reconstrução do evento narrado

na arte dos gêneros folclóricos americanos, evidencia a experiência vivida e lembrada, que se vale da repercussão intertextual para construir pós-verdades ao colocar as feministas em uma relação irônica de dominação. Em termos gerais, tanto o meme quanto o “shitpost” são práticas linguísticas compostas por gêneros, uma vez que são meios pelos quais os indivíduos realizam situações comunicativas de modo reconhecível como fenômenos de reconhecimento social. Ressaltando que as definições de gênero foram pensadas muito antes do advento da internet e desse modo, é necessário repensar, reformular, e ressignificar este conceito. Isto significa dizer que, também entendemos a língua como um fenômeno psicossocial de interação. Para compreender a origem do meme como fenômeno comunicativo e sua linguagem verbo-imagética básica, temos mais um exemplo:

Figura 03: Meme do gato Tom

Fonte: página Memes acessíveis no Facebook[4]

Este meme em questão, coletado do Facebook em fevereiro de 2022, apresenta elementos de repetição de imagem e a previsibilidade que caracteriza o efeito do humor. Temos a viralização da imagem de um gato branco, que sempre se repete, contudo, o enunciado pode variar nos traços humorísticos, ou seja, na caracterização da dualidade de sentimentos representado nas expressões do gato para reforçar o humor.

Interessante notar que, o termo “meme” foi definido, em 1976, quando o biólogo Richard Dawkins estudava os genes na perspectiva evolucionista,

[4] Disponível em: < https:www.facebook.com/memesacessiveis/ Acesso em: 08/02/2022

argumentando que os genes são replicadores biológicos, que leva a outros tipos de evolução, como a que ocorre nas culturas humanas. “Meme, para o autor, é entendido como uma unidade de transmissão cultural, ou unidade de *imitação*” (LIMA-NETO, 2020, p. 2251), o que permite que haja evolução, ou um *replicador cultural*. Vejamos o que Dawkins concluiu sobre a capacidade do meme originar cópias possíveis e semelhantes:

> Exemplos de memes são melodias, ideias, *slogans*, as modas do vestuário, as maneiras de fazer potes ou construir arcos. Tal como os genes se propagam no *pool* gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no *pool* de memes saltando de cérebro para cérebro, através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação. Se um cientista ouve falar ou lê sobre uma boa ideia, transmite-a aos seus colegas e alunos. Ele a menciona nos seus artigos e nas suas palestras. Se a ideia pegar, pode-se dizer que ela propaga a si mesma, espalhando-se de cérebro para cérebro. (DAWKINS, 2010, p. 339).

Logo, imitar saudações, gestos, roupas e costumes são um tipo de meme. Para Dawkins (2010), o meme pode também ser comparado a um vírus, que é disseminado por uma cultura, daí vem o termo viralizar, frequentemente utilizado no contexto da internet e redes sociais. Neste quesito, o fator dominante é a evolução, replicando informações de cérebro para cérebro.

Ao abordar o meme como um dos fatores do processo de evolução biológica e cultural, a teoria de Dawkins (2010) demonstra que boa parte do desenvolvimento de um organismo ocorre enquanto este interage com o meio. Essa interação com o ambiente estabelece mecanismos ontogenéticos significativos de aprendizagem e cognição individual relativo aos estudos de Tomasello (2003). Neste sentido, para os biólogos evolucionistas, a transmissão cultural, que seria um tipo de herança, produz uma tradição cultural. Vários aspectos da teoria de Tomasello (2003) descrevem como esses fatores ontogenéticos estão relacionados à compreensão do comportamento humano. Nas comunidades virtuais antifeministas, essa compreensão do comportamento, está baseada na identificação do indivíduo como *agente intencional*, em que ele passa a compreender as coisas, de certa forma, sob um ponto de vista em comum. Consequentemente, essa individualização permite considerar o outro como separado de si, diferente de seus semelhantes em valores e crenças, essa diferenciação cognitiva possibilita novas,

poderosas e particulares maneiras de herança cultural, que o autor define da seguinte maneira:

> Compreender as outras pessoas como agentes intencionais iguais a si mesmo torna possíveis (a) processos de sociogênese por meio dos quais vários indivíduos colaboram entre si para criar artefatos e práticas culturais com histórias acumuladas e (b) processos de aprendizagem cultural e internalização por meio dos quais indivíduos em desenvolvimento aprendem a usar e depois internalizam aspectos dos produtos criados pela colaboração entre co-específicos. (TOMASELLO, 2003, p. 19-20).

Portanto, podemos observar que o processo de aprendizagem humana não depende exclusivamente da herança biológica do organismo, mas de fatores históricos, sociais e culturais que desencadeiam sua capacidade cognitiva herdada biologicamente. Em vista disso, o meme de internet é uma prática cultural historicamente situada em colaboração com seus co-específicos, ainda que esta seja apenas compartilhando ou "curtindo" tais postagens.

2.2 A convergência entre a linguística funcionalista e a linguística estruturalista

As contribuições da linguística estruturalista, neste estudo, permitem referenciar o termo "feminazi" na perspectiva diacrônica que ora converge com a abordagem funcionalista, ora divergem entre código e conteúdo. Nesse sentido :

> Para os estudiosos funcionalistas, a dicotomia sincronia e diacronia contribui como método de investigação. Entretanto, reconhecemos que a abordagem sincrônica não se limita a um estudo do "estado estático" da língua, pois também permite perceber os usos divergentes de um item/contrução. Desse modo, dissentimos de Saussure, uma vez que a *mudança* também é possível na pesquisa sincrônica. Além disso, nas formas atuais permanecem traços antigos, permitindo a percepção de uma continuidade (VICENTE et al, 2016).

A concepção de signo linguístico definida no Curso de Linguística Geral, evidencia a complexidade em abordar a realidade como "produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua" (SAUSSURE, 1072, p. 33). Esse grau de abstração implica a impermanência das formas e sentidos no contexto imediato de interação, fenômeno que a linguística estruturalista diverge da funcionalista quanto ao princípio da arbitrariedade do signo. Assim:

> (...) temos no princípio da iconicidade a correlação existente entre forma e sentido por ela expresso, fato que contradiz a hipótese da arbitrariedade saussuriana. Entendemos que se a escolha de um significante para se aliar a um significado é arbitrária, muitas outras relações não o são (VICENTE at al, 2016).

A arbitrariedade do signo, no funcionalismo, integraria ao termo um *continuum* criativo, ou seja, o conceito de "feminazi" que recruta várias noções em uma forma pré-existente, reproduzindo significados arbitrariamente. O estruturalismo fornece a base da construção do sistema para compreender sua imutabilidade, contudo, o funcionalismo irá considerar cognitivamente os processos culturais que permeiam a ressignificação dessas estruturas e sua impossibilidade de existência dentro do sistema.

Essa relação possibilita ampliar o objeto de análise com elementos funcionalistas do contexto de uso reconhecidos na linearidade proposta por Saussure. Desse modo, o *subprincípio da ordenação linear* compreende a sequência de fatos descritos, nestes "shitpost's" em eventos cronológicos relacionados ao feminismo, quanto ao fazer uso do termo em questão nestas comunidades virtuais como forma de recontar a realidade.

O termo pode estar associado a uma imagem acústica (significante), mas não traduz o conceito, neste ponto há considerações relevantes que Saussure não admitia, e que estariam fora do sistema linguístico como: onomatopeias e interjeições e que no "shitpost" são representações de um fenômeno cultural. Contudo, consideramos relevante sua abordagem teórica para convergir com as manifestações comunicativas no contexto dinâmico das redes sociais.

2.2.1 A arbitrariedade do signo e o valor linguístico do termo "feminazi" na perspectiva Saussuriana

Observaremos a mudança entre ideia e signo no aspecto material em uma análise teórica da linguística estruturalista de Saussure (2012) quanto ao seu caráter arbitrário, significante e significado, dentre outros.

O nosso estudo é analisar, segundo os conceitos da teoria funcionalista, o uso do termo "feminazi" como ícone de representação do feminismo e como este é fornecido pela coletividade referente nas comunidades virtuais

antifeministas, que utiliza a cultura “shitpost” e o meme de internet como legitimação da discriminação da mulher. Neste sentido, a ideia de valor determinada pela união entre som e conceito limitaria sua ressignificação no sistema da língua. Consequentemente, não forneceria ao termo “feminazi” os significantes dos quais o pensamento necessita para estabelecer essa ideia. Para essa representação, o elemento da iconicidade da linguística funcionalista, focaliza a criatividade na adaptação dessas estruturas em diversos contextos de interação.

Para esta pesquisa, a contribuição de Saussure (2012) do valor linguístico, embora não aborde a língua como uma estrutura hegemônica de dominação nas interações sociais, reflete a plasticidade de sua estrutura fônica. Por meio do acoplamento entre som, ideia e signo, é então produzida uma forma. Essa forma seria o domínio fechado da imagem auditiva representada pelo conceito “feminazi” e seu elemento de significação no sistema. Desse modo, buscaremos descrever como a representação de uma ideia, presente no uso do termo “feminazi”, não pode fixar seu valor sem considerar o que é determinado pelos elementos que as cercam. Ainda que o termo se aplique quanto à arbitrariedade do signo em sua mutabilidade linguística e dessa maneira o uso do termo “feminazi” ganhe popularidade nas mídias digitais, seu significado é associado à várias noções na representação do conceito do que seja uma mulher feminista e que só pode ser segundo a gramática funcionalista compreendida em seu contexto discursivo.

Segundo Saussure (2012), existem termos que se enriquecem pelo contato com outros. Partindo desse princípio, a palavra feminista introduz a coexistência do termo “feminazi”, determinada por aquilo que rodeia seu valor linguístico conceitual, visto que só se pode fixar ao termo o valor que legitima sua existência. Contudo, seu significante é suscetível a mudanças de determinação de uma ideia. Assim, sua natureza não está fixada ao conceito da palavra, mas se opõe a um conteúdo determinado fora dela que não remete às mulheres que defendem a igualdade de direitos entre os sexos. Para além dos fenômenos estruturais, temos nessa mudança um contexto discursivo apresentado pelo ícone “feminazi”.

Para compreender o deslocamento entre significante e significado quanto ao uso do termo “feminazi” é necessário uma análise de sua natureza

morfológica. Esta expressão caracterizada pela junção de duas ideologias antagônicas, feminismo e nazismo, não representam a realidade de um signo linguístico. Por isso, consideramos nesta análise o emprego “termo” em oposição ao conceito de palavra, uma vez que este vocábulo não está dicionarizado, contudo faz parte do léxico da língua portuguesa, o que não impossibilita sua utilização dentro dos espaços virtuais. Logo, temos um neologismo com processo gramatical incomum para a formação de sua estrutura, todavia com possibilidades de uso real.

Essa possibilidade de uso pode ser observada na motivação do signo que o fato social, por si só, permite instituir no sistema linguístico. Diante disso, não podemos considerar este termo um domínio fechado, isto é, existente em si mesmo, nem reduzi-lo a uma nomenclatura, visto constituir em seu aspecto conceitual um elemento de significação. Para compreender melhor o valor linguístico externo ao signo sobre o funcionamento entre ideia e som, Saussure (2012), define da seguinte forma:

> Filósofos e linguistas sempre concordaram em reconhecer que, sem o recurso do signo linguístico, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e constante. Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa em que nada está necessariamente delimitado (SAUSSURE, 2012, p.158).

Diante do exposto, concluímos que a substância fônica não tem a capacidade de moldar o pensamento, mas fornecer os significantes para ele. Neste sentido, o termo “feminazi” serve de intermediário entre ideia e pensamento, assim, segundo o estruturalismo saussuriano, ele está no domínio das articulações. Todavia, devemos considerar seu significado em situações reais do uso concreto da língua, visto que *a gramática se alimenta do discurso* (MARTELOTTA, 2011). Além do significado, sua formação é altamente motivada discursivamente; femi (de feminismo/feminino) e nazi (nazismo = no sentido de extremista).

2.2.2 A arbitrariedade do signo linguístico: o termo feminazi, seu significante e significado na convenção

De acordo com Saussure (2012, p.109), “a palavra arbitrário requer também uma observação. Não se deve dar uma ideia de que o significado

dependa da livre escolha de quem fala", ou seja, não seria possível ao indivíduo estabelecer qualquer substituição ao signo, desde que este já esteja situado em um grupo linguístico.

Desse modo, as comunidades virtuais antifeministas refletem um grupo linguístico. Considerando que o significante do termo em questão tenha seu princípio num hábito coletivo na convenção, portanto, praticada na coletividade. Essa perspectiva não está ligada por uma relação interior do signo representada por uma sequência de sons, mas em seu significante, sua imagem acústica que determina sua representação mental. Nessa representação mental do termo o que importa é o conceito. Assim, "feminazi" é então a feminista radical que quer subverter os princípios preestabelecidos da normatização social e biológica entre os gêneros. De certa maneira, não é o som que importa, mas sua imagem acústica na consciência do indivíduo. Cabe ressaltar que essa representação mental está associada às experiências do indivíduo, refletidas como atividade social e cognitiva. Nestes grupos:

> (...) a situação comunicativa motiva a estrutura gramatical, o que significa que uma abordagem estrutural ou formal não é apenas limitada a dados artificiais, mas inadequada como análise estrutural. Em outras palavras, no uso da língua, determinados aspectos de cunho comunicativo e cognitivo são atualizados e, se queremos compreender o funcionamento da linguagem humana, temos de levar em conta esses aspectos (MARTELOTTA, 2011).

Para entendermos a natureza do signo é necessário compreender que o signo linguístico é psíquico, unido por um vínculo de associação. O termo utilizado nas comunidades virtuais antifeministas, como mencionado, faz parte do léxico da língua, pois arbitrariamente associa um significante a um significado, tendo como origem a fusão de duas palavras em seu processo de formação morfológica. Neste caso, a arbitrariedade do termo "feminazi" está associada a uma oposição semântica da palavra feminismo. Neste sentido, não há uma relação direta entre signo e significante, por isso o termo passa a exercer a função de ícone como representação mental das feministas e a situação do contexto virtual de interação motiva sua abordagem estrutural como descreveu Martelotta (2011), para o propósito comunicativo nessas comunidades.

Esse propósito comunitativo apresenta diversos níveis de representação que são introduzidos no discurso como componente conceitual nesses espaços virtuais de interação. Portanto o uso do termo reflete as intenções comunicativas para produção linguística de sua estrutura levando em consideração as experiências dos falantes.

3. AS RELAÇÕES DO TERMO "FEMINAZI" E SUA FUNÇÃO NO PROCESSO COMUNICATIVO DO "SHITPOST"

3.1 Funcionalismo e comunicação interpessoal

No uso contextual das mídias digitais em que a necessidade comunicativa exige mudanças, concebendo a língua como uma estrutura maleável e criativa, os princípios funcionalistas se adequam melhor aos objetivos de nossa análise por estarem vinculados ao contexto de uso.

A perspectiva funcionalista tem por base analisar a gramática como dependente de seu uso concreto, ou seja, o discurso (MARTELOTTA, 2011). Por isso, no funcionalismo as atividades sociocognitivas remodelam as situações imediatas de comunicação nas interfaces virtuais do ciberespaço, recriando padrões gramaticais a fim de conferir força informativa ao discurso (MARTELOTTA, 2011, p.63).

Decerto é necessário compreender que dentro do campo dos estudos linguísticos um mesmo fenômeno pode, e deve, ser analisado sob várias perspectivas teóricas, pois nem sempre o método investigativo utilizado pelo pesquisador permite abarcar de forma satisfatória todo o processo comunicativo. Neste sentido, nosso objetivo é utilizar a noção de função do uso do termo "feminazi" e seu papel nas comunidades de "shitpost" para abordar a concepção funcionalista de dependência dos elementos à sua situação comunicativa (MACEDO, 1998). O conceito de ser mulher como sujeito do feminismo e os problemas de gênero abordado por Butler (2003), o discurso como forma de ação sobre o outro (MAINGUENEAU, 2001) e a violência simbólica que reflete o poder simbólico desses grupos sociais (BOURDIEU, 1989).

Considerar o aspecto funcionalista compreende analisar a interdependência dos fatores comunicativos na construção das referências. A

relação intrínseca entre discurso e gramática consiste em entender que a língua não é um sistema autônomo, como define os formalistas, mas um processo mental que reflete a experiência dos interlocutores na negociação de sentidos. De fato, é preciso levar em consideração nesta construção de sentidos os aspectos cognitivos, contextuais e as circunstâncias discursivas. Neste caso, podemos observar como o termo “feminazi” emerge nas comunidades de “shitpost” replicando comportamentos rotinizados em rede, visto que seu propósito comunicativo reflete novas funções para as necessidades expressivas desses falantes. Sendo assim, examinaremos, neste estudo, os pressupostos de iconicidade e topicalização da gramática funcionalista tendo como referencial sua base sociocognitivista e os parâmetros funcionalistas na análise dos diferentes contextos sócio-interativos para a consolidação teórica em questão.

Neste aspecto, a perspectiva funcionalista de cognição reflete a elaboração de significados adaptados para cada situação de comunicação entre os indivíduos. Por isso, o funcionalismo resume duas propostas básicas de estudo de acordo com Martelotta (2011, p.158): “a) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; b) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico”. Neste caso, o uso do termo “feminazi” nas comunidades de “shitpost” assume o condicionamento externo ao sistema linguístico servindo ao propósito comunicativo do interlocutor, visto atribuir uma representação icônica como categoria gramatical para o termo em questão. É isto que Martelotta (2011) pressupõe: “A postura mais radical propõe que as funções externas (tais como os propósitos comunicativos dos interlocutores) definem as categorias gramaticais, de modo que não seria necessário postular categorias autônomas e independentes” (MARTELOTTA, 2011, p.159). Esses propósitos comunicativos são motivados pela correlação entre forma e função. Temos assim definido, o princípio da iconicidade. Seria o termo “feminazi” mais uma alternativa de dizer “a mesma coisa”, (MARTELOTTA, 2011) que feminista radical? Com certeza não. O termo é muito mais expressivo dada sua formação e relação histórica com o nazismo para representar o comportamento extremista e radical das feministas tal qual a ideologia nazista que rejeitava a luta de classes, e apoiava a hierarquia racial. Assim há uma relação clara entre sua forma e significado.

Vejamos o princípio da iconicidade e sua função comunicativa na análise do termo nas comunidades de “shitpost” antifeminista a seguir.

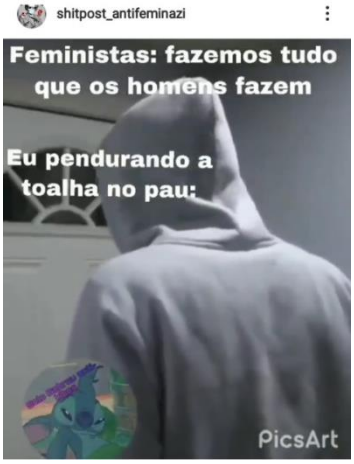
3.2 O Princípio da iconicidade, intenção e função comunicativa na construção motivada do termo “feminazi”

O princípio da iconicidade une diversas teorias funcionalistas, segundo a qual as estruturas linguísticas são motivadas e pressionadas pela função comunicativa. Givòn (2001) ressalta que algumas formas sofrem pressões diacrônicas por obscurecerem seu sentido original, e dessa forma, essas codificações não podem ser inteiramente icônicas. Seria então algo parecido com uma variante linguística que muda de geração para geração e que sofre pressões principalmente do contexto para satisfazer seu propósito comunicativo, ou seja, essa mudança representa uma necessidade linguística dos falantes. Todavia o termo “feminazi” é um bom exemplo para ilustrar a capacidade de um signo representar de maneira figurativa e funcional o objeto que é tomado como referência, que seria neste estudo o conceito apresentado nas comunidades de “shitpost” como as feministas radicais, que odeiam homens, desejam ser homens e almejam serem superiores aos homens, sem levar em consideração o contexto social e sem que ele mantenha relação de semelhança com os dados da realidade que esse signo reproduz.

A iconicidade é a semelhança que existe entre a forma e o que ela reflete, um exemplo são as onomatopeias nas figuras de linguagem, que objetivam traduzir o som de um espirro, ou o barulho de um trovão. Neste sentido, o signo icônico do termo “feminazi” é semiótico a depender do grau de similaridade com a realidade que reproduz motivada por sua iconicidade imagética representada pela estrutura base do “shitpost”, ressaltando que esta realidade é condicionada pela experiência cognitiva dos interlocutores, e isso é caracterizado pelo fenômeno da iconicidade na não materialização sintática do não dito, em outro aspecto o termo sintaticamente se manifesta entre forma e significado tanto no nível lexical, quanto sintático por apresentar um contínuo em sua forma e função no nível da sentença, considerando o uso entre seus constituintes nas comunidades virtuais.

Dessa forma, analisaremos o emprego do termo em uma página do instagram na qual o mesmo é utilizado para referenciar figurativamente as feministas radicais na descrição feita acima. Vejamos a figura 04:

Figura 04: Exemplo de “shitpost” antifeminista



Fonte: Página shitpost antifeminazi no Instagram[5]

De acordo com a postagem a relação de diferenças entre homens e mulheres está baseada apenas no campo da biologia, ou seja, na herança biológica e estrutural do sexo, não considerando outros fatores de ordem social, cognitiva ou cultural. Neste caso, o elemento da iconicidade reside no fato de referenciar o termo “feminismo” a um conjunto de práticas ideológicas desvinculadas de sua real ideologia. Essa prática discursiva permite às comunidades antifeministas a inserção do “feminazi” como representação lexical de ativação de sentidos negociáveis no processo interacionista nas mídias digitais. Ainda sobre a postagem acima, essa tida limitação entre homens e mulheres só pode ser ilustrada por um privilegiado fator: o biológico. Logo, seria este o único argumento legítimo de interpretação? Outro ponto é o caráter representativo do signo icônico que busca articular informações vinculadas às experiências de mundo dos interlocutores desses grupos, produzindo imagens mentais ativadas pelo seu repertório sócio-cultural. Desse modo, as convenções culturais e o domínio do sistema linguístico por parte do enunciador tem no signo icônico elementos que justificam a construção de uma materialidade visual representada pelo “shitpost” como única verdade. O

[5] Disponível em: <http//www.instagram.com/shitpostantifeminazi>.Acesso em: 22 abr. 2021

fenômeno da iconicidade no contexto de uso do termo “feminazi” é motivado pela relação entre *complexidade estrutural* e cognitiva considerando o conceito expresso por esta estrutura (CUNHA, 2015). Essa relação entre forma e função, código e conteúdo do “feminazi” não é uma construção arbitrária, mas motivada, embora nem sempre seja detectável, ela existe no subprincípio de integração que permite compreender a junção de duas palavras de ideologias opostas como um novo uso construcional na língua.

Essa classificação de que o feminismo não tem por objetivo a igualdade de direitos entre homens e mulheres, e sim, a imposição da superioridade da mulher sobre o homem utilizado pelo conceito do “feminazi” é parte de uma prática discursiva recorrente nas comunidades de “shitpost”. Neste signo icônico pode ser observado a adoção de uma nova atividade social da língua. Essa configuração é determinada por situações reais de interação, sem considerarmos a forma. Além disso, nessas circunstâncias de uso, as relações entre forma e função dependem dos fatores que atuam nessas comunidades virtuais, ou seja, há casos em que apenas as imagens estarão relacionadas ao termo para agir como elemento da iconicidade no texto, em outros casos o termo pode estar implícito no contexto. Vejamos este exemplo na figura 05:

Figura 05: “shitpost” sobre igualdade e feminismo

Fonte: Página memes antifeminismo no Instagram[6]

[6] Disponível em: <http//www.intagram.com/memesantifeminismo>. Acesso em: 17 jan. 2022

Nem postagem acima nem na imagem anterior há referência explícita ao termo “feminazi”, contudo, a imagem traz uma clara alusão ao elemento que pressupõe a ideia do autoritarismo feminista imposto socialmente, segundo estas comunidades. A iconicidade aqui funciona como guia temático para a construção de sentido por meio da imagem. Neste contexto, temos o elemento icônico relativo à isotopia que é a propriedade de um enunciado ser substituído pelo plano do conteúdo possibilitando um recorte do tema, o feminismo na cultura do “shitpost”. Dessa forma, o que sustenta a temática proposta neste pôster é a escolha lexical capaz de ativar signos que possam representar ideias que garantam a identificação semântica para a manutenção comunicativa intersubjetiva nesses grupos, ou seja, a imagem como experiências da realidade e o modo pelo qual a palavra feminismo possibilita interpretações que partem do conhecimento de mundo do leitor.

Considerando que ao utilizar a palavra feminismo o ‘shitpost” limite a situação comunicativa a um recorte temporal, a escolha do termo “feminazi” por sua vez seja mais persuasivo ao ressignificar a realidade orquestrada por fatores culturais de manutenção biológica entre os gêneros porque objetiva discriminar o movimento legítimo em favor de ideologias. Neste sentido, essa construção morfológica só é possível, pois o valor do signo remete a fatos significativos, consoante Peirce (2004). Essa relação depende de um acontecimento anterior ao qual o termo precisa estar relacionado, neste contexto ao feminismo. Consequentemente, o significado do termo “feminazi” se esvaziaria por não haver um referente. Ainda segundo Pierce (2004), fatos ou objetos não são, em si, fonte de conhecimento, visto que o feminismo nunca poderia ser associado ou até mesmo relacionado ao nazismo, que foi historicamente situado como ideologia fascista de exclusão política, cultural e social. Então, nesses processos de aprendizagem mediados pelas comunidades digitais de “shitpost”, o elemento da iconicidade, que remete ao feminismo é a imagem mental, o ícone criado pela imitação do objeto externo, ou seja, uma ideia que este representa como noção de semelhança, instituído para estabelecer uma realidade. Essa correlação natural entre forma e função no uso do termo é manisfesta na propriedade de conceitualização das feministas. Esse é um dos tipos de iconicidade relativa à escolha do termo para evocar o seu significado com a “imagem acústica” do conceito abordado pela

escolha lexical cognitivamente motivada. Há nas representações dos “shitpost’s” dois tipos de iconicidade, segundo estabeleceu Peirce (2004), que é espelhar por meio de imagem a relação entre item e referente, ou seja, a *iconicidade imagética*, a outra é a *diagramática* que faz uso de arranjos icônicos de signos sem haver a necessidade de semelhança na relação entre expressão e conteúdo.

3.3 A topicalização

Gramática é mutação. Esta reflete a estrutura da experiência, segundo os linguistas funcionais. O conceito de mundo abordado pelo funcionamento da mente. Há uma possível trajetória de mudança envolvendo o termo “feminazi” em favor de uma ideia. Ao relacionar o feminismo à superioridade social das mulheres sobre os homens, esta informação ocupa o primeiro lugar em sua relação de importância. Desse modo, a veiculação do feminismo ao termo “feminazi” tende a ser a informação mais acessível ao usuários das comunidades de “shitpost”, porque apresenta uma necessidade comunicativa dinâmica não preenchida cognitivamente.

O subprincípio de topicalidade permite compreender que este conceito está na sua interação comunicativa, ou seja, na compreensão relevante e direta deste fenômeno. Vejamos:

Figura 06 – representação da ideia de igualdade entre os sexos

Fonte: comunidade antifemista no Facebook[7]

A topicalização nesta imagem destaca a ideia central na palavra feminismo, considerando assim, que o feminismo não produz a igualdade entre

[7] Disponível em: < https:www.facebook.com/antifeminista/>.Acesso em: 15 mar. 2022

homens e mulheres, mas a supremacia da mulher em legitimar, segundo essa postagem, uma ideia restrita e equivocada, fazendo uso, implicitamente, do conceito de “feminazi” ao questionar a imposição de um grupo minoritário em detrimento da maioria.Outra característica neste pôster é a escolha lexical da palavra sexo, utilizada pela biologia como determinante genético, não considerando o contexto social da cultura dominante na qual as mulheres estão inseridas para promoção de uma verdade. A herança cultural nesse sentido é o fator de discriminação, visto que a percepção das diferenças e a crença na superioridade masculina são condições sociais pregressas de dominação. O subprincípio da topicalidade tende a apresentar a informação mais importante na ordenação sintática, ou seja, na linearidade como constituinte central funcionalmente motivada. Neste sentido, a linearidade é intencional nessas relações representacionais da língua, pois esta ordenação não é característica da estrutura, uma vez que coexistem padrões utilizados pelos falantes para seus propósitos comunicativos.

4. Formação discursiva e interdiscurso nos memes de internet: as comunidades de “shitpost” antifeministas e o processo de discriminação da mulher

Limitar este estudo a apenas uma concepção metodológica, restringiria também a compreensão da complexidade deste fenômeno linguístico. Para compreender as formações discursivas e o interdiscurso em Maingueneau (1997), o conceito de heterogeneidade ocupa lugar importante. Primeiro, porque define manifestações visíveis do gênero discursivo, dentre eles a imitação. Segundo, porque a partir do conceito da heterogeneidade temos um conjunto de condições de enunciação.

Dessa forma, as condições de enunciação estão presentes no discurso, permitindo não apenas expressar ideias, como também legitimá-las. Nesse sentido, as comunidades virtuais antifeministas promovem suas enunciações como verdade social através da heterogeneidade representada por manifestações explícitas arquitetadas na relação radical entre o “eu” interior com o exterior partindo das experiências do sujeito. Temos então a identidade como forma de organização de uma realidade imaginada, o que constitui uma

pós-verdade baseada em sua ressignificação no contexto enunciativo. Começaremos nossa análise pela noção de polifonia desenvolvida por O. Ducrot (1975) baseada na descrição de locutor, autor, e enunciador em que o autor é aquele que produz a estrutura, isto é, o recorte do meme, definido também como locutor responsável pela enunciação, aquele que a reproduz ou compartilha e que por meio desta enunciação fala dele mesmo na qualidade de ser no mundo; o enunciador é o personagem que expressa um ponto de vista. No caso do "shitpost", observamos a utilização recorrente de ícones do tipo: homem-aranha, Homer Simpson, e a Mônica como enunciadores, embora neste trabalho utizamos apenas a Mônica como exemplo até então. O "shitpost" é então produzido por um autor, mas este nem sempre é o locutor responsável pela enunciação, uma vez que o administrador do grupo apenas compartilha e reproduz o discurso de alguém utilizando a estrutura base do meme. Assim, da forma como essas comunidades virtuais representam a organização do discurso, temos dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores.

Neste contexto, minha análise estará fundamentada nos proponentes do modelo da linguística crítica de Roger Fowler, quanto à representação do discurso na concepção de ideologia-na-imagem. Especialmente, aquelas correspondentes à discriminação da mulher no ciberespaço. O corpo feminino nessas comunidades é a concepção político-ideológica de vulgarização da mulher, e ridicularização do movimento social pela garantia de direitos. Essa estrutura social do discurso é dependente das relações de poder e controle da qual Fowler relata. Nessa produção de significados nas redes, tudo é ideológico e a linguística nunca será constituida como um instrumento neutro, o que pode ser facilmente evidenciado por meio do meme na promoção do "shitpost".

O meme, como já mencionado neste trabalho, é um termo popular usado para descrever a rápida disseminação de uma ideia específica, em uma linguagem verbo-imagética, segundo Knobel e Lankshear. Partindo desse princípio, o interdiscurso induz as condições de produção do discurso através do meme de internet ao reconfigurar o sentido no contexto imediato das mídias digitais. Para redefinir o feminismo nesta íntima ligação com a memória discursiva, pressupõe uma gama de enunciados sociais e históricos exteriores

ao sujeito, ou seja, a elaboração de um discurso em relação a outro já existente para sua manutenção. Assim, essa manutenção é sustentada pela transmissão cultural no processo de aprendizagem por imitação e repetição.

Sendo assim, a corrente teórica predominante neste trabalho será a Análise Crítica do Discurso. Contudo, a ideia é refletir sobre as bases teóricas de cada área, uma vez que a escolha de uma prática analítica está condicionada sempre por fatores ideológicos, embora seja praticamente impossível alcançar o objetivo desta pesquisa sem aplicar, mais especificamente em algumas situações, a que se identifique com categoria de análise ao estudo em tela.

4.1 A formação discursiva no meme de internet

A polifonia no discurso é a característica em que é possível distinguir na enunciação dois tipos de personagens, o autor que é responsável pelo que enuncia, e o enunciador cujas vozes estão presentes na enunciação assim como personagens em uma ficção. Esse aspecto é bastante evidente quando analisamos o meme, considerando as comunidades virtuais que possibilitam variados tipos de enunciadores, todavia de autoria muitas vezes desconhecida. Ao realizar o compartilhamento do meme na cultura “shitpost” o enunciador permite expressar seu ponto de vista utilizando o atributo da ironia presente nestas postagens para afirmar uma postura insustentável, todavia sem as marcas de distanciamento das ideias reais que esta figura de linguagem consente.

Conhecer a autoria do meme teria alguma relevância para ato comunicativo? Uma vez que determinadas comunidades garantem o anonimato de seu usuário, há sempre questionamentos importantes a serem considerados. Essa relação polifônica entre locutor e enunciador autoriza a radicalização de posicionamentos como liberdade de expressão.

Para a heterogeneidade do discurso a imitação representa um fator relevante. Essa noção definida por Maingueneau assume possibilidades de valores opostos: a captação e a subversão. No primeiro caso, o autor define que a imitação por captação incida sobre a estrutura explorada, e no segundo caso, ocorre a desqualificação desta estrutura no próprio movimento da imitação. Diante disso, a clássica cena do personagem Homem Aranha que

segura um trem desgovernado e impede a morte de pessoas é utilizada como captação para um meme de internet. Para relacionar essa “cena fundadora” com a figura paterna provedora e protetora, o meme de internet substitui o trem por um ônibus que vai em direção a uma menina distraída que atravessa a rua. Nessa representação o personagem-herói é o pai, e a menina distraída, a filha feminista. Essa captação é significativa para comparar semanticamente esta formação discursiva. Vejamos o meme em questão:

Figura 07- anexo 22 “shitpost” Homem-Aranha

Fonte:comunidade de “shitpost” antifemista no Facebook[8]

Dessa forma, o falante se apaga por trás de um personagem pretendendo beneficiar-se deste tipo de enunciação. Nesse sentido, a captação constrói através dessa enunciação uma cena de legitimação, e uma outra formação discursiva.

Segundo a definição de subversão, Maingueneau (1997) afirma ser o reviramento do texto sobre ele mesmo. Na representação do meme, a fala da filha desqualifica o contexto discursivo em que pai-heroi é o provedor de todas as despesas e contas, assim ao agregar a esta informação a fala da filha de que “homem é tudo lixo” a finalidade é discriminar um dos tipos do movimento feminista. A subversão está na desqualificação presente na imitação da clássica cena do cinema para ridicularizar mulheres objetivando produzir humor, uma vez que ao fazer uso da imagem de um menino como referência

[8] Disponível em: < https:www.facebook.com/antifeminista/>.Acesso em: 22 mar. 2022

da “filha feminista”, o que se almeja é marginalizar um tipo de mulher. Mas talvez o exemplo mais significante de subversão seja a mulher antifeminista, criadora de conteúdo, das comunidades de “shitpost”. Como exemplo de subversão da própria estrutura, analiso este meme da figura 08.

Figura 08 - “shitpost” O rei dos idiotas

Fonte: comunidade shitpost antifeminazi no Facebook[9]

A subversão pode ser observada na estrutura da frase: “Eu sou um homem feminista”. Intencionalmente, há uma forma de ironia que subverte internamente o discurso feminista, e desqualifica a própria enunciação, quando o personagem “passa a coroa”, pressupondo a impossibilidade de um homem defender o direito das mulheres, sem abrir mão, em contrapartida, de seu posicionamento social.

A análise do Discurso, e a Análise Crítica do Discurso aborda o conceito de formação discursiva com perspectivas específicas para cada autor. Para Pêcheux, há um controle no discurso exercido pelo sujeito, porém, esse não é um sujeito autônomo, ele é histórico e fragmentado. Essa visão está ligada ao materialismo histórico de Max. Dessa forma, o sujeito é um desdobramento das contradições de classes. Ao (re) produzir um meme de internet em uma comunidade antifeminista de “shitpost”, ele pensa ter o controle do seu próprio dizer, mas nem o sentido nem o sujeito podem estar fora de sua formação discursiva, na perspectiva de Orlandi. Nesse sentido, o discurso não é uma forma de comunicação entre o “eu” e um “tu” que tem um objeto referente, pois se ele não controla o seu próprio dizer é impossível a simples troca de mensagens, porque não há um único sentido para elas.

[9] Disponível em: < https:www.facebook.com/antifeminista/>.Acesso em: 25 mai. 2022.

Nas reflexões adotadas por Van Dijk, é interessante observar a concepção interacionista da língua, além dos elementos extralinguísticos, ou seja, o contexto sócio-histórico em que os discursos são produzidos. O que até a década de 1970 não tinha a devida importância, pois o aporte teórico era de base estruturalista. A contribuição desse teórico holandês é a multidisciplinaridade de análise. Segundo o autor, não é suficiente analisar o discurso apenas em seu nível linguístico, sem considerar as estruturas sociais como: "família, escola, corporações midiáticas, posições de poder, movimentos sociais e instituições governamentais" (Van Dijk, 2018, p.119). A relação estabelecida entre Pêcheux e Van Dijk reside no fato de o sujeito estar situado, social e historicamente, uma vez que o comportamento discursivo não está isento da manipulação dos usuários da língua na produção do discurso, contudo, há restrições contextuais. Van Dijk explica que não existe objetividade nas estruturas sociais para determinar o que um sujeito diz em dada situação, ele comenta:

> *[...] não são o gênero, a classe social, a etnia ou o poder, vistos como elementos "objetivos", que controlam a produção ou a compreensão de textos escritos ou falados, mas, isto sim, se e como os participantes interpretam, representam e fazem uso de tais restrições "externas", e especialmente como eles o fazem em interações situadas (Van Dijk, 2019ª:163).*

Para o teórico, é necessário que exista uma ponte que estabeleça a relação entre estrutura social e estrutura discursiva, que ele define como caráter sociocognitivo. Dessa forma, "contexto é a representação mental que os participantes fazem das propriedades relevantes da situação social na qual interagem e na qual produzem e compreendem os textos escritos e falados" (Van Dijk, 2005:75). As redes ou comunidades virtuais são ótimos exemplos desse caráter sociocognitivo, por meio da interação e interpretação das estruturas sociais e discursivas. Essa realidade permite legitimar o comportamento de grupos antifeministas de "shipost" utilizando figuras de linguagem, que caracterizam a ironia presente nos memes de internet. Assim, o meme de internet se constitui no interdiscurso de uma formação discursiva.

4.2 O Interdiscurso no meme de internet

Nas comunidades virtuais antifeministas, a formação discursiva apresenta representações equivocadas e instáveis de “visão de mundo” de determinado grupo social. Significa dizer que o interdiscurso presente no meme de internet não é uma projeção isolada de um discurso. Há assim, outros discursos, anteriores e independentes, que mantém com ele a mesma formação discursiva. Segundo Maingueneau, é preciso definir uma formação discursiva a partir de seu interdiscurso:

> *O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos. (MAINGUENEAU, 1997).*

Ao reconfigurar os elementos pré-construídos em outros discursos, o meme de internet estabelece uma relação com seu contexto imediato. Isto é possível, pois segundo Maingueneau, toda formação discursiva é associada a uma memória discursiva, que se repete, recusa ou transforma outras formulações inscritas na história. Tendo em vista que, as comunidades de “shitpost” relacionam à menor unidade de significação representada pelo meme de internet um elemento interdiscursivo. Quando uma formação discursiva atua através dessas comunidades virtuais esta forma de enunciado antifeminista, faz penetrar no Outro a interpretação de suas próprias categorias. Assim, os sentidos neste espaço discursivo são instáveis, pois se constroem no intervalo entre as posições enunciativas. Há um fator que determina o que *se deve falar* e não *se deve compreender*: a intercompreensão. Em sua vertente positiva, “se ela proíbe que um mesmo sentido circule de um sujeito para outro, ela também possibilita que os sujeitos partilhem o mesmo discurso, falem da mesma coisa” (Maingueneau, 1997). Considerando também por meio deste conceito, nestas comunidades, o apagamento ou a negação em reconhecer a importância social do movimento feminista.

Na perspectiva metodológica da linha francesa, o conceito de interdiscurso é um dos elementos constitutivos de produção do discurso. Mediante esta análise o interdiscurso é muito mais do que uma simples relação entre discursos. Segundo Orlandi (2005), essas condições de produção

compreendem os sujeitos e a situação. Conforme a autora há dois pontos de vista para as condições de produção: o contexto imediato, e o contexto histórico e ideológico. No sentido mais amplo dessas condições, a memoria também pode ser compreendida como interdiscurso. Para comparar a concepção de Maingueneau, com a de Pêcheux acerca do interdiscurso, tomo a seguinte citação:

> *O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciador. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (ORLANDI, 1992, p.89-90).*

Nesta abordagem, a memória é o interdiscurso do "já-dito", o pré-construído também definido por Maingueneau, e que em Pêcheux pressupõe uma relação direta da História com o social. Então, como o "já-dito" está presente no meme de internet sobre a mulher feminista? Que são mulheres feias, que odeiam homens, está contra a família tradicional, e a favor do aborto. Assim, para que o interdiscurso atue sobre o sujeito, é necessário que o que já foi dito seja esquecido, e há basicamente duas formas de esquecimento, de acordo com Orlandi (2005): O esquecimento enunciativo, e o esquecimento ideológico. O primeiro é a maneira como são utilizadas as palavras pelos interlocutores, a seleção lexical que infere sobre a produção de sentido, ou seja, o que é selecionado, e o que é rejeitado. O segundo relaciona o que é dito na atividade discursiva com outros discursos preexistentes acionados na memória. Tanto Maingueneau, quanto Pêcheux consideram os elementos pré-construídos do discurso um dos fatores preponderantes das condições de produção. Todavia, o teórico holandês, além do esquecimento define apagamento e denegação, como já dispostos anteriormente.

No campo da cognição, Van Dijk também aborda o conceito de memória no discurso, mas não a referencia ao interdiscurso na mesma perspectiva de categorização de análise da linha francesa. No entanto, ele define que:

> o fato de uma sequência ser interpretada como um fragmento coerente de discurso não se deve tanto aos liames de "significado" entre as frases subsequentes, como acreditávamos nas primeiras gramáticas de texto, mas às relações (supostas) entre os "fatos" a que as frases se referem (VAN DIJK, 2019, p.159).

Desse modo, a concepção de memória no discurso está associada ao processo de representações da situação discursiva, ou seja, inferências ou frames possíveis sobre essa atividade. Seria antes uma condição referencial (extensionais), que conceituais (intensionais). Embora o autor trabalhe com a semântica do discurso, sua análise cognitiva permite verificar além da estrutura e seus referentes, o comportamento e aprendizagem nos mecanismos interacionistas da linguagem.

4.3 A linguística crítica no contexto dos memes de internet

Além da importância em analisar as formações discursivas e o interdiscurso presente nas comunidades de "shitpost" antifeminista, a linguística crítica é relevante para compor este estudo. Nesta concepção, o aporte teórico estará fundamentado na formulação de Roger Fowler.

Importante considerar a linguística crítica como mecanismo instrumental de análise do discurso público, objetivando assim chegar à ideologia implícita através dos códigos das proposições abertas. A linguística crítica define que todas as representações no discurso são condicionadas por um sistema de valores através da linguagem. Desse modo, a linguística crítica é uma teoria da representação sem juízo de valor, ou seja, representações relativamente variadas. Essa designação "crítica" é reflexiva. Neste sentido, temos a definição social resumida por Connerton:

> *A crítica [...] objetiva a mudança ou até a remoção do que é considerado como consciência falsa ou distorcida [...] A crítica [...] torna transparente o que previamente estava oculto, e, ao fazer isso, inicia um processo de reflexão própria, nos indivíduos ou em grupos, destinado a romper com a dominação de limitações passadas (Connerton, 1976, p.20 apud Fowler).*

Esse modelo linguístico de análise tem por base expor representações falsas e discriminações na diversidade de tipos do discurso público. De acordo com essa perspectiva teórica, os linguistas críticos observam propagandas políticas, documentos oficiais, gêneros formais, etc. embora o meme de internet, de modo geral, não possa ser considerado formal, mas um fenômeno comunicativo, ele não deixa de ser um discurso público, visto que além de circular nas mídias digitas, seu conteúdo é extremamente sexista. Para que ocorra efetivamente a conscientização e mudança social é necessário

compreender os processos sociais que deram origem a esses textos, ou seja, analisar o contexto.

Em síntese, esse conceito teórico-metodológico abordado pela linguística crítica, é um avanço significativo nos estudos da linguagem. Nele é possível promover leituras mais conscientes das formações discursivas dos textos. Possibilitando assim, o diálogo com suas fontes. Esse diálogo pode ser interno para o leitor, ao aprender questões sociais na tomada de consciência do problema, ou real para o locutor, manifestada pela interação com o outro.

4.4 As comunidades de "shitpost" antifeminista e o princípio da cooperação

O "shitpost" surgiu como gíria de internet em fóruns de discursão, em meados dos anos 2000. Dessa forma, caracterizava-se, no início, para classificar um pôster com pouco recurso tecnológico. Consequentemente, este conceito passou a determinar postagens consideradas fora de tópico e agressivas. Ainda é imprecisa uma definição concreta para o termo, devido à ressignificações que vem adquirindo no contexto do ciberespaço comunicativo. Todavia, neste trabalho, abordo o "shitpost" como elemento de transmissão cultural.

Ao ingressar em um processo de comunicação verbal, como as comunidades antifeministas de "shitpost," é necessário conhecer as "regras do jogo". Essa é a condição. Por isso, algumas dessas comunidades são restritas quanto à visualização e autorização para a aceitação de usuários. Na verdade, no "shitpost" a regra é: quanto mais ilógica, sem propósito ou agressiva for a estrutura da postagem, mais "likes" ela deve receber. Essas regras como define Maingueneau, são convenções tácitas. Significa dizer que, a interpretação proveniente dos memes de internet nesses grupos virtuais é denominada *leis do discurso* pelos franceses. Seria o mesmo que dizer que tais leis desempenham função importante na interpretação dos enunciados. Cabe ressaltar que é um conjunto de normas que os interlocutores devem respeitar. Grice designa essas leis dependentes de uma superior, que ele chama de *cooperação*. Assim, os interlocutores interagem de forma colaborativa curtindo e compartilhando essa troca verbo-imagética.

Mesmo fazendo uso do humor e da ironia, para as leis do discurso este enunciado é “sério” e foi produzido com a intenção de comunicar. Isso porque muitas vezes o humor é uma proposição implícita. Dessa forma, segundo Maingueneau (1997), o confronto do enunciado com o contexto de enunciação, quando respeitadas as leis do discurso é chamado de subentendido. Outro tipo de implícito é o pressuposto, que vem inscrito no enunciado. Esses princípios da cooperação é uma das formas de compreender o que está constituído na comunicação verbal.

Para recorte de análise, abordo apenas dois conceitos do princípio da cooperação. Tendo em vista que o objetivo principal desta pesquisa é analisar as formações discursivas e o interdiscurso nos memes de internet nas comunidades antifeministas de “shitpost”. Sendo assim, faz-se necessário compreender como o contexto de produção do discurso pode ser aplicado ao princípio da cooperação nesses grupos virtuais. Visto tratar-se de um fenômeno comunicativo em rede de forma colaborativa tanto no compartilhamento, curtidas ou (re)produção de enunciados.

5. Metodologia

5.1 O objeto da pesquisa: o que é “shitpost”?

O “shitpost” é uma forma de produzir conteúdo nas redes sociais através de uma técnica de recorte e colagem de imagens, semelhante ao meme de internet. Todavia, ele rompe com a previsibilidade característica dos memes de internet ao não apresentar um efeito de sentido lógico em sua estrutura-base em comparação com o meme, ou seja, embora também utilize imagem e repetição característica desse fenômeno comunicativo, geralmente, sua temática é extremamente agressiva, o que também o difere do meme, contudo não negamos seu propósito e sua lógica.

O termo “shitpost” em uma tradução livre quer dizer “postagem de merda”. Essa expressão era utilizada, em meados dos anos 2000, como gíria de internet para classificar postagens em fóruns e *imageboards* tidas como: fora de tópico, malfeitas, ou irrelevantes. Na definição do Urban Dictionary, o

“shitposting” se caracteriza principalmente pelo absurdo e a negação da lógica na tentativa de criar novas perspectivas de humor, ou melhor, o anti-humor. O termo então foi agregando diferentes significados e abrangendo outros contextos comunicativos em rede. Assim, a diferença básica entre um meme de internet e o “shitpost” é que, enquanto o meme de internet é baseado na previsibilidade da repetição para causar o riso, o “shitpost” é, esteticamente, anti-mimético, ou seja, ele não pode ser caracterizado como imitação, além de produzir um tipo de humor indireto e alternativo como no exemplo da figura 09:

Figura 09 – ”shitpost” e a não-lógica

Fonte: comunidade Grupo de shitpost no Facebook[10]

A imagem acima foi coletada de um grupo do facebook, intitulado como “shitposts...”. Esta apresenta alguns dos elementos descritos nesta pesquisa, tais como: a falta de lógica, a quebra de previsibilidade, e um humor agressivo ao utilizar palavras de baixo calão.

Partindo deste princípio, o “shitpost” é popular por ser transgressivo ao utilizar de forma descontextualizada a técnica do recorte e montagem de imagens, lembrando a vanguarda Dadaísta. As obras desse movimento eram vistas como revolucionárias por não representarem unidades de significação, remetendo a algo surreal. Esta arte pertencente às vanguardas europeias do

[10] Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1262192717542789permalink/1423111184784274/>. Acesso em: 08 fev.2022.

século XX tinha como lema: “a destruição também é criação”. Nesse sentido, o dadaísmo queria subverter todos os valores em vigor. Talvez seja esse um dos aspectos mais relevantes para entendermos este fenômeno interacionista da comunicação nas comunidades virtuais antifeministas, pois a intenção é justamente produzir algo aleatório utilizando personagens universais para obter como resultado a quebra de paradigmas, e de determinados padrões sociais.

Essa técnica de desconstrução de determinados estereótipos através da saturação de imagens para “quebrar” a expectativa do interlocutor, no “shitpost,” é a principal característica para produzir seu efeito de anti-humor. Dessa forma, as comunidades virtuais antifeministas (re)produzem por meio do interdiscurso um conteúdo ostensivamente fútil e ofensivo. Intencionalmente, esses memes na cultura “shitpost”, atuam como processo de construção ideológica de submissão e aprofundamento da desigualdade entre os gêneros como forma de subverter os estudos feministas.

Esse é um dos objetivos do “shitposter”, pessoa que substitui o verdadeiro conteúdo de um texto, imagem ou vídeo, por um conteúdo sarcástico, ou por uma piada, de acordo com o dicionário informal online. Assim, para as comunidades de “shitpost” antifeministas, quanto maior o número de visualizações desses memes, maior será também sua replicação e viralização. Outro fator importante nessas comunidades é o uso do termo “feminazi” e suas relações associativas com a palavra feminista.

5.2 Caracterizando o corpus de trabalho

A metodologia a ser utilizada está fundamentada em uma abordagem quali quanti durante a concepção deste estudo para o aprofundamento, compreensão e discussão do tema.

Ressaltamos que a pesquisa qualitativa conforme Minayo (2001), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Sendo assim, o principal objetivo em uma pesquisa qualitativa é contribuir para a ampliação de determinada área de estudo e conhecimento.

Este estudo será desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa, descritiva, explicativa e interpretativa, por meio de técnicas procedimentais como: estudo bibliográfico por meio de livros, teses e dissertações para levantamento e consolidação do referencial teórico, estudo com foco nos posicionamentos e perspectivas socioculturais sobre os estudos feministas, nas comunidades virtuais de “shitpost” para aprofundamento e discussão sobre gênero e sexualidade. Realizaremos observação não participante e estudo descritivo em redes sociais voltada à produção e circulação da cultura “shitpost” com atuação feminina nesse contexto de uso, além da análise sociopolítica e histórica do fenômeno abordado. Nosso corpus será memes de internet na cultura “shitpost” que abordem a discriminação, criminalização e legitimação de práticas sociais de controle da cultura androcêntrica dominante por meio do uso do termo “feminazi” como representação conceitual de ressignificação do feminismo.

Os dados que compõem o corpus da pesquisa foram coletados em comunidades virtuais de “shitpost” do Facebook e páginas do Intagram. Para ter o acesso aos dados não é necessária uma participação ativa, embora exista alguns grupos de “shitpost” fechados que só permitem o ingresso com autorização do administrador da página. De modo geral, a observação foi realizada de forma não-participativa que resultou em 72 materiais para análise dentre memes, “shitpost” e seus respectivos comentários na consolidação do referencial teórico. Desse modo, o critério para seleção foram comunidades virtuais de “shitpost” que abordassem o tema proposto, de forma bem específica a relação de sentido entre o termo “feminazi” e feminista quanto aos contextos sociopolíticos e de padrões culturais que demonstrasse a determinação biológica como legitimação para a desigualdade entre os gêneros, tendo em vista o número de curtidas e seus respectivos comentários, sua contribuição e relevância quanto a finalidade do uso do termo “feminazi” como fator de discriminação, além de elementos textuais que evidenciassem a transmissão cultural como fundamento de criação e reprodução desses memes na sua formação discursiva. Em seguida, buscamos o que caracterizasse na perspectiva funcionalista os pressupostos da iconicidade como representação do termo “feminazi”, dentre eles o subprincípio da marcação, da informatividade, topicalização e quantidade, objetivando além das experiências

de mundo dos interlocutores, o que consideramos provocativo como criminalização do movimento feminista e o processo de vulgarização das mulheres quanto ao uso do termo.

Alguns aspectos foram considerados para a coleta dos dados como critério de análise, dentre eles os que apresentaram maior número de comentários, complexidade linguística, visualização e curtidas. As construções sintáticas cognitivamente motivadas, que em sua estrutura exibiram diferentes graus de marcação mediante a interação com princípios mais simbólicos na relação icônica imagética do “shitpost”, dentre esses recursos está a conceitualização do comportamento da mulher, quanto a complexidade de uso ou complexidade cognitiva, tendo em vista o *subprincípio da informatividade* e o *subprincípio da quantidade* relativo à codificação dos referentes: “feministas/feminismo/feminazi”. Outro critério analisado está relacionado à abordagem dos tópicos discursivos que trazem maior número de adjetivos qualificadores depreciativos relacionados às mulheres. Dessa forma, refletem a maneira de organização do discurso para atingir seus objetivos comunicativos. Selecionamos os comentários e “shitpost’s” que fazem alusão, ou uso do termo “feminazi” ou “feminazismo”, o elemento que serviu como grau de centralidade dos enunciados. Assim, consideramos os dados em que a codificação de referente do termo foi relevante para a compreensão da sua estruturação na representação do feminismo nessas comunidades virtuais. Alguns serviram como dados de controle que estão nos anexos deste trabalho, uma vez que orientaram o processo, a discussão e as decisões estratégicas deste trabalho, visando o levantamento, armazenamento para o bom uso dessas informações.

Em nossa análise selecionamos e identificamos estatisticamente alguns padrões culturais que são replicados nesses memes, dentre eles temos os que referenciam o feminismo ao desejo das mulheres de serem homens, biologicamente. A corporificação também é um traço marcante nessas postagens como a caracterização masculina da mulher nessas imagens. Outro padrão que se repete está relacionado a função social feminina, ou seja, enumeramos matematicamente a reprodução do esteriótipo da mulher dona de casa para reforçar o conceito do determinismo biológico.

À luz de estudos de Van Dijk (2019), Tomasello (2003) entre outros autores, realizaremos a análise de nossos dados a fim de referendar nossas hipóteses.

6. Análise dos dados

Comunidade é um termo dado à criação de grupos em redes sociais. Nesses grupos, há uma diversidade de ferramentas disponíveis aos seus usuários. Estes podem criar ou reproduzir conteúdo de forma reservada apenas aos membros da comunidade, ou ter suas publicações visíveis a qualquer persona[11] que acessar. O administrador, ou seja, aquele que cria a comunidade define quem pode ou não visualizar tais postagens. Vejamos um exemplo apresentado na figura 10:

Figura 10 – Comunidade virtual do Facebook

Fonte: página inicial do grupo Comunidade Extremos no Facebook[12]

Nesta imagem podemos visualizar que este grupo é privado, ou seja, seu conteúdo é reservado apenas aos membros da comunidade. Geralmente, apresentam uma breve descrição quanto ao tema que será compartilhado,

[11] Neste sentido, persona é o perfil ideal do membro em potencial dessas comunidades.
[12] Disponível em: <http//www.facebook.com/comunidadeextremos>.Acesso abr. 2023

também pode ser visto o número de participantes, além da data de criação e histórico das atividades realizadas pelo administrador.

Na rede social Facebook, há a possibilidade de se ter uma página vinculada a uma comunidade. A diferença básica é que a página facilita o contato do público com marcas ou artistas, já os grupos são restritos a um número de pessoas e voltados para discussões privadas como visto na imagem acima. Esses aspectos podem ser definidos como mecanismos específicos de comunicação. Outro fato sobre sua funcionalidade é que nas páginas o nome do administrador é mantido oculto, e pode ser gerenciada por várias pessoas, que não precisam ser identificadas. Nos grupos, toda publicação feita pelo administrador é publicada no seu próprio nome, em alguns deles tentamos acesso, todavia é preciso aprovar a entrada de novos membros, devido à restrição imposta pelo administrador a esse tipo de discussão em rede, o que não acontece em uma página. Vejamos este exemplo da figura 11:

Figura 11- página de meme

Fonte: Página inicial Minha vida é um meme no Facebook[13]

Observamos algumas diferenças no layout da página em comparação com a da comunidade. Nela é possível identificar o número de curtidas e sua

[13] Disponível em: <https//www.facebook.com/VidaDeMemeOFC>.Acesso em: 28 abr. 2023

classificação das publicações avaliadas pelos usuários da rede. Outro fator é que suas postagens podem ser visualizadas sem que seja necessário ingressar como membro, ou seja, elas não intentam à privacidade.

Neste sentido, as comunidades virtuais antifeministas de “shitpost” objetivam manter de maneira geral a privacidade dos seus membros, não de seu administrador. Elas fornecem o vínculo necessário para sua rede de cooperação em massa. Dessa forma, a base de toda esta rede cooperativista é sustentada pela crença em uma “ordem imaginada” e mitos compartilhados. (HARARI, 2020). No caso desses grupos, essa cooperação tem como objetivo oprimir mulheres e aprofundar a desigualdade social e biológica entre os gêneros. De modo geral, pensar em cooperação humana nos leva a questionar o sentido altruísta que o termo pressupõe, pois historicamente a maioria dessas redes de cooperação objetivavam a opressão e exploração, uma vez que desde tempos remotos para coordenar ações como no antigo Império Romano era preciso subjugar pessoas para alcançar o resultado esperado como a construção de anfiteatros realizadas por escravos. Para compreender essa relação de poder que o “shitpost” exerce no ambiente virtual, partimos do princípio de sua não previsibilidade, o que lhe confere uma característica transgressiva dentro desses grupos. Visam contrapor uma verdade mediada por fatos históricos, utilizando a linguagem verbo-imagética dos memes de internet, e o anti-humor na garantia da comunicação em massa, justamente, por sua popularidade nessas plataformas. Para compreender como esses grupos contribuem com a discriminação do feminismo e vulgarização da mulher, vejamos esta postagem coletada da rede social Instagram:

Figura 12 – Titanic e feminismo

Fonte: página Memes_antifeminismo no Intagram[14]

A postagem acima permite concluir que historicamente as mulheres nunca precisaram do feminismo para garantir a legitimidade de seus direitos, pois este é inato como herança biológica, assegurado pelos próprios homens. Desse modo, não há sustentação para que o movimento feminista ganhe espaço e autonomia política no contexto social, de acordo com o texto da imagem. Essa é a informação central que interfere na interpretação do meme em questão. Há uma clara relação entre fenômenos mentais e sociais nesta abordagem. Segundo a perspectiva sociocognitiva, analisamos como o conhecimento do indivíduo é estruturado em sua mente, e acionado para a resolução de questões. Sendo assim, as comunidades virtuais antifeministas são o reflexo da transmissão cultural em que as mentes atuam como um processo de aprendizagem coletiva por imitação e repetição. Podemos considerar sobre esta postagem, que o feminismo não é um movimento legítimo das mulheres. Ao submeter o uso da palavra “tapa” em sua forma metafórica como evidência histórica de percepção do mundo e constituir o fator histórico como estratégia cognitiva para ressignificar a realidade, temos a escolha lexical e numérica como fundamentação para esta declaração. Vale salientar que em uma pesquisa realizada pela Universidade de Uppsala, na Suécia, em que foram analisados 18 acidentes marítimos entre 1852 a 2011, o

[14] Disponível em: <https://www.intagram.com/memesantifeminismo>.Acesso em: 12 jul. 2022

estudo concluiu que mesmo existindo a regra “mulheres e crianças primeiro”, o que prevalece nos acidentes com embarcações é a norma “cada um por si”. O percentual de sobreviventes do Titanic referente a soma entre mulheres e crianças, segundo o mesmo estudo, foram de 70% em comparação a 20% de homens. Contudo o caso é uma exceção entre esses tipos de acidentes, pois em quase todos os casos analisados o resultado concluiu que 72% das mulheres morreram[15]. Sendo assim, pensar que em casos de salvamentos em acidentes marítimos as mulheres são privilegiadas é um engano. Diante disso, os dados da postagem estabelece uma estratégia argumentativa para criar uma noção de verdade e satisfazer os que já estão convencidos disso.

O modo como a informação é compartilhada no “shitpost” em questão é o que chamamos na linguística funcionalista de princípio da informatividade. Segundo este princípio, toda codificação linguística compartilhada serve para informar sobre algo do mundo interior, ou exterior objetivando persuadir seus interlocutores. Nesse sentido, a ênfase nos dados percentuais apresentados na postagem é a informação e o recurso utilizado no convencimento, e também manipulação de que o feminismo é uma farsa. Este é então o referente para estabelecer inferências sobre sua conceituação. Dessa maneira, este referente, feminismo, é classificado a partir da noção de *conhecimento compartilhado* nessas comunidades. Logo, é importante observar esses elementos linguísticos, pois interferem no sentido e ordenação que assumem no ato comunicativo (MARTELOTTA, 2011). A quantidade de informação apresentada na referida imagem, remete ao segundo *subprincípio,* o *da quantidade* sobre o qual Slobin, afirma que:

> quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão (SLOBIN apud MARTELOTTA, 2011, p,168).

Esse subprincípio pode ser visto na palavra feminismo, que deriva de feminino, oriundo do latim “femina”, que significa “mulher”, ampliando dessa forma seu campo conceitual. Desse modo, o movimento feminista é o ato de

[15] Artigo publicado no portal do G1 em 31/07/2012 na seção de ciência e saúde sob o título: Titanic foi ‘exceção’no perfil dos mortos em naufrágio, diz pesquisa. Disponível em: <http//g1.clobo.com/ciência-e-saude/noticia2012/07/titanic-foi-excecao-no-perfil-dos-mortos-em-naufragio-diz-pesquisa>acesso em 20/12/22.

conceder às mulheres o direito de participação social, o que segundo a análise do “shitpost”, fica evidente que a decisão tomada é feita pelos homens, pois em meados do século XIX, elas eram tidas como “sexo frágil”, sempre em posição inferior. Outro exemplo, é a repetição do substantivo “homens” e o número “80%” para expressar a característica de reiterar a informação descrita, reforçando e intensificando a ideia de “igualdade” subentendida no texto, mas não sua veracidade. Isso é o que na dialética é chamado de arte de tornar suas afirmações verdadeiras, ou seja, a *lógica da aparência*, assim para defender afirmações falsas é preciso atacar o opositor destruindo suas certezas. O sentido final desta estratégia é ter razão, não a verdade, conforme Schopenhaer (2014)[16]. Sendo assim, o *subprincípio da informatividade* reflete a complexa atividade em elaborar os significados nesta interação como fato inquestionável, visto haver evidências históricas e culturais para garantir a crença nesses valores sociais.

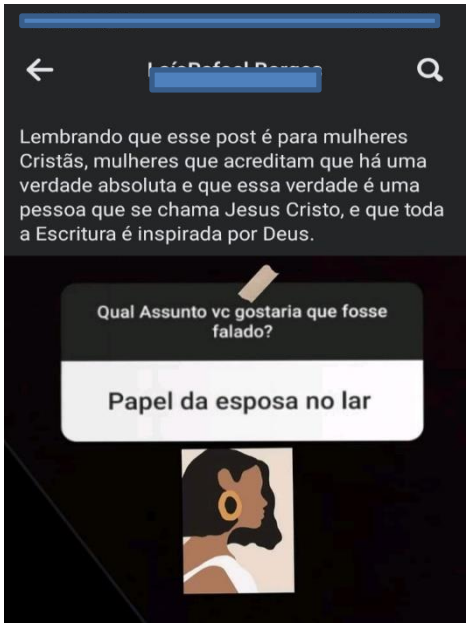
Culturalmente para algumas pessoas, ser mulher está associado à sua capacidade de ter filhos, cuidar das atividades domésticas com primazia, e viver em função do marido. O termo “mulher”, segundo Butler (2003), apresenta um problema de identidade comum para a noção jurídica de sujeito. A representação da mulher como sujeito do feminismo é a problemática central abordada sobre variadas perspectivas teóricas em *Problemas de gênero*, de Butler (2003). Ainda sob esta análise, a autora declara que a ideia de representação só fará realmente sentido quando o seu referente presumido não for o sujeito “mulheres”. Além disso, essa representação não é absolutamente legítima, uma vez que inclua apenas determinado grupo de mulheres.

Ainda sobre o papel social da mulher temos o determinismo biológico como fator de afirmação cultural. Dessa forma, em um fórum de discussão na rede do Facebook, uma questão é levantada: “o papel da esposa no lar”. Isso denota que existam padrões de comportamento social relativos à categoria binária de sexo como regra, ou contrato estabelecido para um grupo definido

[16] SCHOPENHAER, Arthur. 38 estratégias para vencer qualquer debate: a arte de ter razão. São Paulo: Faro Editorial, 2014.

de mulheres. Há uma justificação prévia na referida postagem, como observaremos a seguir:

Figura 13 – caixinha de diálogo



Fonte: Comunidade virtual antifeminista do Facebook[17]

Há uma clara relação de sentidos que perpassa este texto. A palavra "papel" como propósito interacionista de identidade entre seus interlocutores, estando pressuposto na discussão ao especificar a mulher cristã e sua função discursiva de tópico. Essa construção é orientada pelos contextos de uso e padronizadas como manutenção discursiva das experiências do falante. Estrategicamente, esta rotinização da expressão "papel da esposa" marcada cognitivamente em sua categoria gramatical binária reflete a relação entre forma e conteúdo. Podemos analisar o contexto de uso desta expressão: "papel da esposa", relacionada à mulher cristã como base, ou seja, o protótipo de companheira nas relações similares entre seus pares. Neste cenário, fica subentendido na palavra "papel" o modo e qualidade do substantivo "esposa" pré-definidos na ideia de cônjuge para lhe atribuir uma ação implícita: obedecer, ou função: submissão. Sendo assim, de acordo com a imagem fica evidente que há uma clara distinção ao sujeito jurídico "mulher", como mencionado por Butler (2003).

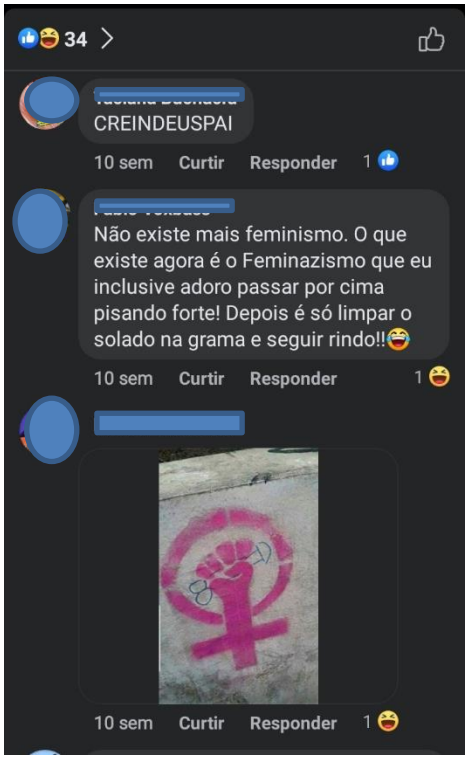
Na perspectiva jurídica, a definição legal é a de que: "o casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e

[17] Disponível em: <https://www.facebook.com/antifeminismo>.Acesso em: 18 ago. 2022

deveres dos cônjuges", segundo o artigo 1.511 do código civil. Logo, os elementos tradicionais como: procriação, indissolubidade, adoção de filhos e religiosidade, são abandonados na descrição da legislação brasileira atual, todavia não devemos ignorar as questões relacionadas à doutrinação na abordagem legal. Há nessa postagem uma declaração, que antecede o tópico proposto, e que está baseada nos princípios da tradição judaica na qual as mulheres são submissas ao seu marido e este tem direitos sobre o corpo de sua mulher. Assim, ao relacionar o "papel da esposa no lar", com "uma verdade absoluta" citando as "Escrituras", o que se objetiva concluir é a manutenção histórica de opressão e desigualdade entre os gêneros baseada na aprovação social para o tema. Sendo assim, o princípio da aprovação social diz que: "quanto maior for o número de pessoas pensando que uma ideia é correta, mais um determinado indivíduo o perceberá da mesma forma" (CIALDINI, 2021). Isso nos leva a examinar o processo de aprendizagem por imitação no qual o fator popularidade, presente na concepção dos memes nas comunidades virtuais, pode se tornar uma falsa *evidência social* se resultar em um problema de atitudes impensadas e sem reflexão, conforme o professor de psicologia, Cialdini (2021). Considerando que, em resumo, para estas "esposas", o feminismo não as representa.

Além disso, os comentários relacionados a essas postagens também reafirmam, em suas construções gramaticais moldadas nessas interações, os elementos relevantes de análise mediante a perspectiva teórica funcionalista. Entre estes elementos temos o funcionalismo que foca nas situações reais de uso da língua. Desse modo, no exame do comentário correspondente à imagem analisada, o termo "Feminazismo" aparece servindo como alusão a uma tentativa de ressignificação do movimento feminista. Nesta enunciação o objetivo é legitimar a submissão da mulher em relação à superioridade biológica, cultural e social dos homens. O autor do comentário afirma que o feminismo acabou e conclui como mostra a figura 14:

Figura 14 – comentário 01



Fonte: grupo antifeminista no Facebook[18] comentário referente ao anexo 01

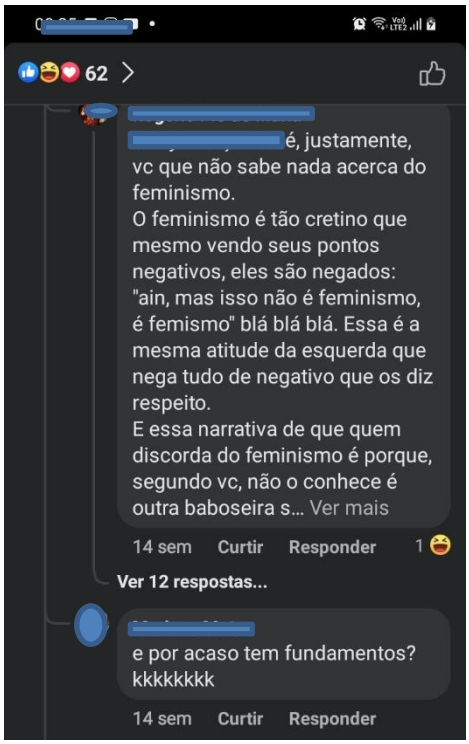
Ao mencionar sua visão sobre a garantia de direitos sociais reservados às mulheres, o locutor do respectivo comentário utiliza sua conceitualização do mundo para refletir a estrutura de sua experiência. Assim, inicia com uma estrutura marcada pelo advérbio de negação seguido pelo verbo existir caracterizando a expressão “não existe”, reforçado pelo advérbio de intensidade/tempo “mais”, além de “feminismo” como sujeito posposto da oração.Temos uma construção oracional em que o sujeito é deslocado e ocupa posição posterior ao verbo. Essas construções, segundo a linguística funcional, correspondem às circunstâncias fora de uma sequência narrativa, ou seja, não obedecem a construção sintática padrão. Dessa forma, a declaração: “não existe mais feminismo” é o plano de fundo para que seus interlocutores possam interagir sob a mesma perspectiva. Essa estrutura marcada pelo advérbio de negação coloca a informação mais importante, que é a negativa do movimento, em primeiro plano na sequência sintática. Nesse sentido, o uso do advérbio “mais” intensifica o grau de marcação cognitiva em sua correlação estrutural ao marcar o contexto sociocultural atual. Dessa maneira a inserção do termo

[18] Disponível em: <https://www.facebook.com/antifeminismo>.Acesso em: 18 ago. 2022

“feminazismo” é o referente desta estrutura negativa. Na primeira oração há um grau padrão de marcação: “não existe mais o feminismo”, opondo-se à complexidade estrutural e morfológica mais simples em que acrescenta a informação que constitui a definição, “feminazismo” como parâmetro perceptual. Esse enunciado é marcado pelo contexto sociocultural em uma conversação informal, ou seja, cognitivamente processada de maneira rápida e fácil, o que é característica comum nessas interações, embora a estrutura negativa apresente um número maior de morfemas.

Seguindo a análise dos comentários incluídos nesta postagem, observamos a associação do movimento feminista a posicionamentos políticos como forma de relacionar às mulheres essa variante ideológica e conceituar o movimento em uma correlação ideológica oposta. Observamos a amostra na figura 15 a seguir:

Figura 15 – Comentário 02



Fonte: comentário na comunidade antifeminista no Facebook[19] referente ao anexo 01C

Neste comentário é interessante notar a complexidade cognitiva na distribuição de frequência dos termos: “nega”, “negados” e “negativo” para os sujeitos feminismo e esquerda. Ao fazer essa conexão o indivíduo intenta

[19] Disponível em: <https://www.facebook.com/antifeminismo>.Acesso 18 ago. 2022

codificar sua percepção com termos semelhantes em sua comparação reforçando o princípio da *marcação*. Isso evidencia o *subprincípio da quantidade* para indicar o conceito expresso nesta sentença fazendo uso de um número maior de formas. Essa analogia expressa no comentário em questão aparece em muitas outras situações comunicativas dentro dessas comunidades como *poder simbólico*, pois para o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989) a estrutura social é um sistema hierárquico.

Essa forma simbólica constrói uma realidade estruturada por um *sistema simbólico* como instrumento de comunicação. Segundo Bourdieu (1989), esses sistemas só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. Assim, ao utilizar a expressão "passar por cima pisando forte!" é constituído o que o Bourdieu define como *poder simbólico* que busca estabelecer uma ordem social baseada em ideologias. No comentário acima, isto pode ser observado quando o autor do comentário diz: "O que existe agora é o feminazismo que eu inclusive adoro passar por cima pisando forte!". Essa produção apresenta interesses particulares do "eu" que de alguma forma tenta representar objetivos comuns ao grupo e à cultura dominante. Essa cultura dominante que une e ao mesmo tempo divide para legitimar as diferenças. Nesse sentido, para assegurar a dominação deste grupo social em detrimento de outros. Há uma clara afirmação de força empregada nesta declaração na escolha do verbo "pisar" seguido pelo adjetivo qualificador "forte" indicando uma ação contínua, caracterizando assim, um mecanismo de regulação comportamental (Kluckhohn apud Geertz, 2008, p.04). As comunidades de "shitpost" antifeministas são um campo relativamente autônomo de produção e circulação apropriado para manutenção de ideologias e seus *sistemas simbólicos* de poder. A partir dessa regulação é possível observar a prescrição de determinados valores culturais compartilhados nessas comunidades, como define o sociólogo Pierre Bourdieu (1989). Dentre alguns conceitos definidos por ele temos o de *violência simbólica*. A *violência simbólica* é a perpetuação de valores sociais de um grupo dominante como forma de intimidação psicológica. Esse conceito de violência pode ser observado na afirmação seguinte, quando o autor conclui seu comentário: "depois é só limpar o solado na grama e seguir rindo". Dessa forma, fica evidente a discriminação relativa às mulheres que se identificam como feministas. Uma vez que a naturalização

deste tipo de violência seja permitida como liberdade de expressão e quebra de paradigmas, comentários como estes serão o reflexo de uma sociedade que ainda segrega a mulher.

Informatividade é ato comunicativo de compartilhar conteúdo. Codificar os referentes no discurso. A interpretação do movimento social para assegurar direitos ao sexo feminino nessas comunidades é a categorização do objeto mediada pela experiência. Isso significa que o uso de qualificadores enfatiza esse processo de verbalização, e a codificação é importante para compreender sua estruturação discursiva. Destacaria aqui o mais recorrente, feminista.

Quando compartilham um “shitpost” antifeminista, a noção de conhecimento sobre o tema é assumida ou inferida entre seus interlocutores. Além de discriminar, algumas postagens também apresentam a vulgarização da mulher. Dessa forma, essas imagens caracterizam elementos culturais evocados determinados pelo falante em relação ao conhecimento do seu interlocutor. Muitas dessas informações estão apoiadas em qualificadores depreciativos. Para inferir sobre alguns referentes, o conhecimento compartilhado precisa estar disponível no cenário sociocultural que fundamentam essas comunidades virtuais. Portanto, imagens em que mulheres sejam ridicularizadas, ou termos associados a desvios comportamentais de má-conduta feminina em que se pressuponha inconveniente socialmente, quando postados nessas comunidades adquirem um caráter moral e regulatório.

Nesse sentido, a maneira de estruturar cognitivamente o antifeminismo é qualificar os aspectos culturais herdados como princípio e fundamento de uma verdade absoluta, que não deve ser questionada, mesmo que indiretamente. A possibilidade de referenciar a cultura dominante de modo a construir os alicerces que mantêm a desigualdade entre os gêneros é evidente até mesmo em postagens das quais não há uma relação direta ao feminismo.

No exemplo a seguir, é possível identificar vários adjetivos como codificação do referente, além de elementos que expressam preconceito, distinção, privilégios, posição e classe social. Esta análise permite compreender os diferentes contextos em que o binarismo biológico é a sustentação para crenças que se perpetuam por gerações. Nesta imagem, embora seja uma mulher a protagonista das falas em que os qualificadores

depreciativos aparecem, o objetivo é validar essa veracidade por meio da aprovação social, tendo em vista o elemento essencial nesta interação: a cultura. Vejamos a figura 16 que apresenta os elementos descritos acima:

Figura 16 – “shitpost” de vulgarização da mulher

Fonte: Página memes_antifeminismo no Instagram[20]

A saudação “Bom dia” do primeiro quadrinho funciona neste contexto para codificar o referente mulher. Conforme o subprincípio da quantidade, os recursos lexicais selecionados para qualificar o interlocutor na imagem são apresentados com grande quantidade de informações. Assim, ao fazer uso dos adjetivos “machista” e “estuprador” há um significante para esse correlato mental: a vulgarização da mulher. Desse modo, podemos observar mecanismos recorrentes que refletem na criação de rótulos nesta relação não arbitrária. Esse é o foco de análise da linguística funcional, identificar a relação entre forma, conteúdo, e seu contexto de uso, pois isoladamente, nenhuma estrutura considera a experiência do falante. Isso fica evidente no segundo quadrinho, uma vez que a adjetivo “gostosa” é utilizado como saudação e o qualificador correspondente para este interlocutor é “gato”. Vale salientar que a mudança em relação à função fática da linguagem nos dois quadrinhos está subordinada à posição social desses interlocutores.

Nesse tipo de comunicação, o comportamento feminino se repete. De certa forma, parece subjugá-lo mediante as concepções sociais, embora possa ser aprendido e reproduzido por imitação. Essas caracterizações promovem a

[20] Disponível em: <https://www.instagram.com/memesantifeminismo>.Acesso em set. 2022.

discriminação como processo de vulgarização. Diante da perspectiva funcionalista, temos a situação real de comunicação, contudo ao fazer uso da linguagem o “shitpost” em questão constrói uma realidade discursiva que só existe nesta ressignificação. Em linhas gerais, a fala da protagonista no segundo quadrinho parte do princípio de que quando o gênero masculino aborda uma mulher, podendo utilizar uma expressão pejorativa, tendo em vista sua capacidade econômica refletida em seus bens materiais, não será considerado assédio sexual por ela. Esta atitude seria tipificada como tal se este indivíduo não obtêm recursos suficientes ou exerce a profissão de trabalhador braçal, categoria inferiorizada na organização social. Significa afirmar que, nestas comunidades, o feminismo só existe quando convém às mulheres se sentirem vítimas da sociedade e do determinismo biológico, prejudicadas em suas próprias limitações. Para Givón (1995), a visão funcionalista e suas premissas contribuiriam nesta análise ao caracterizá-la da seguinte forma; uma vez que a linguagem é uma atividade sociocultural, o sentido dos qualificadores depreciativos depende do contexto servindo como função comunicativa motivada, ou seja, icônica, consequentemente, estruturada pelo discurso. Logo, a intenção da postagem é categorizar o comportamento feminino como vulgar.

O “shitpost” em geral foca apenas em um único aspecto da informação. Por sua vez gera uma resposta automática e primitiva, pois os usuários tomam como confiáveis tais informações ou abrem mão de respostas mais sofisticadas por demandar tempo, energia e pesquisa. Para exemplificar a codificação linguística da informação temos o conceito essencial que a fundamenta:

> Do ponto de vista cognitivo, uma pessoa se comunica para informar o interlocutor sobre alguma coisa, que pode ser algo do mundo externo, do seu próprio mundo interior, ou algum tipo de manipulação cujo alvo seria esse interlocutor (CUNHA, 2015).

Com base nesses pressupostos da linguística funcionalista temos os elementos que caracterizam a interação nessas comunidades virtuais. De certa forma, as redes sociais são mídias que não objetivam apenas informar, mas também persuadir. Por conseguinte, não há uma preocupação por parte do interlocutor investigar quaisquer tipos de informação que seja veiculada nessas plataformas. Assim, a propensão ao erro é muito maior em relação a mídias mais tradicionais, além da possibilidade de (re)produzir conteúdo sem verificar

a validade da informação, ou intencionalmente confundir e manipular, uma vez que a resposta será automática com base em uma única característica de processamento. Então, não há atenção plena neste ato comunicativo, a tendência será uma análise parcial. De acordo com o psicólogo Cialdini (2021):

> Quando estamos apressados, estressados, inseguros, indiferentes, distraídos ou cansados, nos concentramos em menos da informação disponível. Sob essas circunstâncias, voltamos à abordagem um tanto primitiva, mas necessária de levar em conta um só bom sinal (CIALDINI, 2021, p.449).

Por essa razão, as comunidades virtuais propagam informações com características únicas, tendo em vista a eficiência da rapidez que o "shitpost" permite construir neste tipo de abordagem social. Portanto, os participantes desses grupos estão interessados em diversão[21], não na investigação dos fatos.

Com o advento do ambiente virtual surge também formas de ressignificação de palavras ou funções entre forma e conteúdo para referenciar o objeto em discussão. Dessa forma, o uso centrado do termo "feminazi" ou "feminazismo" discutido neste trabalho, evidencia esse processo de mudança de conceito. Em algumas postagens, podemos observar ora uma relação de semelhança em que o termo é referenciado como sinônimo de feminismo, ora apresentado de maneira distinta e sem nenhuma conexão. Há sempre uma declaração que argumenta contra a existência do movimento feminista, sua insignificância ou irrelevância para o contexto atual nas temáticas do grupo. Por esse motivo a junção do radical "nazi" configura a supremacia social da mulher similar à ideologia nazista, além de descaracterizar e ridicularizar o movimento a favor da emancipação feminina. O termo então é o ícone central de oposição.

Faremos aqui uma análise do termo no contexto das comunidades antifeministas, considerando a codificação linguística, complexidade sintática em alguns comentários, topicalização, intencionalidade, e as relações de poder representadas no discurso. Este exame objetiva identificar o processo de discriminação e vulgarização da mulher por meio do uso deste termo, em virtude da cultura "shitpost" legitimar a conduta transgressiva. A imagem a

[21] Basicamente o tipo de diversão que se obtém neste meio é a ridicularização de determinados grupos como forma de superioridade. Seria uma busca por satisfação e prazer nesse tipo pejorativo de interação verbal.

seguir foi coletada do Facebook. Nela é citada a Universidade de São Paulo, uma das mais conceituadas do país, para referenciar leis e a faculdade de direito da instituição. Provavelmente, para fazer menção ao feminismo e sua diminuição. Abaixo da imagem é adicionado um enunciado citando objetivamente a tipificação de crime de calúnia. Consequentemente, analisaremos o comentário que emprega o uso do termo em questão.

Figura 17 – "shitpost" sobre Cartaz na USP

Fonte:Comunidade memes e shitpost no Facebook[22]

Podemos presumir que a postagem acima traz a insatisfação de alguém que estuda na instituição e se sente surpresa mediante a autorização de cartazes pela administração da Universidade de São Paulo (USP) relacionados à tipificação do crime de calúnia supostamente sofrida por homens que de alguma forma foram, ou possam ser denunciados pelo sexo feminino. Não sabemos se este fato corresponde à realidade, todavia motivou a reprodução do "shitpost" para esta abordagem. O uso dos verbos "preciso", "tá", "virando", "mentir", "sofri" reforçam a legitimação declarada pelos cartazes. Neste enunciado, o feminismo está garantindo às mulheres o direito de mentir e caluniar o sexo oposto. O que parece ser recorrente nestas comunidades é o uso pejorativo da palavra feminismo. Dessa forma é instituído um estereótipo sobre as mulheres, caracterizando o que no funcionalismo definimos como ícone. Esses estereótipos sociais também estão presentes no judiciário e dificultam o acesso delas à justiça em casos de estupro.

[22] Disponível em: https://www.facebook.com/memeseseshitpostantifeminsita>.Acesso em: 20 set. 2022

De acordo com o artigo: *Como os juízes decidem os casos de estupro?,* publicado pela Revista Brasileira de Políticas Públicas da Uniceub de 2018, no qual o estudo objetiva identificar quais estereótipos atuam na sociedade para análise dessas sentenças, os autores consideram:

> Para tanto, são analisadas sentenças de 1º grau do Tribunal de Justiça do estado de São Paulo, do ano de 2016. Embora a amostra que embasou o estudo seja limitada a 63 sentenças, foi possível aferir que as mulheres têm seus depoimentos valorizados, apenas, se corresponderem ao ideal de mulher honesta e se parecerem ter sido vítimas; caso contrário, são retratadas como alguém de quem se deve desconfiar, passando, rápida e frequentemente, de vítimas a culpadas (Revista Brasileira de Políticas Públicas, Uniceub, Vol.08, p. 826, ago, 2018).

Ao fazer referência a leis, os cartazes buscam intimidar as mulheres em uma clara relação de poder social. Essas ações são consequências do discurso que controla pessoas e suas mentes por meio do conhecimento, atitudes, ideologias e valores: controlar a mente significa controle indireto da ação, conforme Van Dijk (2018). A codificação linguística para o feminismo, neste contexto, vitimiza a mulher que “precisa do feminismo” para “mentir” o que segundo o trecho citado acima, a torna censurável e culpada. Ainda de acordo com o estudo, mulheres são constantemente descritas como mentirosas, vingativas ou loucas. Esses estereótipos contribuem para a sujeição das mulheres e seu silêncio em casos de estupro. Os avisos, como sugere o “shitpost”, partem de estudantes do curso de Direito, o que pode ser considerado ainda mais grave, pois representam um discurso autoritário e acusatório. Dessa forma, as questões de gênero podem influenciar decisões e ficar à margem das legislações antidiscriminatórias, conforme o artigo.

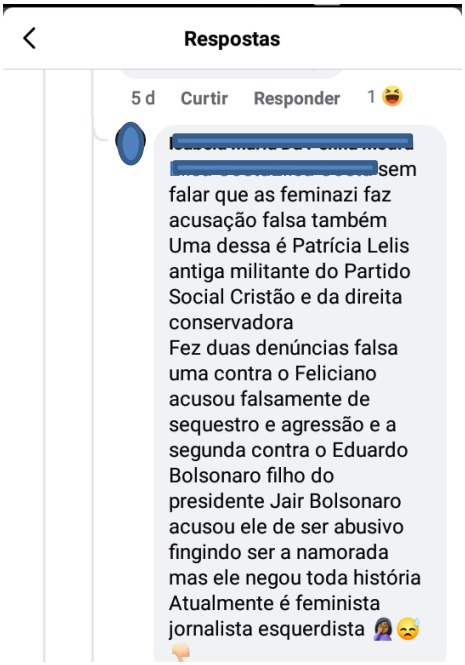
Os mecanismos de categorização são processos cognitivos relacionados à percepção e aprendizagem. Eles permitem organizar e estruturar informações sobre determinados conteúdos. Desse modo, classificar o feminismo como reprovável é prescrever atributos e comportamentos, podendo tornar-se agentes que naturalizam a violência contra as mulheres.

> Nesse sentido, em pesquisa recente, 65% dos participantes concordaram total ou parcialmente com a frase “mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar” e 59%, com a frase “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros” (Revista Brasileira de Políticas Públicas, Uniceub, Vol. 08, p. 828, ago, 2018).

A pesquisa em questão foi realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA), em 2014, sobre tolerância social à violência contra as mulheres. Neste trecho, há os elementos que constituem o discurso nessa manutenção do poder. Para o discurso controlar mentes é necessário que primeiro controle o contexto e acesso à informação (VAN DIJK, 2018). Nas comunidades antifeministas o acesso ao discurso é regulado pela popularidade do “shitpost” nas mídias digitais, e o controle ativo do conteúdo pelo administrador do grupo. Para que o discurso tenha poder é necessário considerar que esta compreensão não se limita ao entendimento da escrita ou fala, mas também envolve ideologias, opiniões pessoais, crenças e valores sociais. O uso das mídias digitais e sua influência nesses nichos são tendenciosas podendo confirmar estereótipos. Esses grupos determinam o acesso aos recursos simbólicos, ou seja, o conhecimento e são capazes de controlar definições e modelos mentais de representações cognitivas sobre o feminismo. Portanto, exercem o *poder simbólico* em organizar o sentido e o entendimento sociocultural ao fazer uso do termo “feminazi” como estereótipo, ícone linguístico e representação social da mulher.

A popularidade do termo surgiu no início dos anos noventa com o locutor americano Rush Limbaugh para se referir às feministas “radicais”. Desde então é utilizado de modo depreciativo. Tornou-se um termo que é empregado tanto como substituto do substantivo feminismo, quanto do adjetivo feminista. Parece não apresentar uma única definição, tendo como referentes características políticas, ideológicas ou comportamentais. A sua descrição está baseada no totalitarismo alemão, contudo a legitimação de direitos às mulheres constitui o reconhecimento de anos de exclusão e submissão em uma sociedade desigual. Não há aqui um questionamento à hierarquia, porque até mesmo as mulheres que conseguem exercer cargos elevados ainda são subjugadas pelo sistema. O uso de termo expressa a ridicularização e opressão de um grupo por outro. Provavelmente, o uso do termo só aprofunde ainda mais os aspectos sociais de desigualdade, submissão, representação e discriminação relativo às mulheres, uma vez que determina o comportamento cultural estruturado nessas relações de poder. Vejamos a figura 18.

Figura 18 – Comentário 03



Fonte: comentário de usuário da comunidade memes e shitpost no Facebook[23]

Mais uma vez, destacamos além do uso do termo “feminazi” a confirmação do estereótipo da mulher mentirosa, vingativa, ou louca, de acordo com a pesquisa supracitada. O que confere nesses processos o conceito de “mulher honesta”? A honestidade para as mulheres parece representar um bem material, visível, facilmente identificável no uso de certas roupas, corte de cabelo, maquiagem, expressões linguísticas, comportamento social, quando o próprio conceito define que é a característica de quem é moralmente irrepreensível. Nesse sentido, esta concepção é bastante subjetiva para confirmar todas as variantes de um processo judicial. Assim, o comentário reforça com um fato isolado, a generalização baseada no senso comum, objetivando a comprovação e aprovação social de uma verdade.

Analisaremos uma sequência de imagens nas quais o termo “feminazi” e o feminismo é utilizado de modo discriminativo. Nessas comunidades é sempre reforçada a ideia de ressignificação de uma realidade na qual o feminismo é descrito como imoral, desnecessário para o cenário atual, e empoderamento feminino um tipo de comportamento vulgar.

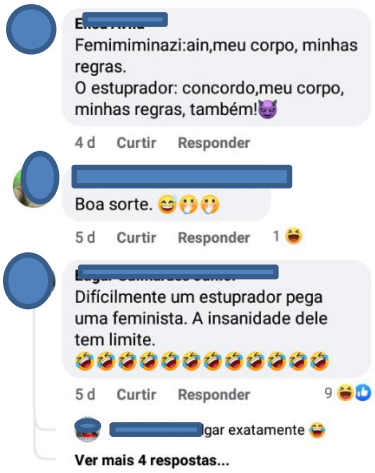
Figura 19 – “shitpost” sobre empoderamento feminino

[23] Disponível em:<https://www.facebook.com/memesesshitpostantifeminista>.Acesso em: 21 set. 2022

Fonte: Comunidade memes antifeminista no Facebook[24]

A seguir temos o comentário que faz referência ao “shitpost” acima, em que o uso do termo “feminazi” é utilizado para ridicularizar mulheres.

Figura 20 – comentário 04



Fonte: página memes antifeminiismo no Facebook[25] comentário referente ao “shitpost” anterior

Este “shitpost” recebeu de acordo com a imagem 184 curtidas. Há uma declaração quanto à conduta comportamental ao mencionar o corpo feminino. Essa corporificação remete à determinação do uso de algumas roupas utilizadas por mulheres para justificar a banalização do estupro. O primeiro comentário traz o slogan feminista: “meu corpo, minhas regras” para configurar o comportamento de um potencial abusador sexual. Vale ressaltar que o uso do termo “femimiminazi” remete à junção do feminismo + mimimi + nazista como modo de banalização do movimento. O slogan é ressignificado por meio

[24] Disponível em: <https://www.facebook.com/memesantifeminista>.Acesso em: 15 fev. 2021
[25] Disponível em: <https://www.facebook.com/memesantifeminismo>.Acesso em: 02 abr. 2021

da fala do suposto “estuprador” passando a refletir o sistema patriarcal em que o homem tem autoridade sobre o corpo da mulher.

Os “shitpost’s” também fazem referência à discriminação e diminuição relacionada às conquistas sociais das mulheres como mostra a figura 21.

Figura 21 – “shitpost” conquistas do feminismo

Fonte:Página memes_antifeminismo de “shitpost” no Instagram[26]

A postagem faz referência de maneira depreciativa às conquistas do feminismo. Na realidade, o “shitpost” busca tomar como verdade proposições inverídicas. Primeiro, em competições esportivas mulheres não participam na mesma categoria que os homens, segundo, não há fatos que comprovem a existência ou contribuição para este resultado. O verbo “apanhar” que aparece seguido pelo complemento “de homem” é repetido, não sabemos se intencionalmente, mas pode remeter ao conceito de violência simbólica abordado neste trabalho. Esse conceito social de violência não atua como coação física e sim causas relativas à danos morais e psicológicos. Ela está apoiada nos “shitpost’s” pelo reconhecimento da imposição cultural produzindo crenças fundamentadas no processo de socialização e consequentemente legitimação do discurso dominante.

[26] Disponível em: <https://www.instagram.com/memesantifeminismo>.Acesso em: 26 out. 2022

Há uma recorrente menção e repetição de conteúdos para a caracterização destes “shitpost’s” como o que veremos a seguir na figura 22:

Figura 22 – “shitpost” maiores conquistas do feminismo

Fonte:Página memes_antifeminismo de “shitpost” no Instragram[27]

Além desses “shitpost’s” não considerarem a garantia de alguns direitos sociais historicamente situados, dentre eles, a participação política das mulheres poder ser considerada uma grande conquista, os dois que apresentamos nesta abordagem objetivam definir o feminismo como um movimento fracassado, uma vez que, se as maiores conquistas das mulheres é perder para homens, significa dizer que a herança biológica dos genes masculinos é superior e se sobrepõe a do sexo oposto. Diante disso, não importa se a desigualdade salarial entre os gêneros permanece, esse fator biológico, ironicamente, por si só corrobora para nossa submissão. Logo, essas postagens buscam a manutenção do poder hegemônico por meio da cultura.

Sendo assim, ao não apresentar as variáveis que influenciam os fatores ontogenéticos responsáveis por esta manutenção, ou até mesmo os limites do determinismo biológico quanto à evolução do comportamento social isso de

[27] Disponível em: <https://www.instragram.com/memesantifeminismo>.Acesso em: 26 out. 2022.

certa forma descaracterizar a legitimidade e garantias que o movimento feminista ainda hoje é capaz de produzir.

O termo “feminazi” tornou-se um ícone de representação social nestas comunidades. Embora não esteja claramente citado em algumas postagens, podemos identificar a sua iconicidade por meio da *mente corporificada* de acordo com a figura 23.

Figura 23 – “shitpost” representação das “feminazi”

Fonte: página shitpost_antifeminazi no Instagram[28]

Os estudos da linguagem, especificamente, os da ciência cognitiva, passam a considerar a *mente corporificada – embodied mind,* segundo Kuhn (1970), como processo que está fundamentado nas experiências do indivíduo. Esses pilares linguísticos são construídos por metáforas e metonímias na elaboração de sentidos. Nosso objetivo aqui não é aprofundar sobre o conceito da mente corporificada pesquisado pela ciência cognitivista, mas relacionar tais estudos com a análise do “shitpost”, pois essa perspectiva evidencia ações e conceitos do cotidiano que integram a necessidade de construir sentidos nas comunidades virtuais. Dessa forma, o uso do termo “feminazi” pode ser considerado uma “substituição”, metonímia, ao substantivo feminismo, ou metáforas conceptuais projetadas por meio de imagens. Conforme o anexo 05,

[28] Disponível em:<https://www.instagram.com/shitpost_antifeminazi?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em: 26 mar. 2022.

o uso do verbo “denegrir”, associado à materialização do feminismo ou das “feminazi” é representado por meio do corpo da mulher, ou seja, caracterizado pela percepção e imaginação da conceitualização metafórica do que seja o feminismo. Vale refutar a afirmativa de que o machismo denigre a imagem da mulher e que o feminismo veio para acabar essa difamação. Esse conceito é errado. De acordo com o dicionário de Oxford, machismo é o comportamento que rejeita a igualdade social e os direitos entre homens e mulheres. Logo, a intenção do “shitpost” é discriminar movimentos sociais e mais uma vez vulgarizar mulheres por meio da corporificação.

Na análise de alguns comentários também é possível identificar os pressupostos da iconicidade referente ao uso do termo em discussão e à categorização das feministas. De acordo com a figura 24 temos mais uma corporificação como referente:

Figura 24 – “shitpost” nascimento das feministas

Fonte: página memes_antifeminismo no Instagram[29]

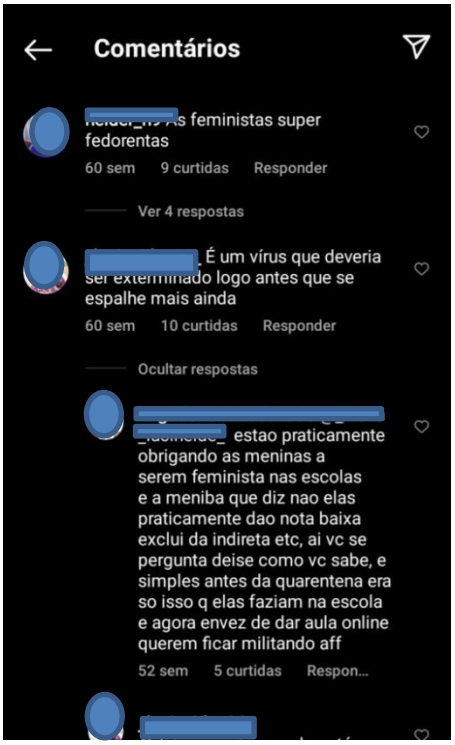
A imagem utilizada na postagem para referenciar as feministas novamente usa o nu feminino como forma de pôr em cheque o valor do feminismo. O “shitpost” inicia com um dos princípios da construção de sentidos: a intertextualidade. Nessa interação, a intenção comunicativa depende do conhecimento compartilhado por parte dos seus interlocutores, do diálogo com outros textos. Neste caso, especificamente, o texto dialoga com a abertura da série de desenho animado *The Powerpuff Girls*, no Brasil conhecida como *As*

[29] Disponível em: <https://www.instagram.com/memesantifeminismo?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 out.2022

Meninas Superpoderosas, sucesso na década de 90 e início dos anos 2000, nos Estados Unidos. A série narra a história de três garotas que foram criadas em laboratório pelo personagem Professor Utônio. Por consequência, o intertexto inserido faz parte da memória social se utilizando de paráfrases em seus enunciados. Isso remete à ideia de que assim como as garotinhas do desenho, as feministas também são criações e o feminismo uma ficção. Essa passa a ser a informação central.

Os respectivos comentários para esta postagem dialogam, repetem e imitam o conceito abordado em outros "shitpost's" antifeministas do tipo; feministas são mulheres feias, que apoiam o aborto o que para as antifeministas, não importam as circunstâncias e odeiam homens, logo reproduzem discursos de ódio, e a imposição da supremacia feminina como pode ser visto na figura 25.

Figura 25 – comentário 05

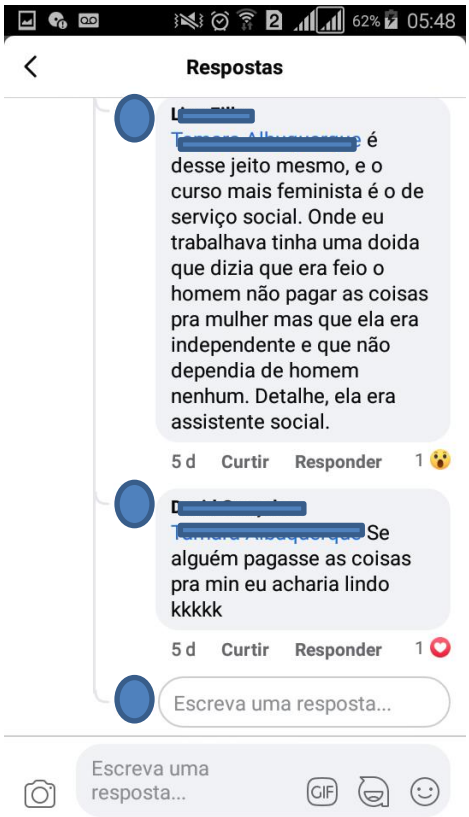


Fonte: página memes_antifeminismo comentários no Instagram[30]

[30] Disponível em: <https://www.instagram.com/memesantifeminismo?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 out.2022

Há um fato bastante relevante em alguns comentários. Observamos que o *subprincípio da informatividade* neles codifica o feminismo como movimento político de esquerda. Alguns apresentam a falta de escolaridade como fator de ignorância, outros alegam que o ambiente escolar ou Universidades são espaços de divulgação e doutrinação. Assim, muitos desses comentários declaram que o ambiente acadêmico é um espaço propício para a promoção dessas ideias. Nesses espaços, segundo essas postagens as Universidades são responsáveis pelo comportamento subversivo dessas mulheres como podemos observar na figura 26.

Figura 26 - comentário 06



Fonte: página memes e shitpost respostas no Facebook[31]

Podemos considerar essas informações como falsas, mentirosas, pois não há nenhum embasamento, pesquisa, estudo que comprove sua veracidade, além de criminoso na ação de caluniar, difamar e desacreditar

[31] Disponível em: <https://www.facebook.com/memeseshitpostantifeminismo>.Acesso em:30 abr.2022.

instituições federais, estaduais ou municipais da gestão escolar sem nenhum tipo de confirmação.

O comentário referente à figura 25 inicia com o verbo de ligação “estão”, sujeito indeterminado, ou seja, não identifica o sujeito que pratica a ação de obrigar as meninas a serem feministas seguido pelo advérbio de modo, “praticamente”. O uso deste advérbio apresenta uma complexidade cognitiva seguida por um esforço mental pela sua complexidade estrutural, pois apresenta um número grande de formas. Em alguns pontos não fica claro o uso dos pronomes referenciais no texto. Nessa sequência de estruturas temos o substantivo “meninas” repetido, contudo o tópico discursivo do comentário aparece no uso do pronome “elas” do qual o autor não menciona claramente quem são, todavia se subentende pelo contexto discurssivo. O substantivo “escola” aparece como consequente de “aula” ao fazer referência ao ambiente escolar. Nessa construção sintática o referente não mencionado diretamente, que podemos compreender como professores, especificamente, mulheres que exercem a função de professora, uma vez que o autor cita elas e completa com as aulas online no período correspondente à pandemia de Covid-19 como “prática” da ação de militância. Basicamente, este comentário objetiva caluniar de forma infundada o exercício da docência. A quantidade de informações que utiliza para codificação desse referente como: “nota baixa”, “aulas”, “escola” sem precisar marcar com o substantivo feminino “professoras” caracterizam a intenção comunicativa nessa estrutura substantivamente marcada.

Os crescentes ataques às instituições de ensino e professores refletem uma cultura preocupante, motivada por mecanismos discriminatórios baseados em informações generalizadas de senso comum, ou fatos isolados sem nenhuma fundamentação teórica. Esse tipo de comportamento reflete a experiência de mundo desses falantes ou de uma mente construída em narrativas mentirosas e o reflexo de uma sociedade ainda mais preconceituosa. Nesse sentido, o uso do termo “feminazi”, por essas comunidades, é a evidência de que sua função dentro do sistema linguístico não representa uma relação arbitrária e natural. Portanto, seu contexto de uso está centralizado na discriminação, vulgarização e aprofundamento das desigualdades sociais entre os gêneros como processo de manutenção desta realidade.

Os fatores ontogenéticos em que a transmissão cultural envolve mecanismos de aprendizagem social fazem parte de nossa herança. Para as mulheres, o direito de escolha ou posição elevada na sociedade pouco considerou sua capacidade e competência cognitiva. Era muito comum, o pai determinar com quem casariam, nunca poderiam tomar atitudes sem consultar seu marido, sair sozinha, emitir publicamente opiniões, serem protagonistas de sua própria vida. Dessa forma, o condicionamento e silenciamento são uma forma de repressão. Esses fatos parecem desatualizados ou inapropriados para o contexto atual devido a todo avanço tecnológico e modernização, todavia ainda permanece cada vez menos sutil em todas as esferas sociais, e as comunidades de “shitpost” reafirmam esses conceitos.

Figura 27 – “shitpost” sobre argumento antifeminista

Fonte:Página shitpost_antifeminazi no Instagram[32]

Expressões do tipo: “lugar da mulher é na cozinha”, “rainha do lar”, “vai pilotar fogão” insistem em determinar o que mulheres devem fazer como forma de comportamento social. Essa ideia está ressignificada no “shitpost” acima ao

[32] Disponível em: <https://www.instagram.com/shitpost_antifeminazi?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 out.2022

utilizar o verbo no imperativo, “lava essa panela”, para delimitar sua função ao espaço doméstico. Essa abordagem tinha sua legitimação na educação e religião, ou seja, sempre fomos educadas a cuidar da casa e dos filhos, atualmente é permitido às mulheres desempenharem cargos liderança, trabalho e independência econômica. Contudo, a primeira lei escolar do Império no Brasil, proposta por D. Pedro I, separava e limitava o ensino para meninas. Enquanto os meninos aprendiam sobre finanças e áreas relacionadas a administração e negócios, a opção delas eram aulas sobre afazeres domésticos e criação dos filhos (Westin, 2020). Há alguma evidência científica para acreditar que meninas são menos capazes de aprender cálculo que meninos? Embora um levantamento realizado pelo *Quero bolsa* obtido através do *Teste Vocacional do Quero Bolsa*, tenha comprovado que 51% dos homens brasileiros tenham inteligência característica para cálculos, em contrapartida a 34% das mulheres, evidencia a crença na diferenciação social entre os sexos baseada no determinismo biológico como um fator essencial que pode influenciar e refletir nas possibilidades e tipos de inteligências desenvolvidas entre meninos e meninas. Logo, os incentivos durante a infância comprometem o desenvolvimento cognitivo do indivíduo mediante o que lhe é exposto e neste sentido, os meninos são educados a ampliar seu raciocínio lógico, enquanto as meninas sua intuição, comunicação e sensibilidade, de acordo com o artigo publicado pela *Revista Quero Bolsa*. Portanto, os fatores ontogenéticos são em grande parte os responsáveis por essa diferenciação e não apenas nossa condição biológica.

A função social do ser mulher está limitada nesta imagem a sua atividade de cuidar da casa. A palavra casa tem sua origem no Latim *domus*, - “senhor”, - *dominus*, que derivaram para dominador e domínio. Outra palavra derivada de *domus* é doméstico. Embora possa haver uma referência ao verbo domesticar, “tornar caseiro”, o trabalho doméstico não é realizado por uma pessoa domesticada, embora a ideia do “shitpost” possa sugerir essa relação ao condicionar um padrão de comportamento cultural.

Muitos desses “shitpost’s” ao utilizar o *subprincípio da informatividade* para qualificar uma ideia apresenta argumentos falhos. O objetivo é usar uma premissa para chegar a uma conclusão falsa. A forma como essas afirmações

são expostas buscam estabelecer uma verdade aparente em relação à verdade real.

Figura 28 – “shitpost” mulheres e guerra

Fonte:Página shitpost_antifeminazi no Instagram[33]

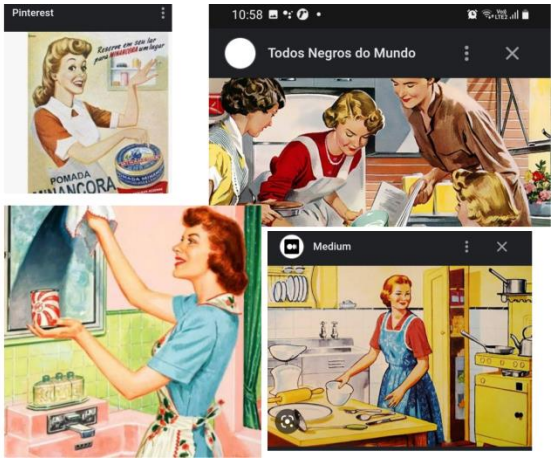
O grande erro desta postagem é desconsiderar os fatos históricos, uma vez que por muito tempo elas não podiam participar de conflitos armados. A imagem retrata bem o famoso argumento: “ah, vocês querem igualdade? Mas e o alistamento militar obrigatório?” O feminismo nunca apoiou alistamento obrigatório para nenhum dos gêneros. Na realidade, a Constituição de 1824, primeiro documento a afirmar que “todos os brasileiros são obrigados a pegar em armas para sustentar a integridade do Império e defendê-lo de seus inimigos” não considerava as mulheres dignas desses direitos e deveres. Sendo assim, essa prática foi criada e legitimada por homens para homens. Em 1964, a lei do serviço militar foi promulgada e reiterada pela Constituição de 1988, portanto, o alistamento militar obrigatório é uma herança da ditadura declarada volto a dizer, por homens para homens. Legalmente, o serviço militar

[33]Disponível em: <https://www.instagram.com/shitpost_antifeminazi?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 mai.2022.

obrigatório exclui mulheres não pela sua condição biológica, mas por sua discriminação social.

A imagem também traz alguns elementos relevantes para esta análise. Ela remete ao comportamento feminino retratado em publicidades na década de 1960. Podemos relacioná-la a três qualificadores: bela, recatada e do lar. Vejamos a figura 29:

Figura 29 – representação das mulheres na década de 60



Fonte: compilação da autora[34]

Em todas essas imagens, temos as mesmas características comportamentais e culturais, ou seja, um estereótipo, que qualifica a “mulher do lar”. Elas estão representadas com as mesmas peças de roupa: o avental. A iconicidade presente nesta ideia busca definir este padrão como real. Dessa forma, o “shitpost” faz uma clara intertextualidade ao utilizar esta imagem para reafirmar seu falso argumento: elas não prestam serviço militar obrigatório porque são privilegiadas por serem o “sexo frágil” e assim elas voltariam felizes a serem as rainhas do lar o que não se sustenta em uma situação real.

Outra postagem que também faz referência ao serviço militar obrigatório relacionando-o à luta por direitos iguais faz um contraponto com atividades específicas ao gênero masculino segundo a figura 30.

[34] Montagem a partir de imagens publicitárias do site Todos Negros do mundo representando mulheres da década de 1960.

Figura 30 –"shitpost" luta feminista

Fonte:página memes_antifeminismo no Instagram[35]

A imagem desconsidera alguns fatores socioculturais, como a dupla jornada de trabalho das mulheres, e foca na premissa da luta pela falsa igualdade. Vale salientar que elas, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ganham cerca de 30% menos que os homens, sem mencionar o total de horas trabalhadas, de acordo com artigo publicado no site *Jusbrasil*. Dessa forma, pensar em igualdade na idade da aposentadoria seria um erro em que essa, dentre outras desigualdades, permanece. Assim, o *subprincípio da quantidade* apresentado nesta postagem marca o argumento que aprofunda a distinção cultural e social entre os gêneros. Desse modo, a qualidade das informações selecionadas para reforçar o argumento são facilmente desconstruídas, tendo em vista sua fragilidade nos fatos. Quando analisados os fatos dentro do contexto real, não há base de sustentação para o antifeminismo. A igualdade só poderá existir como prática social se houver mudanças significativas quanto às questões culturais que mantém a hegemonia masculina de dominação. Assim, as comunidades antifeministas virtuais estabelecem uma interação ativa, e espera uma réplica, uma resposta

[35] Disponível em: <https://www.instagram.com/memesantifeminismo?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 out.2022

orientada pela memória discursiva. Esse conceito está baseado na definição que Bakhtin detalha ao mencionar a dialogicidade de todo dizer. Há dimensões diferentes dessa dialogicidade, e uma delas é que todo dizer é orientado para uma resposta de concordância e de apoio, assim como para o “já dito”. Dessa forma, os “shitpost’s” apresentados nesta análise fazem referência a pontos semelhantes norteados pelos mesmos dizeres. Uma clara repetição condicionada por uma réplica, que podemos observar também nesta outra amostra na figura 31:

Figura 31 – “shitpost” Luta por direitos iguais

Fonte:Página shitpost antifeminista no Facebook[36]

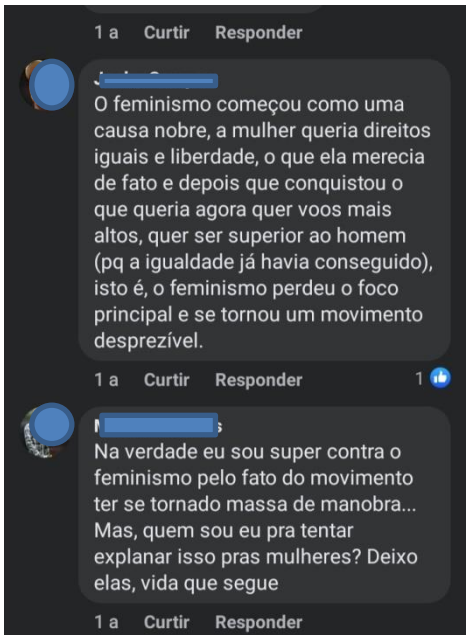
Podemos facilmente identificar nesta imagem as características que se repetem em relação à anterior, embora os enunciados estejam pautados indiretamente a conteúdos diferentes, também ocorre a alusão ao conceito de trabalho. Este “shitpost” inicia com o verbo “trabalhar” seguido pelo circunstanciador “de verdade”, que é a propriedade de estar conforme os fatos ou a realidade, de acordo com o dicionário online *Oxford Languages*. Seria relamente trabalhar sem fazer corpo mole. Desse modo, sugerindo que exista uma atividade que qualifique esse evento, o que seria “trabalhar de verdade?” tendo em vista que, nas sentenças da imagem anterior essa classificação de trabalho está listada a: “descarregar carreta de cimento”, “trabalhar nas minas

[36] Disponível em: https://www,facebook.com/shitpostantifeminista>.Acesso em: 22 mai. 2022.

de carvão” e “”trabalhar de coletor de lixo”, no entanto, todas estão limitadas ao tipo de trabalho braçal. O “shitpost” da figura 31 define “trabalhar de verdade” como combater leis feministas, ou seja, sugere ação, fazer algo de concreto e não “martelando” ser antifeminista, apoiando a criação dessas leis. Esse qualificador para o sujeito mulheres intenta discriminar a divisão social do trabalho em aspectos essencialmente culturais. Se, para alcançar os direitos de igualdade entre os sexos, segundo a postagem supracitada, elas devem desempenhar o mesmo tipo de esforço físico, esses grupos mais uma vez utilizam o determinismo biológico como instrumento de aprofundamento da desigualdade entre os gêneros. Vale salientar que nas imagens a representação das feministas apresentam característica masculina quanto ao uso da vestimenta, neste caso o modelo de jaqueta, e o cabelo curto na figura 30.

Analisamos alguns comentários referentes à figura 30. Neles é possível constatar como as experiências do falante determinam a complexidade cognitiva e motivam o *subprincípio da ordenação linear* que, segundo Martelotta (2003), significa que a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar na cadeia sintática. Vejamos o comentário 07:

Figura 32 – comentário 07



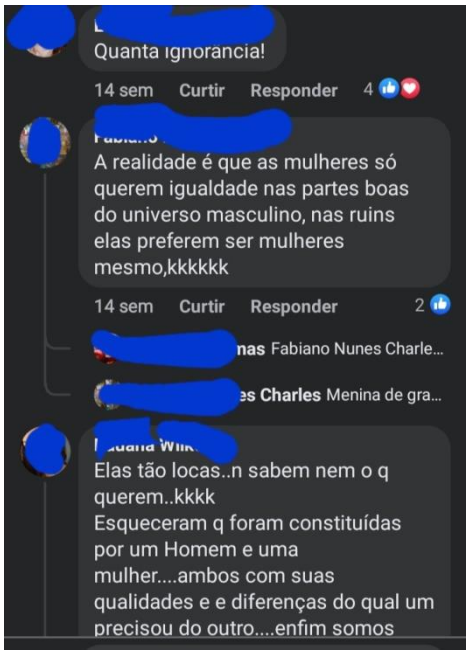
Fonte: página memes e shitpost antifeminista no Facebook[37]

[37] Disponínel em: www.facebook.com/shitpostantifeminista>.Acesso em: 22 set. 2022.

No comentário inicial, a informação que ocupa o primeiro lugar nesta construção sintática é o substantivo feminismo. Nesse sentido, as mulheres não são os agentes da sua própria liberdade, uma vez que no enunciado o movimento feminista é o sujeito da ação verbal quando utiliza o *subprincípio da ordenação linear* na sequência cronológica dos acontecimentos. Esse subprincípio da iconicidade permite compreender a complexidade cognitiva do enunciado em questão e seu nível de importância para o falante. Em sua estrutura sintática, há várias ocorrências do verbo querer com sequências de "queria" e "agora quer", o uso do elemento morfológico que precede o verbo 'querer' indica não só a mudança temporal como nega os aspectos originais do movimento no contexto atual. Assim, o uso do advérbio "agora" reflete a experiência e conceitualização do feminismo pelo indivíduo. Neste comentário os tempos verbais se alternam quando declara: "o feminismo começou como uma causa nobre", "agora quer voos mais altos, quer ser superior aos homens". O princípio icônico cognitivamente motivado é refletido na repetição do verbo "querer", que interage com os elementos mais simbólicos representados pela imagem, ou seja, as características masculinas da mulher nessa postagem.

Vejamos outro comentário que, indiretamente, também relaciona o feminismo ao desejo de ser biologicamente homem:

Figura 33 – comentário 08



Fonte: página shitpost antifeminista no Facebook[38]

Sendo assim, no final do primeiro comentário temos a afirmativa: “elas preferem ser mulheres mesmo” está condicionado ao elemento mais simbólico da ideia “quer ser homem” exibida tanto na explanação anterior, quanto na imagem vinculada ao “shitpost” da figura 30. No entanto, trata-se de fatores ontogenéticos de discriminação que definem a hegemonia de determinados grupos sociais para qualificar os tipos de trabalho.

Em outra publicação é mencionada a mesma listagem sobre a divisão de trabalho como qualificador das mulheres.

Figura 34 – “shitpost”4 lugares onde não existe feminista

Fonte:Página shitpost_antifeminazi no Instagram[39]

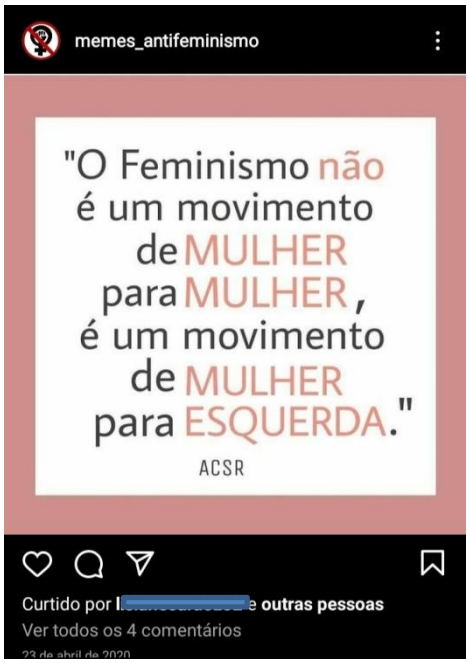
Temos também nesta exposição a mesma representação social do trabalho como referente às diferenças entre homens e mulheres, contudo o enunciado do último quadrinho: “iate de milionário” expressa a características que pretendem vulgarizar mulheres dentro do contexto sociocultural e o referente Oriente Médio incluindo aspectos religiosos essencialmente culturais.

[38] Disponínel em: www.facebook.com/shitpostantifeminista>.Acesso em: 22 set. 2022.
[39] Disponível em: <https://www.instagram.com/shitpost_antifeminazi?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 out.2022

Neste “shitpost”, as imagens são mais evidentes para compreensão da ideia e estrutura textual. A alusão a “guerras” e a atividade empregatícia denominada “caminhão de cimento” retomam as mesmas opiniões da postagem analisada anteriormente, relacionando dessa forma a mesma significação sobre o serviço militar obrigatório para elas. Além do interdiscurso entre elas, há o plano discursivo das ideologias como posicionamentos mais tradicionais que perpassam outras esferas sociais ideológicas como por exemplo: a política.

Esse discurso tende a posicionamentos radicais, especificamente, no sentido de discriminar ou garantir a preeminência de determinados grupos. Considerando a polarização política de 2018 que acirrou as diferenças entre os gêneros e aprofundou a desigualdade entre os sexos e esse fato repercutiu nas comunidades de “shitpost” de maneira ainda mais depreciativa, associando o movimento feminista à ideologia de partidos políticos para justificar a causa “antifeminazi”. Veremos a análise de uma publicação no Instagram vinculada à página “memes_antifeminismo na figura 34:

Figura 35 – “shitpost” feminismo e esquerda



Fonte: Página memes_antifeminismo no Instagram[40]

[40]Disponível em: <https://www.instagram.com/memesantifeminismo?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 mar.2022.

O pôster acima não exibe nenhuma imagem que o caracterize, de modo geral, como “shitpost”, se examinarmos apenas sua estrutura-padrão, embora seu referente seja a discriminação da mulher. Neste caso, atentamos para a relevância de seu conteúdo que reflete na sua estrutura sintática a experiência do falante. Segundo o princípio da *marcação* essa estrutura é marcada pelo uso do advérbio de negação, o que tende a torná-la mais complexa cognitivamente por conter um número maior de formas do que uma de categoria não-marcada. Desse modo, essa correlação entre marcação estrutural e cognitiva propendem também a serem substantivamente mais marcadas pelo uso dos sujeitos “feminismo”, “mulher”, e “esquerda” elencados pelo verbo de ligação. Sendo assim ao negar, no primeiro enunciado, que o feminismo seja um movimento de mulher para mulher, ele afirma no segundo ser um movimento de mulher para a esquerda, o que significa dizer que esses fatores comunicativos dependem do contexto na interação verbal como admite Givón (1995). Neste sentido, temos uma estrutura que se opõem por meio de uma negativa-padrão marcada em relação à afirmativa morfologicamente mais simples. A base para essa construção sintática está nos fatores socioculturais atrelados à ideologia partidária da esquerda, uma vez que, para este partido político os programas sociais incluam de modo mais democrático a diversidade cultural saindo da binaridade de sexo e aceitando outras formas de constituição da sociedade, dentre eles o papel da mulher.

O conservadorismo da extrema direita retoma o papel da esposa dedicada ao marido e filhos com a publicação do artigo: *Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”* pela Revista Veja em Abril de 2016. A reportagem relata a rotina da “quase primeira-dama”, nas palavras da autora, em que seus dias consistiam em levar e buscar o filho na escola. Marcela Temer era esposa do ex-vice presidente da república, na época, Michel Temer. No início do artigo é atribuído à Marcela Temer a qualidade de ser “uma mulher de sorte”, assim como finaliza com a afirmação: “Temer é um homem de sorte”. Talvez o ponto central da reportagem seja destacar a diferença de idade entre o casal e as qualidades da mulher, uma vez que essa diferença é apresentada na lide da notícia: “43 anos mais jovem que o marido”, enfatizando o uso de vestidos na altura do joelho, e o desejo de Marcela por mais um filho. A personificação da mulher virtuosa, dedicada ao lar, educada e de boa aparência é apresentada

na figura da esposa do ex-vice presidente como idealização romântica. Contudo, a intenção é orientar para uma resposta antifeminista ao contrapor com a expressão; “bela, recatada e do lar” as mulheres que não se enquadram nesse padrão. Dessa forma, consideram a esquerda o movimento político no qual as mulheres são incitadas a transgredirem normas sociais padrões, e qualquer uma que corte o cabelo, faça tatuagem, não queira ter filhos ou casar é rotulada como esquerdista, uma tentativa de também discriminar a representação política feminina.

Outra postagem que também intenta negar que o feminismo seja um movimento voltado para a garantia de direitos das mulheres descaracterizando seu objetivo original será analisado em seguida como mostra a figura 35:

Figura 36 – “shitpost” ideologia de ódio

Fonte: grupo Antifeminista Br no Facebook[41]

Nesta análise traremos apenas o enunciado abaixo que relaciona o feminismo à ideologia de ódio contra os homens para correlacionar com a anterior. A semelhança entre as duas é iniciar negando o conceito e objetivo do

[41] Disponível em: <https://www.facebook.com/groups1009983092913791/?ref=share&mibixtid=NSMWBT>.Acesso em: 17 mar. 2022.

movimento feminista, opondo-se apenas ao tipo de esfera ideológica como comparação. Mais uma vez, temos a ressignificação do movimento para ser utilizado como fundamento de abordagens antifeministas. Além disso, usam de um “humor” para desconstruir termos usados no discurso feminista dentre eles o *manspreading* que é o homem sentar de perna aberta em transporte público, contudo limitaremos esta análise ao enunciado como mencionado acima.

Desse modo, as comunidades antifeministas fortalecem estruturas de poder por meio da ressignificação da realidade e têm grande relevância para seus pares, como o reconhecimento mútuo. Essas comunidades desconsideram variantes no processo sociocultural e, assim, os antifeministas atribuem a si o dever moral de combater as ameaças ao que consideram o padrão normativo da sociedade, e uma forma de manter essa estrutura de poder é incitar a violência. Lembrando que o conceito de violência abordado neste trabalho é a violência simbólica fundamentada na teoria social de Bourdieu, visto haver variadas modalidades. Dessa forma, essa violência é praticada com a cumplicidade dos membros do grupo e exercida também pelos que a sofrem, inconscientemente, ao perpetuar valores culturais da comunidade. Neste sentido, seus efeitos tendem a ser de natureza psicológica, contudo isto não impede que ela se apresente de modo físico.

Essa incitação à violência como intimidação é transgressiva na estrutura do “shitpost”, pois a ambiguidade que constitui o humor permite naturalizar atitudes, falas, enunciados, ou posicionamentos invasivos. Não necessariamente o humor seja a questão principal dessas postagens, pois em algumas delas observamos claramente como elemento central a transgressão das leis, das convenções sociais ou, simplesmente, provocar a discórdia entre seus pares. Consequentemente, o resultado é a promoção de inúmeros modos de aceitar a violência simbólica desses grupos como atitude legítima da cultura dominante. Nesse sentido, para contextualizar metodológicas estratégias desta abordagem, traremos o “shitpost” que faz menção à violência doméstica, reafirmando essa prática como garantia dos direitos das mulheres e manutenção da hegemonia masculina dentro dos padrões sociais representados pelo papel da esposa no lar. Vejamos a postagem em questão retirada da página “memes_antifeminismo” do Instagram conforme a figura 37:

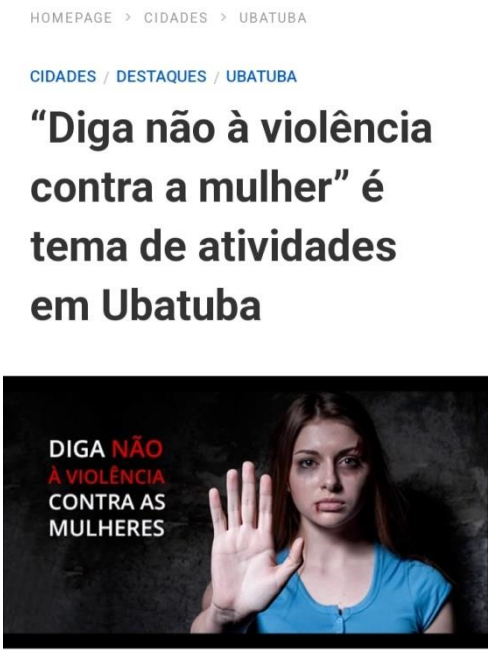
Figura 37 – “shitpost” violência doméstica

Fonte: Página memes_antifeminismo no Instagram[42]

A violência contra as mulheres não é a premissa desta postagem. Ao utilizar o imperativo ““compre” uma Glock 45 para elas”, o que se objetiva implicitamente é desacreditar nas leis e na justiça, especificamente, a lei Maria da Penha, sancionada em agosto de 2006, que tipifica a violência doméstica. A imagem que serviu de base para o pôster foi promovida pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social - Creas de Ubatuba, há três anos. Em seguida, temos a imagem que deu origem ao “shitpost” retirada do site www.reporteronlinelitoral.com.br. A ação tinha como objetivo atividades descentralizadas para enfatizar a relevância do Dia Mundial da Não Violência contra a Mulher, celebrado em 25 de novembro, de acordo com o site. Observemos a imagem que serviu de estrutura para o “shitpost” analisado na figura 38:

Figura 38 – propaganda violência contra a mulher

[42] Disponível em: <https://www.instagram.com/memesantifeminismo?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 out.2022



Fonte: www.reporteronlinelitoral.com.br[43]

A função da linguagem apresentada no cartaz original, visando a divulgação de ideias é transformado em publicidade no contexto da comunidade antifeminista, objetivando convencer determinado público a adquirir um produto, especificamente, uma Glock 45. A qual público-alvo essa postagem é direcionada? Homens ou mulheres?

Além disso, há uma ambiguidade no enunciado destacado em vermelho, vejamos: “Compre uma Glock 45 para elas”. Se considerarmos, nesta análise, a violência contra a mulher uma ação praticada por homens, comprar uma arma “para elas” apresenta variadas possibilidades de sentidos. Um deles está relacionado ao uso da arma como instrumento contra a vida da mulher, o outro seria para defesa pessoal dela. Desse modo, para compreender o sentido deste “shitpost” é preciso analisar seu contexto produção. No segundo enunciado é utilizado um articulador discursivo-argumentativo com o emprego do “ou” como operador de disjunção argumentativa convocando o interlocutor à concordância; “ou fica esperando a lei Maria da Penha resolver”. Esse tipo de articulador argumentativo, segundo Koch (2004), vincula dois atos de fala, em que o segundo utiliza o primeiro como tema para comprovar sua veracidade.

[43] Disponível em: <https://www.reporteonlinelitoral.com.br/campanhapublicitária>.Acesso em: 22 de Abr. 2023.

Neste contexto, o descrédito de parte da população na lei que pune a violência doméstica justifica a compra de uma arma. As pessoas com renda elevada, jovens e com maior nível de escolaridade tendem a não acreditar no cumprimento das normas jurídicas, de acordo com o estudo do centro de pesquisa jurídica da escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Contudo, um dos pontos que dificulta a proteção integral à mulher é a dependência da vítima ao agressor, conforme artigo publicado no site da editora PUCRS[44].

Supondo que os comentários relacionados a esta postagem sejam, em sua maioria, proferidos por pessoas biologicamente do sexo masculino, observamos que é recorrente a menção à compra da arma para si e não para defesa delas como pode sugerir o “shitpost”.

Figura 39 – comentários anexo 09

Fonte: página memes_antifeminismo no Instagram[45]

[44] OLIVEIRA, Stephanie, V. A eficácia da lei Maria da Penha: uma análise a partir da violência contra a mulher. Editora PUCRS. Disponivel em: <http://editora.pucrs.br>3pdf>acesso em: 22/04/23

[45] Disponível em: <https://www.instagram.com/memesantifeminismo?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 out. 2022.

Sendo assim, a conscientização sobre a violência doméstica não é a pauta que sustenta a proposta deste cartaz. Isto fica bem evidente nos comentários, na verdade, é mais um modo de transgressão das normas e incitação à violência, mesmo que simbólica. Nestas comunidades prevalece o caráter pejorativo e transgressivo, especificamente na análise desta postagem, pois vemos que ao apresentar o tema para combater a violência doméstica, na realidade o público-alvo da falsa publicidade é o masculino, ou seja, o homem é o provedor da "arma" que garante a proteção contra a violência relacionada à mulher como manutenção da hegemonia masculina. Essa dependência histórica perpetuada por variadas gerações ainda prevalece, tanto que as mulheres que são representadas nestas comunidades virtuais como independentes dos homens são ridicularizadas.

Essa concepção da mulher independente, na verdade, é distorcida socialmente para criar a ilusão de que o feminismo é um movimento contraditório e incoerente. Vejamos dois "shitpost" que representam esta ideia:

Figura 40 – "shitpost" independência feminina **Figura 41 –** "shitpost" independência masculina

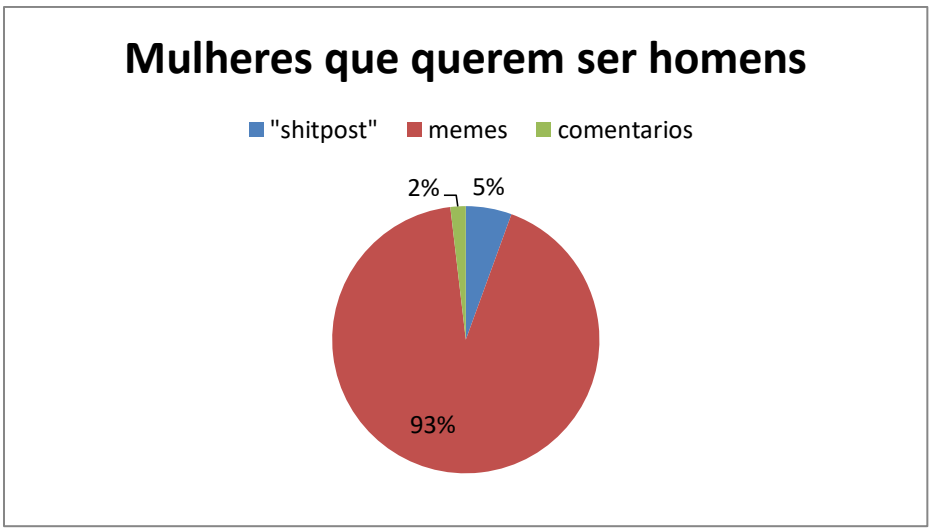
Fonte:Página shitpost_antifeminazi no Instagram[46]

Estas publicações vinculadas a uma página no Facebook fazem referência à mulher independente do sexo masculino, contudo essa independência não é representada como direito natural, mas como frágil, insustentável, um embuste social, ou transgressão à norma. Outro ponto destas postagens é apresentar essa independência social associada ao planejamento financeiro, ou algum tipo de renda provida pelo gênero masculino, sem levar em consideração as obrigações legais sobre a isenção da paternidade comparadas nas imagens. O “shitpost” não considera também os aspectos afetivos e emocionais. O uso do termo “macho”, na primeira imagem, denota as propriedades biológicas do sexo como determinantes da binaridade, uma vez que na biologia o conceito de macho e fêmea sejam os únicos a categorizarem as espécies. Essa definição biológica não representa os fatores ontogenéticos e culturais da vida em sociedade, é preciso considerar também que a espécie humana só conseguiu evoluir por meio de diferentes linguagens, e o que a maioria desses “shitpost’s” replicam são fatores filogenéticos herdados pela nossa constituição genética. A cultura é o que nos distingue, estabelece padrões, normas comportamentais, discrimina ou supervaloriza grupos, pois partindo do princípio de que todos os seres vivos são constituídos por células, com exceção dos vírus, isso implica dizer que todos somos constituídos por esta mesma unidade estrutural, e este argumento biológico, apresentado nestas comunidades, é insuficiente para condicionar, diferenciar ou afirmar padrões sociais humanos.

De acordo com as análises dos dados apresentados neste trabalho, observamos que há padrões, e eles se repetem em muitas dessas postagens. Um desses padrões está associado às questões de gênero. Desse modo, afirmam que as feministas são mulheres que querem biologicamente ser homens. Apresentaremos alguns desses padrões em forma de gráficos, vejamos a figura 42 correspondente:

[46] Disponível em: <https://www.instagram.com/shitpost_antifeminazi?igshid=YmMyMTA2M2Y=>.Acesso em:28 out.2022

Gráfico 01 – Mulheres que querem ser homens



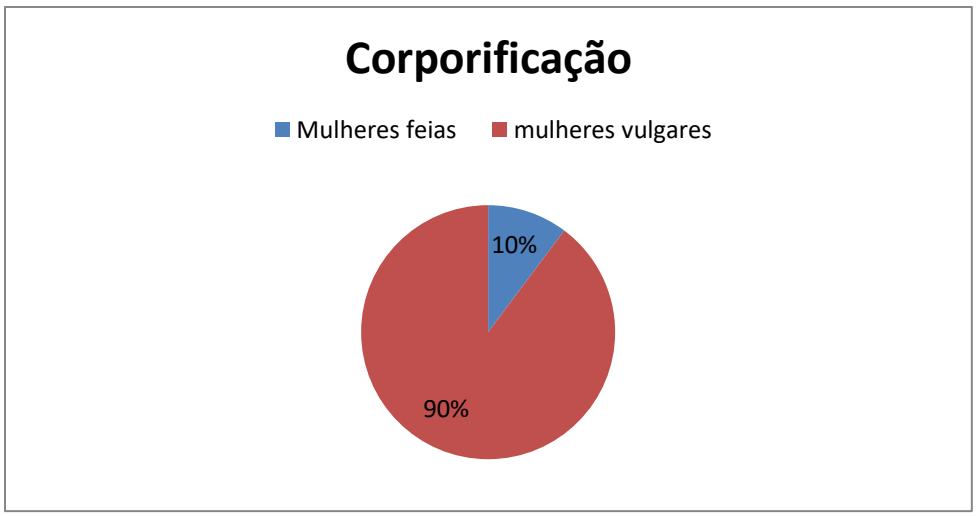
Fonte: compilação da autora[47]

Dos 72 dados coletados, temos 5% que relacionam as mulheres feministas a categorias de gênero, ou seja, que associam o tema de igualdade social do movimento feminista ao desejo delas objetivarem ser biologicamente homens. Também foram analisados os comentários dessas publicações, e obtivemos a porcentagem de 2% referente à padronização da representação das mulheres nestas comunidades virtuais antifeministas. Os 93% são memes que apresentam as características do “shitpost” quanto a sua ressignificação nessas comunidades. Logo, a garantia de direitos iguais é apresentada como aspectos corporais.

Dessa forma, há um grande número de conceitualizações relacionadas a corporificação. As feministas são representadas como mulheres feias baseadas em padrões de beleza que não representa a realidade de muitas mulheres que não se enquadram nesses modelos. Geralmente, apresentam cabelos curtos com cores vibrantes, raspados, gordas e usando roupas masculinas ou inadequadas para o padrão de mulher honesta e linda, que seria saia na altura dos joelhos, sem nenhum decote sensual, cabelos longos, presos e magras, de acordo com o resultado apresentado no gráfico:

[47] Resultado da porcentagem na análise dos dados

Gráfico 02 - Corporificação



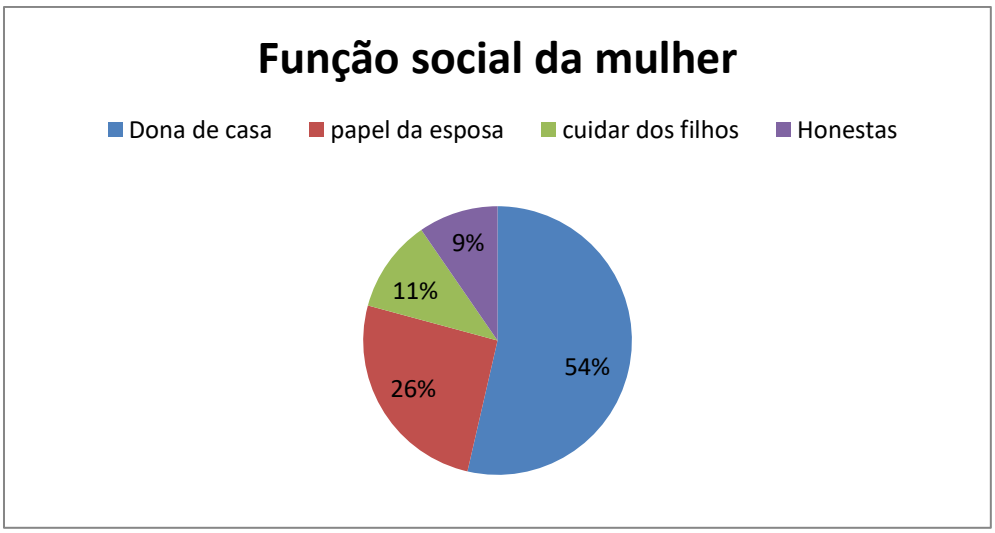
Fonte: compilação da autora[48]

Consideramos nesta análise as imagens que exibiram as características descritas anteriormente nos dados de análise. Desse percentual temos 10% que representam o conceito de “mulher feia”, e que estejam com vestimentas masculinas ou masculinizadas. Nesses comentários podemos identificar a descrição da mulher feminina como antagonismo as que são expostas nas postagens. O padrão de beleza é o recurso do “shitpost” que permite utilizar os elementos da iconicidade como solução visual. Os 90% subjetivamente relacionam a individualidade feminina ao uso de cabelo curto, tatuagens, saias justas e *piercing* ligada à mulheres vulgares.

Outro elemento relacionado nestas comunidades antifeministas é o conceito da mulher do lar ou do papel da esposa. Observamos como padrão a relação entre atividades domésticas e sua função social. Embora trabalhar seja um direito assegurado às mulheres pelo movimento feminista, estes “shitpost’s” enfatizam a igualdade que elas buscam apenas em pontos positivos da vida profissional e a isenção das responsabilidades domésticas conforme a figura 44.

[48] Resultado da porcentagem na análise dos dados

Gráfico 03 – Função social da mulher

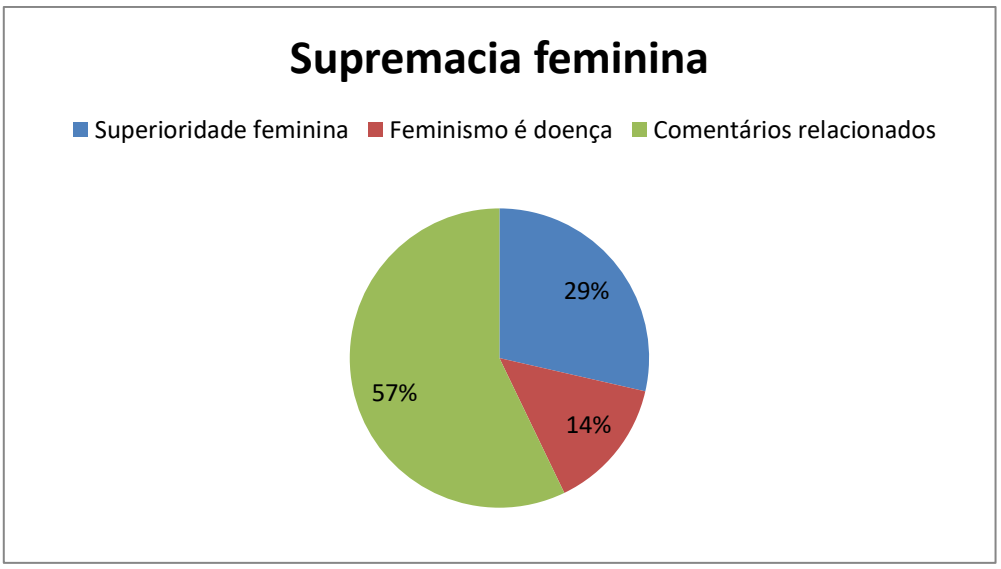


Fonte: compilação da autora

A descrição dos dados em forma de gráfico apresenta em linhas gerais a forte relação entre mulher e lar. Culturalmente, a ideia de ser mulher está associada ao qualificador “doméstica”. De acordo com o resultado, temos 54% dos “shitpost’s” que fazem referência às donas de casa, 26% faz alusão ao papel delas como esposas, 11% a sua obrigação dos cuidados e educação dos filhos, e por último 9% que fazem referência ao padrão de mulher honesta que é identificável pelo avental usado por elas e outras vestimentas que as representam no papel da mulher feminina da década de 60. Em resumo, elas nasceram para exercer sua “função natural” de doméstica.

De modo geral, essas comunidades antifeministas de “shitpost” propagam que o feminismo é o movimento que busca colocar as mulheres como superiores aos homens, e não a igualdade social entre os gêneros. Esse padrão se repete em muitas imagens. Em algumas delas, como as que foram apresentadas neste trabalho, as feministas impõem ao sexo oposto suas regras, ou seja, a supremacia feminina. De acordo com a análise dos dados obtivemos a seguinte amostra:

Gráfico 04 – Supremacia feminina

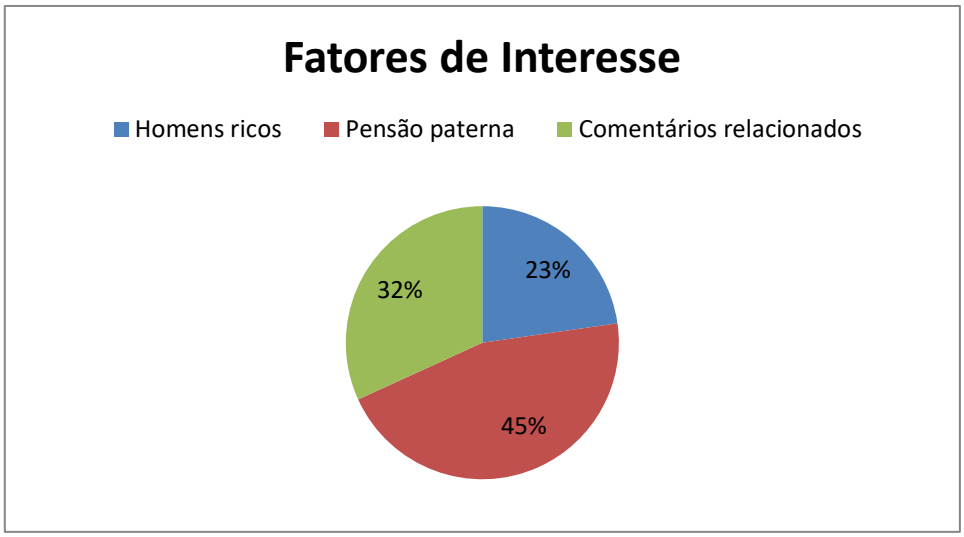


Fonte: compilação da autora

A ideia central nesta amostra é a de que 57% dos comentários relacionados ao movimento feminista padroniza a superioridade das mulheres sobre os homens, como indicado na figura 32. Há uma clara referência à mudança de sentido do propósito original relacionada a palavra feminismo. Algumas dessas imagens retratam a opressão que o movimento impõe aos homens em 29% dos dados, por isso, a alternância em utilizar o termo "feminazi" como ícone dessa supremacia. Em seguida, temos 14% dos comentários que atribuem às ideias do movimento feminista a um tipo de patologia.

Um dos fatores de vulgarização da mulher nestas postagens pode ser verificado quando, de modo geral, associam a elas a cobiça. Embora este conceito não seja diretamente proporcional ao feminismo, faz menção ao capital simbólico, ou seja, o reconhecimento e valor social de um grupo em detrimento a outro, conforme descrito pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1987). Sendo assim, a representação feminina no contexto virtual desses grupos atribui aos homens o poder de distribuir este capital simbólico, uma vez que a ideia de mulher está diretamente ligada àquelas que buscam seus próprios interesses. Esse aspecto ganancioso é tendencioso no "shipost", pois valida o conceito de depreciação entre os gêneros. No gráfico abaixo, buscamos relacionar os fatores que, segundo os dados, foram relevantes para caracterizar o padrão analisado.

Gráfico 05 – Fatores de Interesse



Fonte: compilação da autora

Como demonstrado anteriormente, o processo de vulgarização da mulher parte do princípio da depreciação. Há subjetividade nos enunciados, ou seja, nenhuma postagem faz uma referência direta aos qualificadores: ambiciosa, cobiçosa, gananciosa, contudo, as imagens servem como contexto interpretativo para a temática. Desse modo, identificamos 23% dos "shitpost's" que remetem à ideia de que as mulheres limitam seus interesses a homens ricos. Vale ressaltar que essa seleção está condicionada à iconicidade relativa ao estereótipo da mulher feminista nestas comunidades, pois para esse grupo o sexo oposto é visto como irrelevante. Na verdade, essas postagens reforçam o padrão de que as mulheres feministas não gostam de homens, com exceção daqueles que possuírem bens materiais. De acordo com as publicações incluídas nesta discussão, cerca de 45% consideram que a independência delas não se sustentam, sendo necessária a pensão paterna, quando a questão é a criação dos filhos. No mais, 32% dos dados analisados se relacionam a outros fatores de interesse evidenciados nos comentários.

Basicamente, todos esses padrões que identificamos estão interligados a um fator: nossa herança cultural. Partindo desse princípio, o comportamento em grupo nas redes sociais atua com legitimidade dentro dessas comunidades de "shitpost". O padrão garante a manutenção da hegemonia masculina. Nesse sentido, essa binaridade permite combater tudo que transgrida as normas, que fuja do comportamento modelo pré-estabelecido desconsiderando as variáveis

sociais. Esse ponto é bastante significativo, pois comprova nossa perspectiva teórica a partir do fenômeno estudado, tendo em vista que o “shitpost” em si não estabelece um padrão em sua estrutura base, por ser, como já mencionamos, inprevisível e ilógico, contudo ele segue uma regularidade quanto a temática antifeminista nessas comunidades.

Considerações finais

Consideramos para este trabalho os aspectos da linguística funcionalista que abarcam os elementos da iconicidade. A partir dessa perspectiva teórica e metodológica podemos compreender como o fenômeno interativo do “shitpost” atua dentro das comunidades antifeministas legitimando a discriminação e vulgarização da mulher. Analisamos também outros fatores relevantes que contribuíram para este estudo no campo da psicologia, sociologia, História e filosofia. Para isso, utilizamos os seguintes autores, Cialdini (2021); Bourdieu (2002), Harari (2020) e Bakhtin (2018).

Posteriormente, demonstramos que a aprovação social é um dos elementos que propiciam a estes grupos a manutenção da hegemonia masculina. Nesse sentido, a cooperação nestas comunidades virtuais pode ser vista como uma forma de aceitação social do antifeminismo. A grande vantagem dessas comunidades é utilizar o comportamento coletivo, baseado na transmissão cultural, como forma de validar a ideia da supremacia humana ou biológica entre os sexos. Para agir de acordo com a maioria dos membros do grupo, não é necessária nenhuma ação cognitiva complexa. Essa tomada de decisão pode ser automática e esse fenômeno pode gerar inúmeras consequências negativas. Tendo em vista que nesses espaços virtuais a confiabilidade das informações apresentadas pelo “shitpost’” são duvidosas, ressignificadas e descontextualizadas como identificamos neste trabalho, há determinados problemas em potencial; o primeiro está relacionado ao comportamento colaborativo nas mídias digitais, uma vez que a marca característica dessas postagens é a transgressão às normas sociais, o segundo à aprendizagem coletiva vinculada por esses grupos. Para isso, acreditar que muitas dessas comunidades compartilhem do mesmo propósito, e que o número de “likes” e comentários atribuídos nesta interação

fundamentam a sua veracidade levando a um sentimento de união entre os membros está associado também a aspectos pejorativos relacionados ao conceito de *violência simbólica*, definido por Bourdieu (2002), tipo de comportamento social que pratica um modo de violência sem coação física e que pode gerar danos morais e psicológicos apresentado em muitas dessas criações compartilhadas em rede. Esse tipo de compartilhamento propicia algum tipo de reconhecimento e prestígio, uma vez que possa ser capitalizado por meio do aumento de seguidores nessas páginas e sua influência no ambiente das redes sociais.

As questões de gênero abordada sob a perspectiva de Butler (2003), permitiu compreender as categorias de sexo. Nesse contexto, temos a construção social da mulher para produzir o efeito natural da binaridade. Desse modo, esse conceito também tem relação com a herança biológica da teoria de Tomasello (2003), em que o indivíduo herda de seus ancestrais características genéticas preestabelecidas, e no contexto dessas mídias digitais esse determinismo biológico representa um problema por desconsiderar os fatores ontogenéticos de constituição, cognição e evolução humana. De acordo com os "shitpost's" antifeministas ao utilizarem o padrão macho e fêmea, eles condicionam a condição básica de sustentação da vida em sociedade. Essa limitação mantém as relações de poder e a hegemonia masculina repercutindo dentro dos contextos culturais.

Nesse ambiente virtual, o antifeminismo reproduz padrões culturais, que é refletido nos elementos linguísticos quanto ao uso do termo "feminazi" ou alusão à ideia no ato comunicativo. Esse padrão busca categorizar tipos de comportamento transgressivo do qual seja considerado adequado e aceito como norma social. Ao estabelecer os critérios para a definição desses arquétipos, o "shitpost" permite legitimar as desigualdades entre homens e mulheres evidenciando o papel da mulher na sociedade, ou seja, além do uso do termo empregado nessas comunidades, encontramos de modo recorrente nestas imagens a caracterização da "mulher do lar", outro conceito referente é o de doméstica como qualidade inerente à definição de mulher honesta. Vale salientar um ponto relevante dessa representação, uma vez que, na maioria das publicidades veiculadas na década de 60, o uso do avental por elas era

condição básica dessa identidade. Essa iconicidade presente também no “shitpost” remete, mesmo que de forma indireta, às atividades de dona de casa. Sendo assim, foi de grande importância para este estudo a análise dos contextos de produção nessas interações, pois confirmamos que o próprio “shitpost” serve como um padrão de manutenção da binaridade biológica nessas comunidades. As apreciações realizadas mediante o resultado dos dados reforçaram como visto nos os gráficos as evidências que observamos durante o processo metodológico de categorização das abordagens teóricas.

Relacionado a esses elementos, temos o conceito da corporificação feminina na constituição das imagens inseridas no “shitpost”. Elas são retratadas como modelo antagônico de beleza, pois não condizem com a normalidade das referências que buscam repetir o paradigma ideal de ser mulher. Consequentemente, o elemento da iconicidade recorrente é o estereótipo do corpo masculino como reprodução do desejo da busca por igualdade. Assim, a ideia de direitos está associada às questões de gênero. Essa premissa de que sexo é natural e gênero é uma construção social é problematizado na obra supracitada de Butler (2003). Para a autora o movimento feminista tenta representar um sujeito inexistente, ou seja, ela busca desconstruir essa binaridade entre sexo e gênero como identidade das mulheres. Sendo assim, é um erro pensar que essas comunidades antifeministas lutem por uma definição de mulheres excluídas do feminismo, pois o que de fato elas objetivam é a manutenção do sistema patriarcal tradicional fundamentadas na herança cultural.

Nessas comunidades a ênfase nos fatores filogenéticos são a base de sustentação da discriminação e vulgarização das mulheres em rede, contudo a aquisição do conhecimento é cultural, de acordo com os estudos de Tomasello (2003). Isso significa dizer que essa discriminação está fundamentada mais em aspectos sociais de aprendizagem do que na constituição biológica do organismo. A biologia não desqualifica as condições sociais de nenhum organismo vivo, tendo em vista que o conceito antifeminista atrelado aos fatores filogenéticos limita as experiências e as relações dos seres com seu ambiente, ou seja, desconsideram os processos ontogenéticos de aprendizagem social. Dessa forma, isso explica porque a caracterização do

corpo feminino, nesses grupos, é representado como masculino, sendo assim o agente intencional responsável por essa transmissão cultural.

Por conseguinte, o “shitpost” é o fenômeno comunicativo que regula essa interação. Neste trabalho, ele é a ferramenta utilizada por essas comunidades como instrumento de manutenção da hegemonia masculina, reafirmando assim o determinismo biológico. Embora sua estrutura-base possa utilizar qualquer tipo de imagem sem apresentar a repetição característica nos memes, o seu objetivo é justamente quebrar esse paradigma da previsibilidade e transgredir normas utilizando uma linguagem tipicamente pejorativa, nesse sentido são classificados como “merdapostagem”, em uma tradução livre, por seu conteúdo.

Uma vez que abarca a arbitrariedade do signo e suas relações associativas dentro do sistema da língua e sendo assim, não abrange os fenômenos interacionistas da fala. Desse modo, o funcionalismo oferece ferramentas de análise metodológicas mais apropriadas para abranger a língua em uso. Contudo, este estudo trouxe algumas concepções estruturalistas para contrapor e reafirmar sua categoria de importância nos estudos da linguagem, embora não seja este nosso objeto de pesquisa.

Dessa forma, podemos compreender melhor porque o fato social representado pela comunidade virtual antifeminista, por si só, pode criar um sistema linguístico de identificação. Além disso, considerar o termo “feminazi” apenas a união de certo som com certo conceito não caberia à ideia de seu valor linguístico, muito menos isolá-lo do sistema. Diante disso, o aspecto conceitual deste termo nas comunidades virtuais antifeministas estabelece os valores de consenso geral ao compartilharem tais juízos nas mídias digitais. A questão que norteou este estudo se baseou no problema da formação morfológica do vocábulo “feminazi” e sua função nesses grupos. Essa construção gramatical quanto à derivação e formação de palavras, encontra na escolha lexical objeto de análise concreta como ícone na forma e conteúdo para considerar a junção de dois radicais de ordem totalmente antagônicas de significado, a possibilidade de classificação. Contudo, a perspectiva teórica de Saussure, permitiu observar como o significante e o significado dentro da arbitrariedade do signo aborda esta problemática. Assim, as relações

associativas e sintagmáticas foram essenciais para promover a discussão e possibilidades de definição deste fenômeno.

Entretanto, há pontos importantes que a teoria saussuriana não considera dentro deste trabalho, que estariam ligados às estruturas hegemônicas de poder na qual o termo “feminnazi” representa no contexto virtual das práticas discursivas. Nessa perspectiva, a interação comunicativa ou o ato comunicativo não é uma preocupação científica para Saussure, pois neste processo de análise o objeto do qual ele se ocupa é o sistema linguístico conceitual.

Portanto, as análises apresentadas neste trabalho permitem compreender o funcionamento desse sistema no processo interacionista da língua, para analisar a constituição de pós-verdades como sustentação ideológica de dominação no ciberespaço. Na verdade, não restringimos a temática apenas a analisar o próprio sistema, mas a identificar outras perspectivas metodológicas, uma vez que a arbitrariedade do signo linguístico definido por Saussure não oferece as ferramentas para elucidar o problema. Claro que não seria possível que uma única fundamentação teórica desse conta de toda a complexidade do objeto estudado, o nosso intuito porém é promover a discussão de que mesmo apresentando o caráter passível para a delimitação das combinações no sistema, o termo “feminazi” apresenta muitas outras possibilidades de análise dentro do sistema linguístico. Por isso, a linguística funcionalista permite ampliar e aprofundar por meio do princípio da iconicidade e topicalização as representações mentais de mundo desses interlocutores, permitindo compreender o fenômeno estudado nessas comunidades como situação comunicativa interpessoal, objetivando ressignificar uma realidade por meio da linguagem verbo-imagética.

Em síntese, o estruturalismo contribuiu para a análise diacrônica do termo e sua linearidade, contudo nossa pesquisa está fundamentada nos aspectos funcionalistas dos quais o formalismo não aprofunda, ou seja, o contexto de uso concreto da língua para representar as relações de dominação e poder no discurso.

O processo de reconfiguração incessante do interdiscurso nas formações discursivas dos memes de internet é um dos elementos fundamentais de legitimação da discriminação da mulher nas comunidades de “shitpost”

antifeminista. Nessas publicações vinculadas a esses grupos o *subprincípio da informatividade* traz em uma correlação de sentenças afirmativas e negativas o princípio da *marcação*, isto é, ao relacionar o feminismo historicamente situado como um movimento fracassado atualmente, esses “shitpost’s” objetivam negar sua existência utilizando estruturas complexas cognitivamente por apresentar um número maior de formas.

De acordo com a linguística funcionalista o termo “feminazi” pode exercer várias funções no contexto das mídias digitais, ora se referindo as mulheres como qualificador, ora ao substantivo que determina o feminismo. Por conseguinte, a ideia central nessas comunidades é referenciar a radicalização do comportamento isolado de alguns grupos, generalizando-o às causas que originaram os direitos sociais das mulheres. Segundo o princípio da iconicidade, como não há um termo apropriado para discriminar essas mulheres, o uso do “feminazismo”, “femismo”, “feminazi” são correlacionados servindo de representação dessas mulheres. Vale salientar que essas comunidades não diferem feminismo de “feminazismo”, ou qualquer outro termo aqui apresentado, o que elas objetivam é ressignificar a realidade e sua definição social fundamentada na herança cultural.

Esse processo de discriminação nas redes não tem a preocupação com a verdade dos fatos. Neste trabalho foi possível identificar a construção frágil para a sustentação dessas diferenças baseadas apenas no determinismo biológico. Há a manutenção de características como padrão feminino e quando esse paradigma é desconstruído, essas comunidades reforçam a importância em preservar a binaridade de sexos como base da hierarquia que organiza a vida em sociedade. O que é evidente nestas análises é o interdiscurso compartilhado e (re)produzido nessas comunidades virtuais, dentre esses fatores de sustentação está a memória discursiva como elemento que reafirma estes “shitpost’s” dentro de um contexto tradicional. Nesse caso, não poderíamos deixar de lado as categorizações da análise do discurso como componente relevante nesse processo.

Partindo deste princípio, o objeto de estudo que fundamentou o desenvolvimento das análises para este trabalho no campo da ACD são praticamente inesgotáveis. A memória discursiva é fator que contribui para

ampliar o entendimento dos contextos de produção do discurso. De certa forma, o “já-dito” sobre o antifeminismo é uma das novas formas de captação da heterogeneidade discursiva. Possibilita, assim, o apagamento da importância da luta das mulheres por direitos político, social e econômico.

Outro ponto é a linguística crítica como fator de mudança social e conscientização, pois aborda as representações e suas variações dentro do processo constitutivo das ideologias. Apesar de ser um campo recente, sua perspectiva teórica envolve diversas áreas científicas relevantes para este estudo, uma vez que não limita o exame dos conceitos essencialmente estruturalistas, como também os valores que estão presentes nessas representações.

Em síntese, a maior contribuição deste trabalho foi abordar o processo de transmissão cultural dentro dessas comunidades como modo de representação das mulheres. Além de definir o “shitpost’ e o termo “feminazi”, esse estudo proporcionou identificar a importância desses ambientes virtuais no processo de aprendizagem coletiva, o que remonta a evolução do *Homo Sapiens* quando criou diversas formas de linguagem para sua sobrevivência. O problema que objetivamos elucidar é o que Harari (2020) define como *mitos biológicos* para justificar as diferenças entre os sexos. Segundo o autor, “a biologia está pronta para tolerar um espectro muito amplo de possibilidades”. Ele continua dizendo que biologicamente as mulheres são capacitadas a terem filhos, em algumas culturas elas são obrigadas a procriarem. Ainda de acordo com o historiador, a biologia permite ao homem sentir prazer sexual com outros homens, algumas culturas proíbem essa concretização, desse modo, da perspectiva biológica não há nada que seja antinatural.

Assim, considero que não se esgota aqui os referenciais usados na pesquisa que constitui este trabalho. Porque dentro deste aporte de teóricos do discurso, da linguística funcionalista, da psicologia e sociologia, surgem outras possibilidades de analisar o objeto da pesquisa e que poderiam abarcar outros referenciais teóricos. Logo, seria impossível desenvolver todas as bases que sustentam as concepções destes campos de estudo em um único cenário do fenômeno da comunicativo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. P. NOJIRI, S. Como os juízes decidem os casos de estupro?, Revista Brasileira de Políticas Públicas, Uniceub, Vol.08, Nº 2, p. 826 – 845, Ago, 2018.

BUTLER. J.P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. [tradução Renato Aguiar]. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BOURDIEU. P. **A dominação masculina**. [tradução Maria Helena Kuhnner]. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CIALDINI. R. B. **As armas da persuasão 2.0**. [tradução Edmundo Barreiros] – Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2021.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Le livros, PDF online, 1976. Disponível em: <https://goo.gl/PrJrb9> acesso em 18 out. 2020.

DIJK, T. A.V. **Cognição, discurso e interação**. 7ª ed. 1ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2019.

FOWLER. R. sobre a linguística crítica. Linguagem em (dis)curso, lemD, tubarão, v4.n.esp.p 207 – 222, 2004. Publicado em 1996.

FURTADO da CUNHA, M.;OLIVEIRA, M.R de; MARTELOTTA, M.E. **Linguística funcional**: Teoria e Prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
GIVÓN, Talmy. The origins of syntactic complexity – diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution. Amsterdam: John Benjamins, 2010.

GIORDAN, I. Homens possuem mais facilidade na área de exatas do que mulheres, informa pesquisa, 2019. Disponível em: <http://www.querobolsa.com.br>revista>acesso em: 06/02/2023.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. [tradução Jorio Dauster] – 1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade.**. 18ª Ed. Petróplis: Vozes, 2001.

MACEDO, A.V.T. de. Funcionalismo. **Veredas**: Revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora. V.1, n.2, p.71-88, 1998.

MAINGUENEAU. D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. **Análise dos textos de comunicação**. 3ª ed.- São Paulo: Cortez, 2004.

MARTELOTTA, M. **Manual de Linguística**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA-NETO, V. (2014). Um estudo da emergência de gêneros no Facebook. 309f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

LIMA-NETO, V. Meme é gênero? Questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas, SP, v.59, n.3, p. 2246-2277, 2021. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8659859. Acesso em: 5 jan.2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 5ª ed.- Campinas, SP: Pontes, 2005.

Por que a mulher deve se aposentar mais cedo do que o homem? Jusbrasil, 2018. Disponível em: <http//www.examedaoab.jusbrasil.com.br/noticias>acesso em: 13/02/2023

KNOBEL; M.; LANKSHEAR, C. (2005). Memes and affinities: Cultural replicatin and literacy educacion. ANNUAL NRC, Miami.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antonio Chelini, José Paes e Izidoro Blikstein realizada a partir da edição francesa publicada peladitora Payot. São Paulo: Editora Cultrix, 1972, 4ª edição.279 p.

_____. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio à edição brasileira de: Isaac Nicolau Salum; [tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein]. – 28. Ed. – São Paulo: Cutrix, 2012.

[1]Portal do G1 em 31/07/2012 na seção de ciência e saúde sob o título: Titanic foi ‘exceção’no perfil dos mortos em naufrágio, diz pesquisa. Disponível em: <http//g1.clobo.com/ciência-e-saude/noticia2012/07/titanic-foi-excecao-no-perfil-dos-mortos-em-naufragio-diz-pesquisa>acesso em 20/12/22.

SHITPOSTING. In: DICIO, Urban Dictionary (em Inglês). Disponível em: <www.urbandictionary.com>.Acesso em 20/10/2020.

SCHOPENHAUER, A. **38 estratégias para vencer qualquer debate: a arte de ter razão**.[tradução Camila Werner]. São Paulo: Faro Editorial, 2014.

VICENTE, R. B. DEFENDI, C.L. LIMA-HERNANDES, M.C.P. Divergências e contribuições saussurianas à linguística funcionalista. **Revista Prolíngua**. V.11, n, 2, p. 33 – 34, 2016.

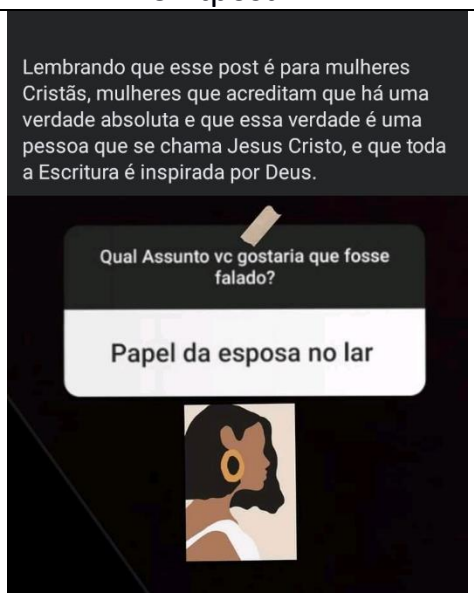
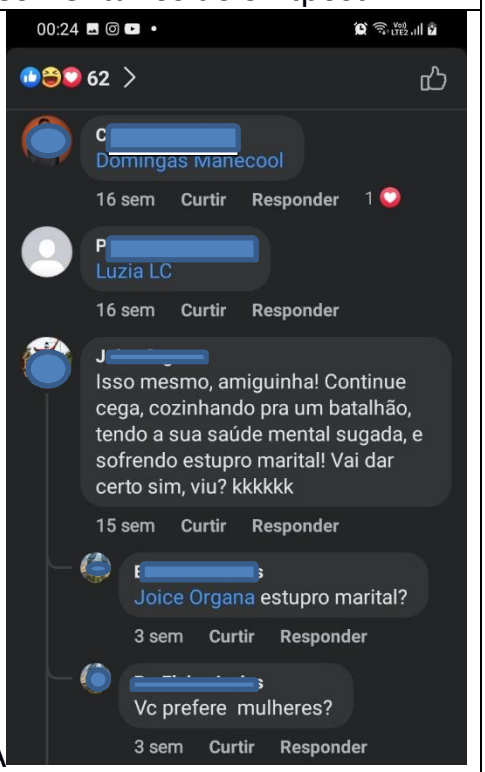
VAN DIJK, T. El estudio del discurso. In: VAN DIJK, T. **El discurso como estructura y processo. Barcelona**: Gedisa, 2000. Cap.1, p. 21-65.

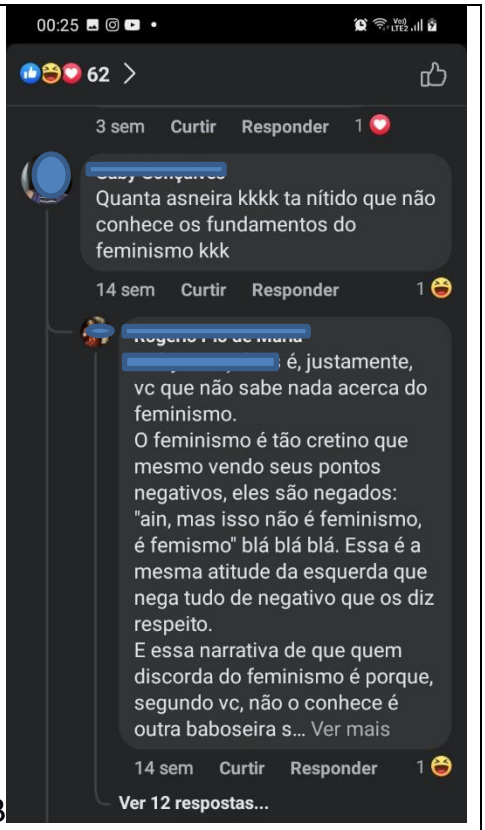
VAN DIJK, T.A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2018.

WESTIN, R. Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos. Agência Senado, Arquivo S, Ed. 65, Educação, 2020.

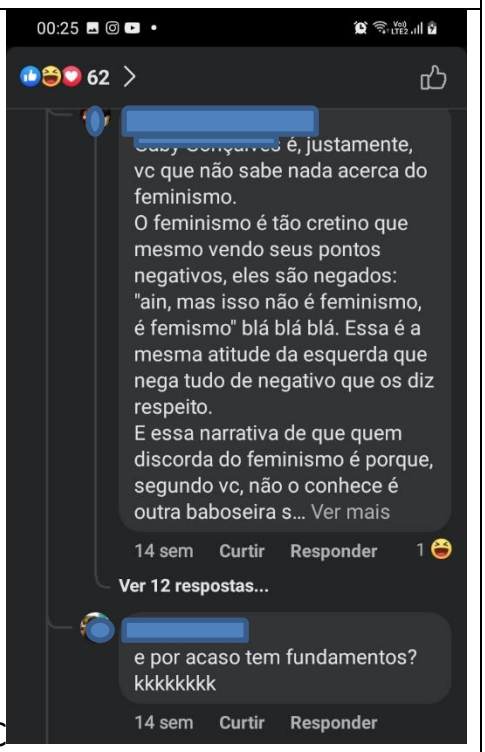
TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento**, (C. Berliner. Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Anexo

Dado	Comentários
Shitpost 1 -	Comentários do Shitpost 1
	1A 


00:25
62
3 sem Curtir Responder 1
Quanta asneira kkkk ta nítido que não conhece os fundamentos do feminismo kkk
14 sem Curtir Responder 1
é, justamente, vc que não sabe nada acerca do feminismo.
O feminismo é tão cretino que mesmo vendo seus pontos negativos, eles são negados: "ain, mas isso não é feminismo, é femismo" blá blá blá. Essa é a mesma atitude da esquerda que nega tudo de negativo que os diz respeito.
E essa narrativa de que quem discorda do feminismo é porque, segundo vc, não o conhece é outra baboseira s... Ver mais
14 sem Curtir Responder 1
Ver 12 respostas...

1B

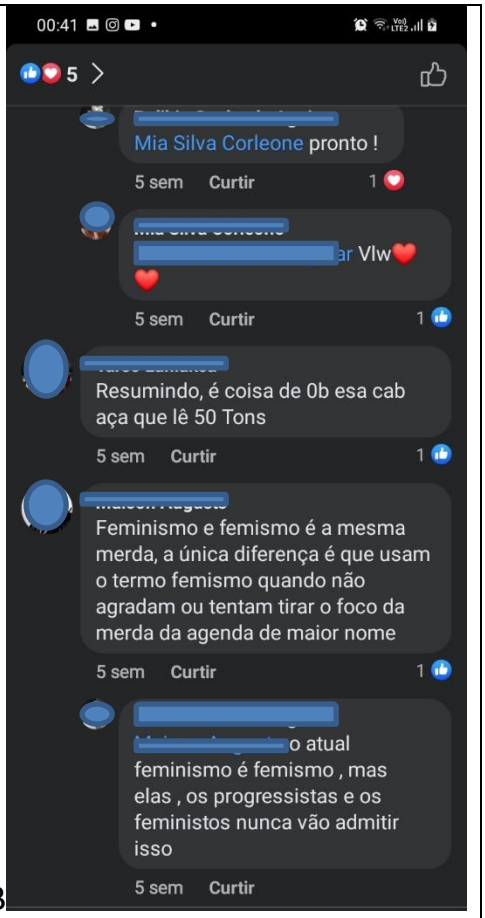

00:25
62
é, justamente, vc que não sabe nada acerca do feminismo.
O feminismo é tão cretino que mesmo vendo seus pontos negativos, eles são negados: "ain, mas isso não é feminismo, é femismo" blá blá blá. Essa é a mesma atitude da esquerda que nega tudo de negativo que os diz respeito.
E essa narrativa de que quem discorda do feminismo é porque, segundo vc, não o conhece é outra baboseira s... Ver mais
14 sem Curtir Responder 1
Ver 12 respostas...
e por acaso tem fundamentos? kkkkkkkk
14 sem Curtir Responder

1C

1D

Dado	Comentários
Shitpost 2 -	Comentários do Shitpost 2

2A

	2B 
Dado	Comentários
Shitpost 3	Comentários do Shitpost 3

Dado	Comentários
Shitpost 4	Comentários do Shitpost 4

Dado	Comentários
Shitpost 5	Comentários do Shitpost 5

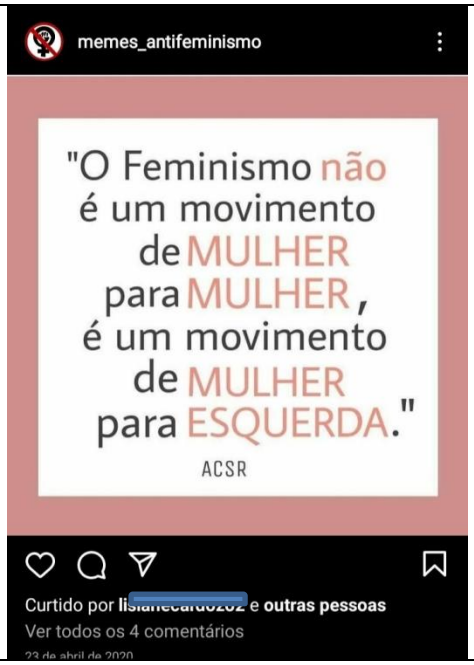
Dado	Comentários
Shitpost 6	Comentários do Shitpost 6

Dado	Comentários
Shitpost 7	Comentários do Shitpost 7

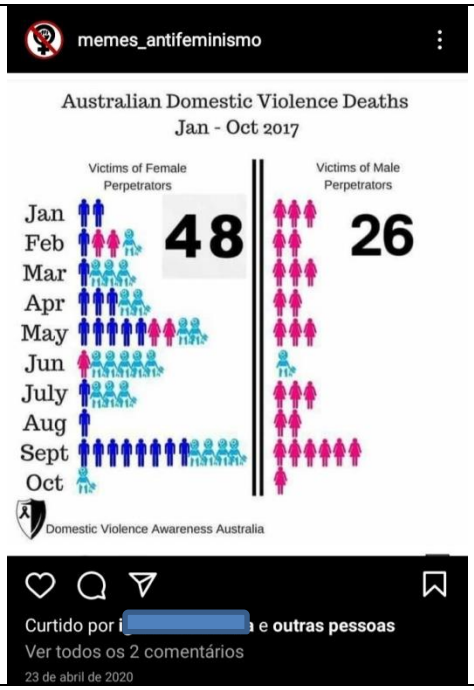
Dado	Comentários
Shitpost 8	Comentários do Shitpost 8

Dado	Comentários
Shitpost 9	Comentários do Shitpost 9

Dado	Comentários
Shitpost 10	Comentários do Shitpost 10

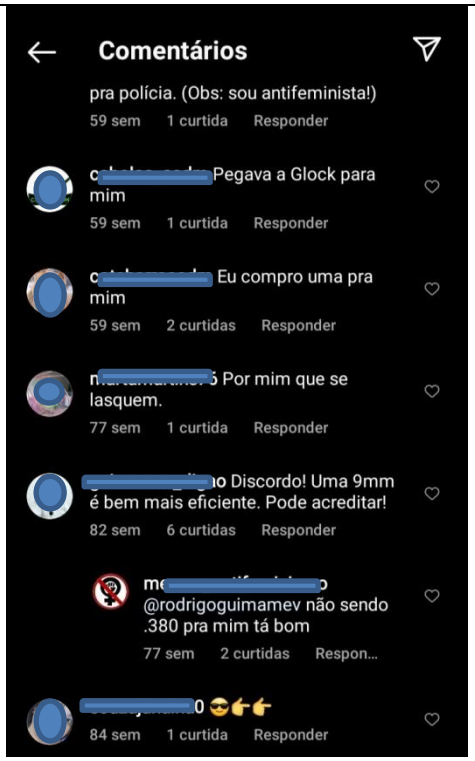
	----------
Dado	Comentários
Shitpost 11	Comentários do Shitpost 11

Dado	Comentários
Shitpost 12	Comentários do Shitpost 12

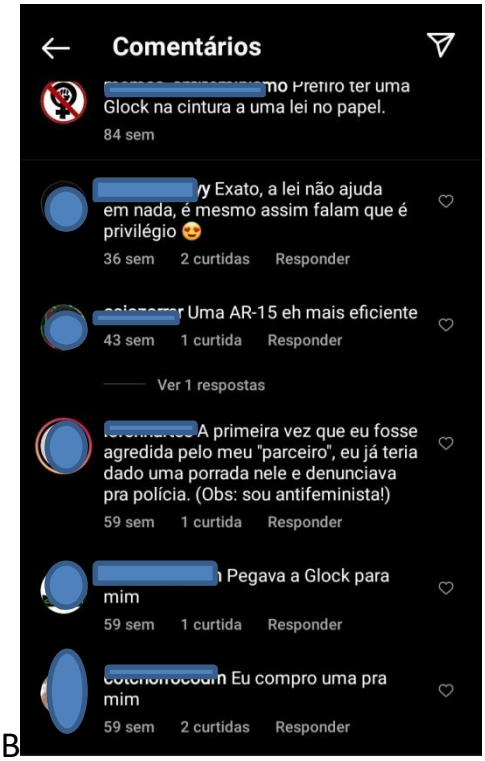
	----------
Dado	Comentários
Shitpost 13	Comentários do Shitpost 13
	.....
Dado	Comentários
Shitpost 14	Comentários do Shitpost 14

memes_antifeminismo
DIGA NÃO
À VIOLÊNCIA
CONTRA AS
MULHERES
COMPRE UMA GLOCK 45 PARA
ELAS.OU FICA ESPERANDO A LEI
MARIA DA PENHA RESOLVER.
Curtido po[redacted]ota e outras pessoas
memes_antifeminismo Prefiro ter uma Glock na cintura a uma lei no papel.
Ver todos os 12 comentários
13 de maio de 2020 • Ver tradução

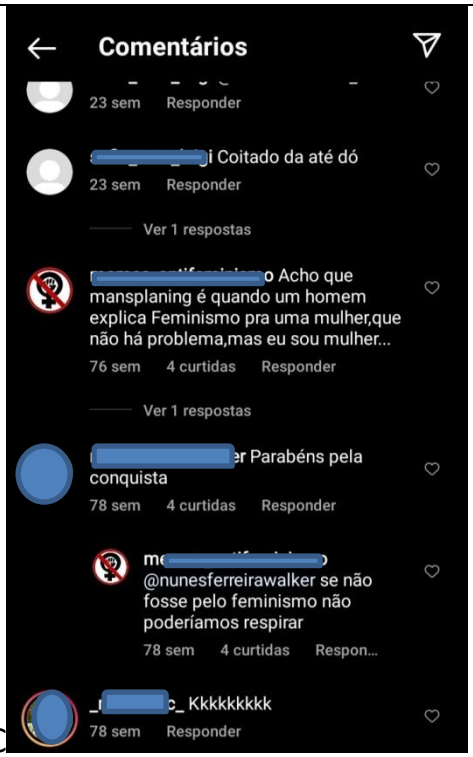
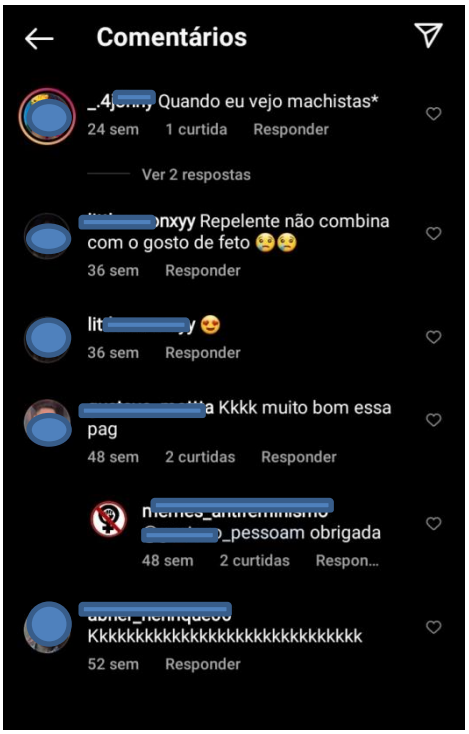
14


Comentários
pra polícia. (Obs: sou antifeminista!)
59 sem 1 curtida Responder
[redacted] Pegava a Glock para mim
59 sem 1 curtida Responder
[redacted] Eu compro uma pra mim
59 sem 2 curtidas Responder
[redacted] Por mim que se lasquem.
77 sem 1 curtida Responder
[redacted] Discordo! Uma 9mm é bem mais eficiente. Pode acreditar!
82 sem 6 curtidas Responder
[redacted]
@rodrigoguimamev não sendo .380 pra mim tá bom
77 sem 2 curtidas Respon...
[redacted]
84 sem 1 curtida Responder

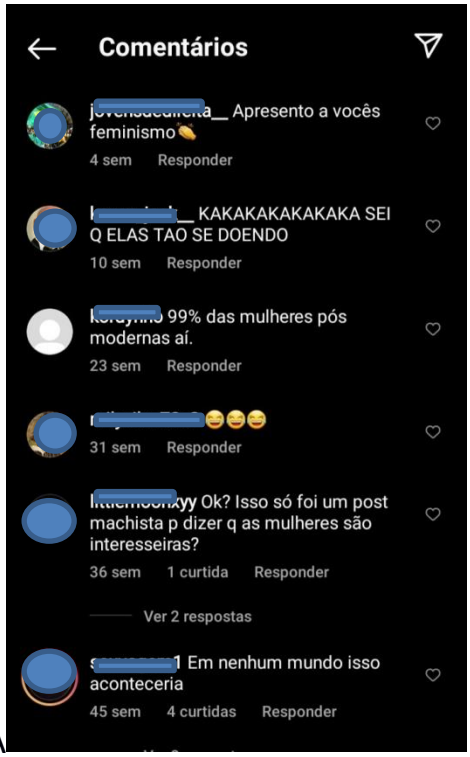
14A


Comentários
[redacted] Prefiro ter uma Glock na cintura a uma lei no papel.
84 sem
[redacted] Exato, a lei não ajuda em nada, é mesmo assim falam que é privilégio
36 sem 2 curtidas Responder
[redacted] Uma AR-15 eh mais eficiente
43 sem 1 curtida Responder
Ver 1 respostas
[redacted] A primeira vez que eu fosse agredida pelo meu "parceiro", eu já teria dado uma porrada nele e denunciava pra polícia. (Obs: sou antifeminista!)
59 sem 1 curtida Responder
[redacted] Pegava a Glock para mim
59 sem 1 curtida Responder
[redacted] Eu compro uma pra mim
59 sem 2 curtidas Responder

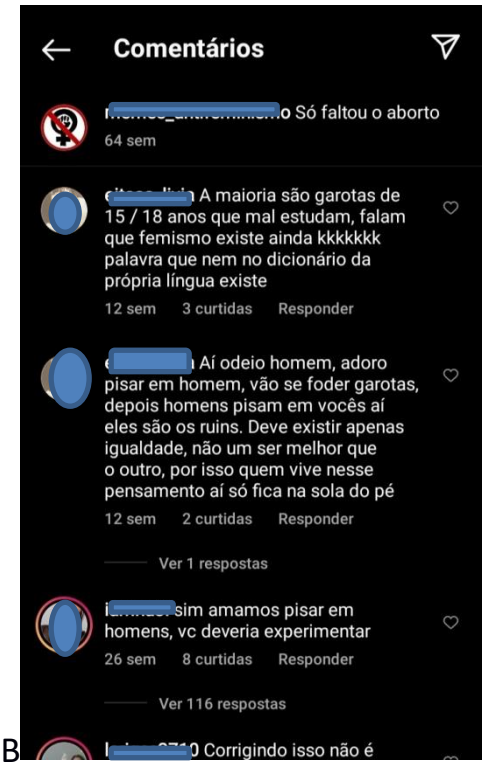
14B

	 14C
Dado	Comentários
Shitpost 15	Comentários do Shitpost 15
	 15A
Dado	Comentários
Shitpost 16	Comentários do Shitpost 16

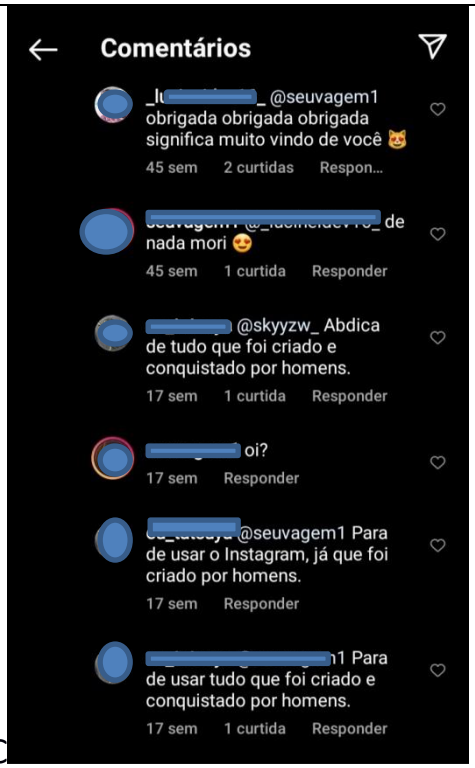
memes_antifeminismo
IGUALDADE
FEMINISMO
Curtido por [redacted] e outras pessoas
memes_antifeminismo Só faltou o aborto


Comentários
[redacted]__ Apresento a vocês feminismo
4 sem Responder
[redacted]__ KAKAKAKAKAKAKA SEI Q ELAS TAO SE DOENDO
10 sem Responder
[redacted] 99% das mulheres pós modernas aí.
23 sem Responder
[redacted]
31 sem Responder
[redacted]xyy Ok? Isso só foi um post machista p dizer q as mulheres são interesseiras?
36 sem 1 curtida Responder
Ver 2 respostas
[redacted]1 Em nenhum mundo isso aconteceria
45 sem 4 curtidas Responder

16A

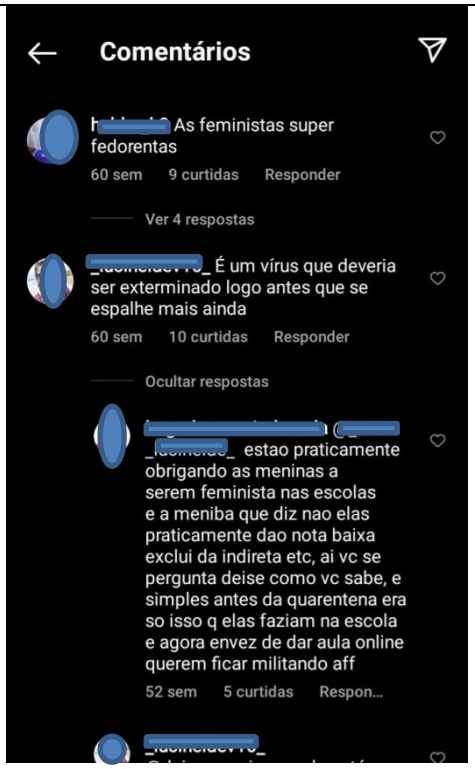

Comentários
[redacted]o Só faltou o aborto
64 sem
[redacted] A maioria são garotas de 15 / 18 anos que mal estudam, falam que femismo existe ainda kkkkkkk palavra que nem no dicionário da própria língua existe
12 sem 3 curtidas Responder
[redacted] Aí odeio homem, adoro pisar em homem, vão se foder garotas, depois homens pisam em vocês aí eles são os ruins. Deve existir apenas igualdade, não um ser melhor que o outro, por isso quem vive nesse pensamento aí só fica na sola do pé
12 sem 2 curtidas Responder
Ver 1 respostas
[redacted]sim amamos pisar em homens, vc deveria experimentar
26 sem 8 curtidas Responder
Ver 116 respostas
[redacted]0 Corrigindo isso não é

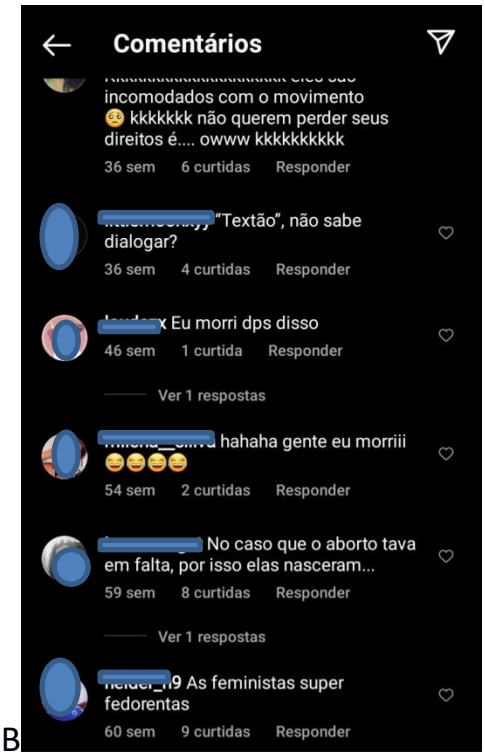
16B

	16C 
Dado	Comentários
Shitpost 17	Comentários do Shitpost 17

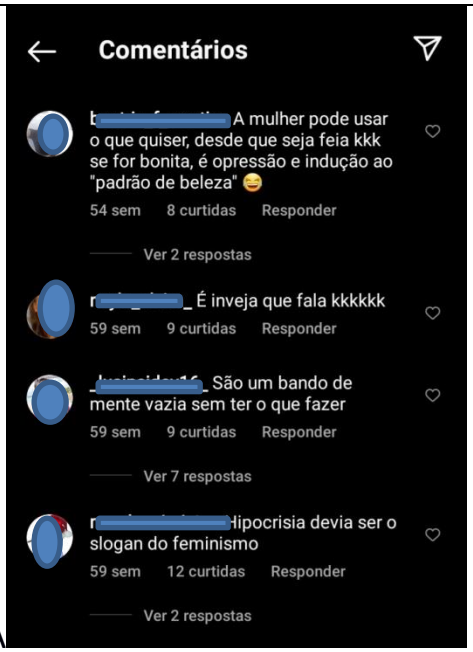
Dado	Comentários
Shitpost 18	Comentários do Shitpost 18

<table>
<tr>
<td>

</td>
<td>


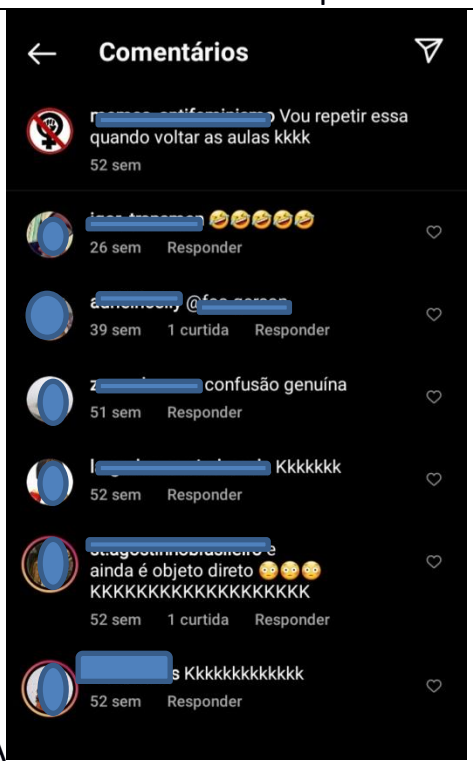
18A


18B
</td>
</tr>
<tr>
<td>Dado</td>
<td>Comentários</td>
</tr>
<tr>
<td>Shitpost 19</td>
<td>Comentários do Shitpost 19</td>
</tr>
</table>



19A

Dado	Comentários
Shitpost 20	Comentários do Shitpost 20



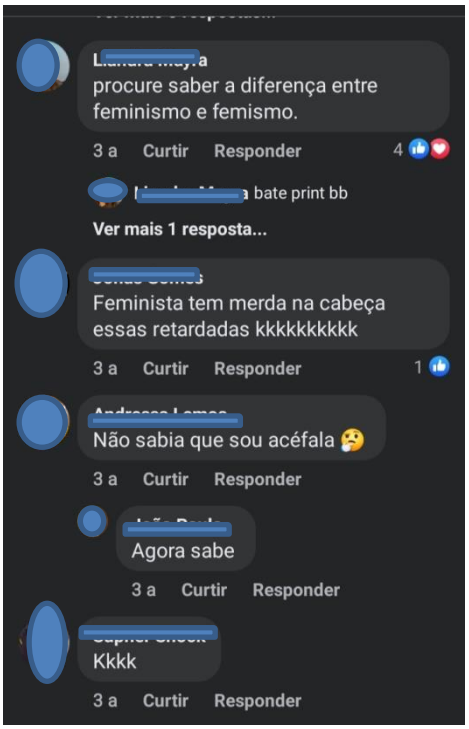
20A

Dado	Comentários
Shitpost 21	Comentários do Shitpost 21

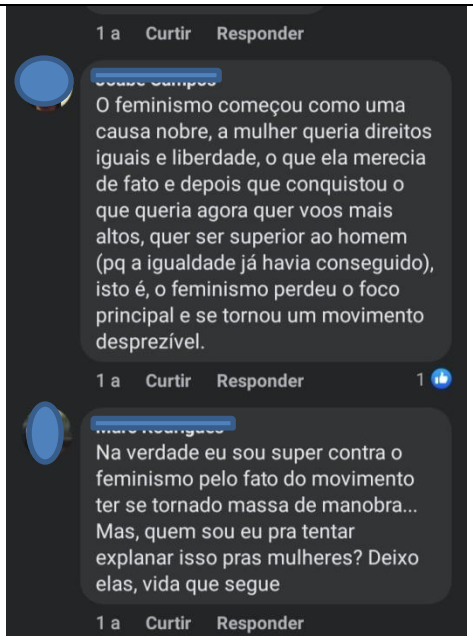
memes_antifeminismo
FEMINISTAS LUTANDO POR "DIREITOS IGUAIS"
- Serviço militar obrigatório;
- Aposentadoria aos 65 anos;
- Trabalhar nas minas de carvão;
- Trabalhar de coletor de lixo;
- Descarregar carreta de cimento.
- Andar sem camisa;
- Mijar na rua;
- Ter suvaco cabeludo.
Curtido por jo e outras pessoas
memes_antifeminismo Via: @manoboludao

Comentários
7 sem Responder
27 sem 1 curtida Responder
KKKKKKKKKK nunca vi tanta verdade
29 sem 3 curtidas Responder
Eu querendo tudo aquilo de cima kkkkk aí senhor que nojo
36 sem 1 curtida Responder
y Ok, pq vcs não lutam pelos próprios direitos?
36 sem 1 curtida Responder
Ver 3 respostas
Nós n queremos TODOS os direitos iguais
42 sem 2 curtidas Responder

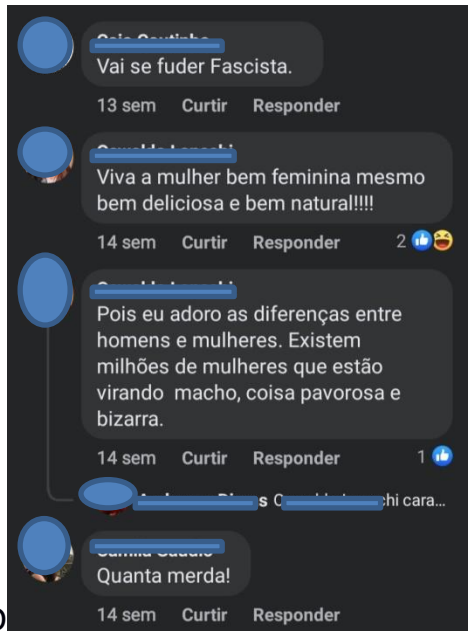
21A


procure saber a diferença entre feminismo e femismo.
3 a Curtir Responder 4
bate print bb
Ver mais 1 resposta...
Feminista tem merda na cabeça essas retardadas kkkkkkkkkk
3 a Curtir Responder 1
Não sabia que sou acéfala
3 a Curtir Responder
Agora sabe
3 a Curtir Responder
Kkkk
3 a Curtir Responder

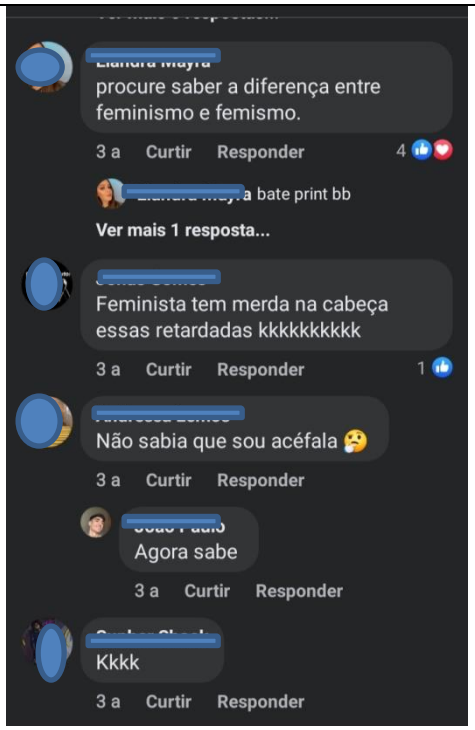
21B


1 a Curtir Responder
O feminismo começou como uma causa nobre, a mulher queria direitos iguais e liberdade, o que ela merecia de fato e depois que conquistou o que queria agora quer voos mais altos, quer ser superior ao homem (pq a igualdade já havia conseguido), isto é, o feminismo perdeu o foco principal e se tornou um movimento desprezível.
1 a Curtir Responder 1
Na verdade eu sou super contra o feminismo pelo fato do movimento ter se tornado massa de manobra... Mas, quem sou eu pra tentar explanar isso pras mulheres? Deixo elas, vida que segue
1 a Curtir Responder

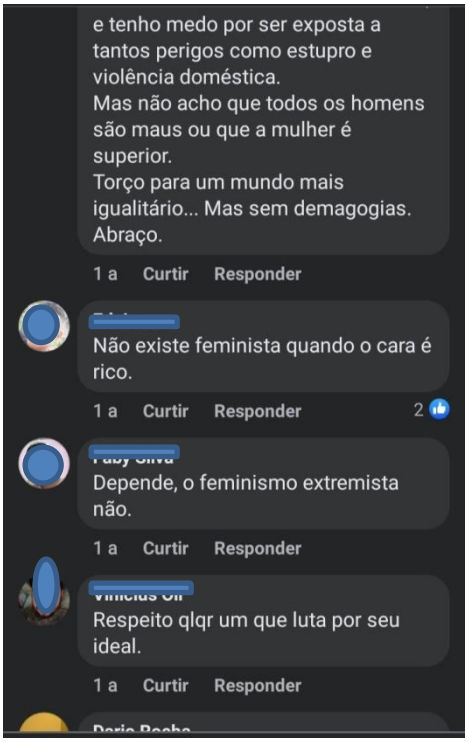
21C


Vai se fuder Fascista.
13 sem Curtir Responder
Viva a mulher bem feminina mesmo bem deliciosa e bem natural!!!!
14 sem Curtir Responder 2
Pois eu adoro as diferenças entre homens e mulheres. Existem milhões de mulheres que estão virando macho, coisa pavorosa e bizarra.
14 sem Curtir Responder 1
Quanta merda!
14 sem Curtir Responder

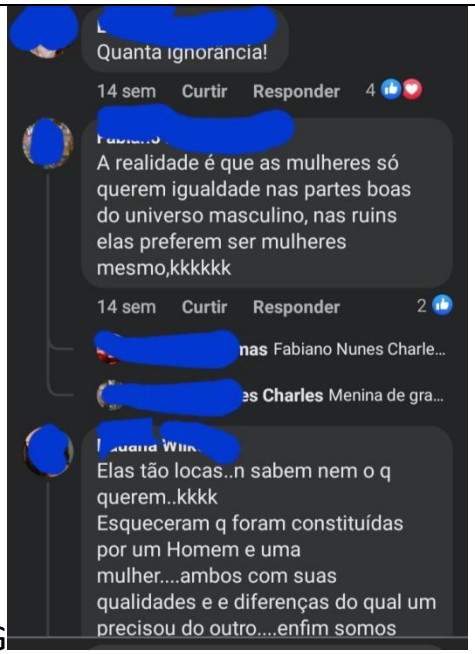
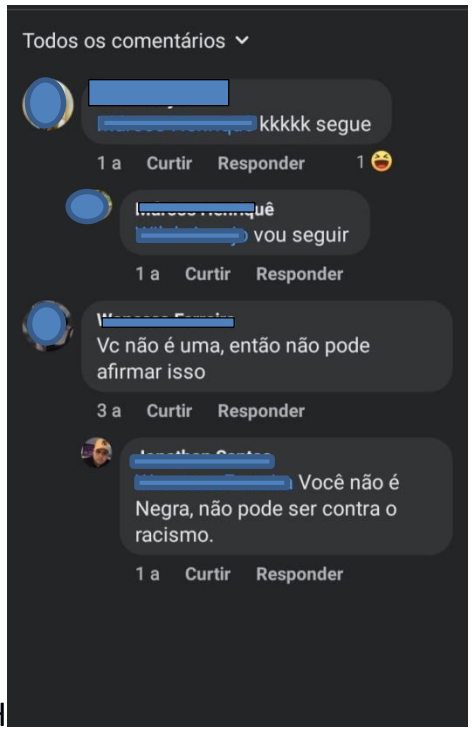
21D

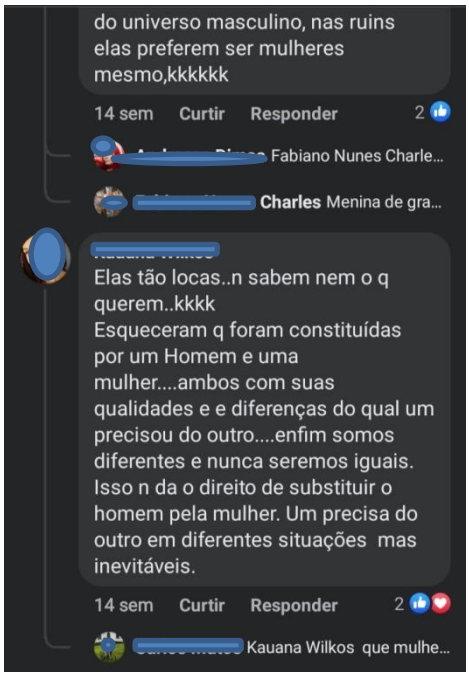

procure saber a diferença entre feminismo e femismo.
3 a Curtir Responder 4
a bate print bb
Ver mais 1 resposta...
Feminista tem merda na cabeça essas retardadas kkkkkkkkkk
3 a Curtir Responder 1
Não sabia que sou acéfala
3 a Curtir Responder
Agora sabe
3 a Curtir Responder
Kkkk
3 a Curtir Responder

21E


e tenho medo por ser exposta a tantos perigos como estupro e violência doméstica.
Mas não acho que todos os homens são maus ou que a mulher é superior.
Torço para um mundo mais igualitário... Mas sem demagogias.
Abraço.
1 a Curtir Responder
Não existe feminista quando o cara é rico.
1 a Curtir Responder 2
Depende, o feminismo extremista não.
1 a Curtir Responder
Respeito qlqr um que luta por seu ideal.
1 a Curtir Responder

21F

	21G  Quanta ignorancia! 14 sem Curtir Responder 4 A realidade é que as mulheres só querem igualdade nas partes boas do universo masculino, nas ruins elas preferem ser mulheres mesmo,kkkkkk 14 sem Curtir Responder 2 nas Fabiano Nunes Charle... es Charles Menina de gra... Elas tão locas..n sabem nem o q querem..kkkk Esqueceram q foram constituídas por um Homem e uma mulher....ambos com suas qualidades e e diferenças do qual um precisou do outro....enfim somos 21H  Todos os comentários kkkkk segue 1 a Curtir Responder 1 uê vou seguir 1 a Curtir Responder Vc não é uma, então não pode afirmar isso 3 a Curtir Responder Você não é Negra, não pode ser contra o racismo. 1 a Curtir Responder

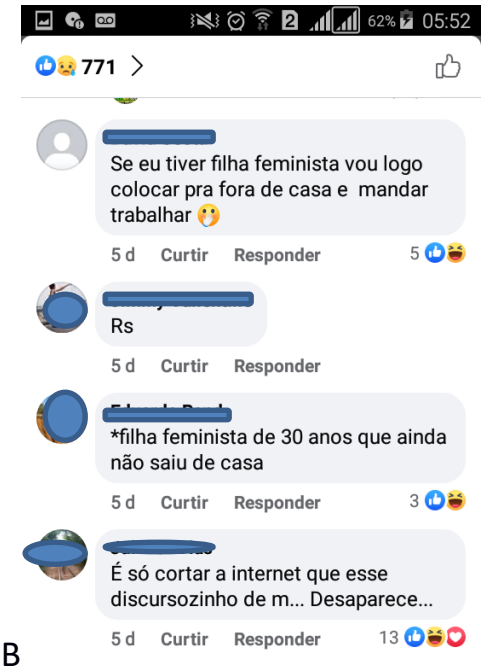
	21I 21J 

Dado	Comentários
Shitpost 22	Comentários do Shitpost 22

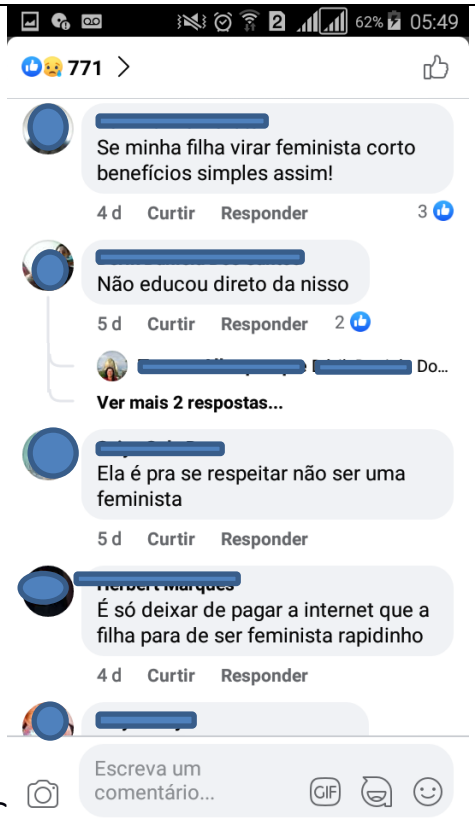
- Contas pagas
- Trabalhar o dia inteiro
- Proporcionar uma boa vida à filha
- Pagar internet
- Por comida na mesa
0330
Pai
Homem é tudo lixo!!!
@meme.antifeminista
Filha feminista

771
Mais relevantes
Feminismo é doença, próximo!
5 d Curtir Responder 36
Se eu tiver uma filha e ela disser que é feminista eu vou tirar a Net dela
5 d Curtir Responder 22
Seiya Sola Dor Lúcido
Por isso devem os pais livrarem suas crianças, darem proteção, amor e educação (Do e no lar),,
Assim crescerão mesmo meio a pestes e desastres, honrada seja a família e Deus.
5 d Curtir Responder

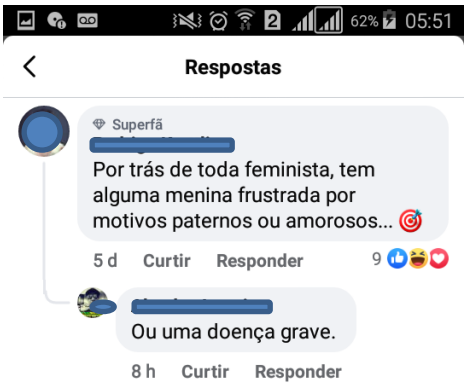
22A


62% 05:52
771
Se eu tiver filha feminista vou logo colocar pra fora de casa e mandar trabalhar 😱
5 d Curtir Responder 5
Rs
5 d Curtir Responder
*filha feminista de 30 anos que ainda não saiu de casa
5 d Curtir Responder 3
É só cortar a internet que esse discursozinho de m... Desaparece...
5 d Curtir Responder 13

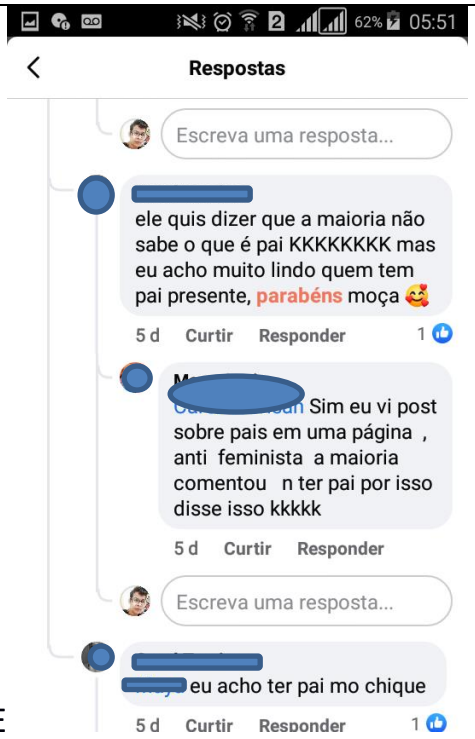
22B


62% 05:49
771
Se minha filha virar feminista corto benefícios simples assim!
4 d Curtir Responder 3
Não educou direto da nisso
5 d Curtir Responder 2
Do...
Ver mais 2 respostas...
Ela é pra se respeitar não ser uma feminista
5 d Curtir Responder
É só deixar de pagar a internet que a filha para de ser feminista rapidinho
4 d Curtir Responder
Escreva um comentário...
GIF

22C

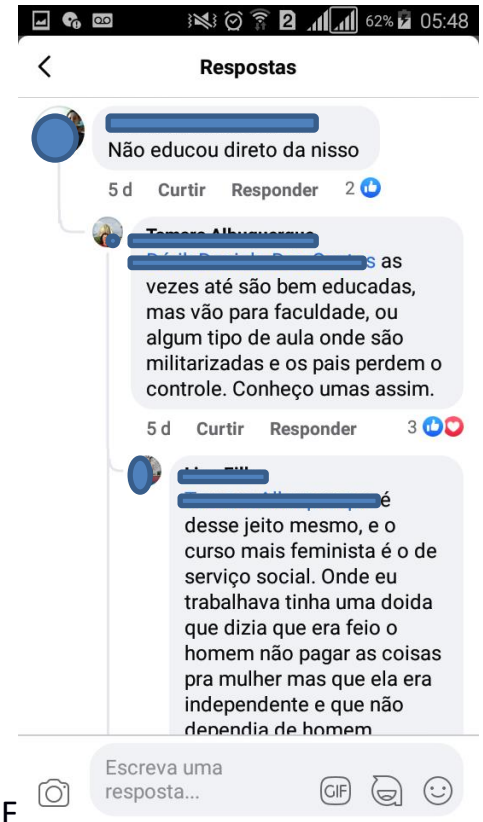

62% 05:51
Respostas
Superfã
Por trás de toda feminista, tem alguma menina frustrada por motivos paternos ou amorosos...
5 d Curtir Responder 9
Ou uma doença grave.
8 h Curtir Responder

22D

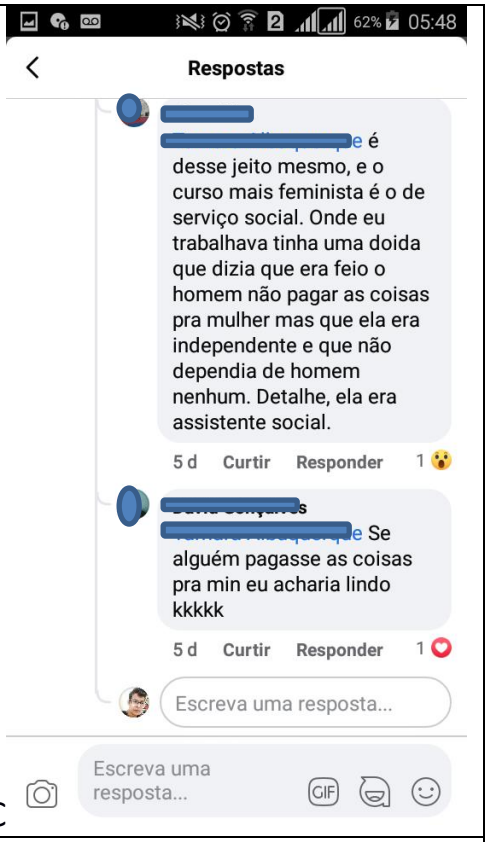

62% 05:51
Respostas
Escreva uma resposta...
ele quis dizer que a maioria não sabe o que é pai KKKKKKKK mas eu acho muito lindo quem tem pai presente, parabéns moça
5 d Curtir Responder 1
Sim eu vi post sobre pais em uma página , anti feminista a maioria comentou n ter pai por isso disse isso kkkkk
5 d Curtir Responder
Escreva uma resposta...
eu acho ter pai mo chique
5 d Curtir Responder 1

22E

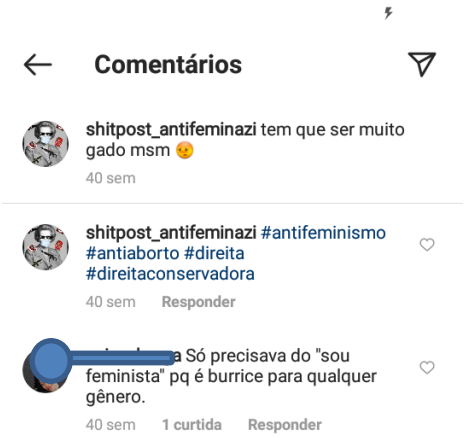
22F

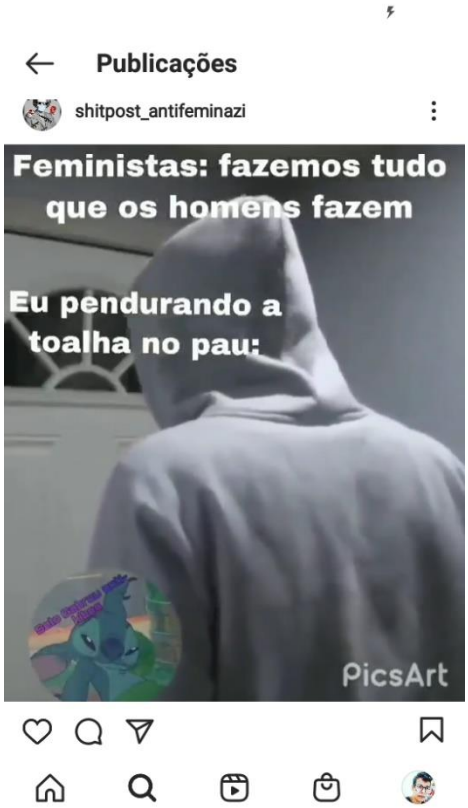

62% 05:48
Respostas
Não educou direto da nisso
5 d Curtir Responder 2
as vezes até são bem educadas, mas vão para faculdade, ou algum tipo de aula onde são militarizadas e os pais perdem o controle. Conheço umas assim.
5 d Curtir Responder 3
é desse jeito mesmo, e o curso mais feminista é o de serviço social. Onde eu trabalhava tinha uma doida que dizia que era feio o homem não pagar as coisas pra mulher mas que ela era independente e que não dependia de homem
Escreva uma resposta...
GIF

22F

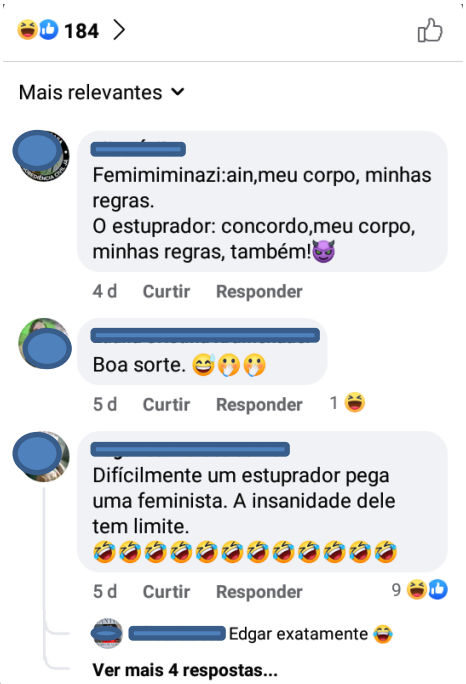
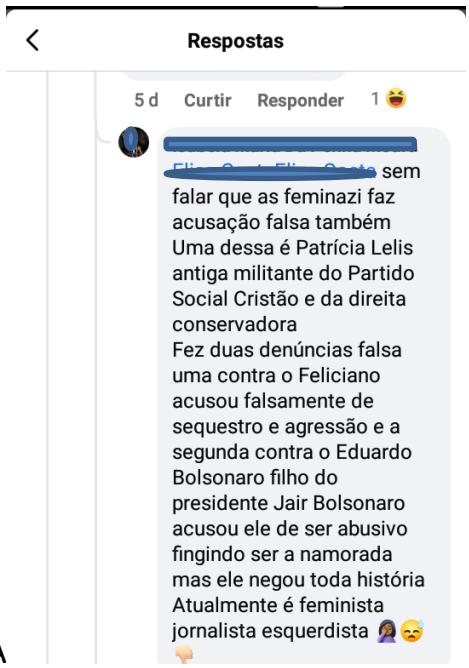
	 22GC
Dado	Comentários
Shitpost 23	Comentários do Shitpost 23
	_____
Dado	Comentários

Shitpost 24	Comentários do Shitpost 24
	24A
Dado	Comentários

Shitpost 25	Comentários do Shitpost 25
	 25A
Dado	Comentários

Shitpost 26	Comentários do Shitpost 26
	 26A
Dado	Comentários
Shitpost 27	Comentários do Shitpost 27

Dado	Comentários

Shitpost 28	Comentários do Shitpost 28
	 28A
Dado	Comentários
Shitpost 29	Comentários do Shitpost 29
	 29A
Dado	Comentários

Shitpost 30	Comentários do Shitpost 30

Dado	Comentários
Shitpost 31	Comentários do Shitpost 31

Dado	Comentários
Shitpost 32	Comentários do Shitpost 32

Dado	Comentários
Shitpost 33	Comentários do Shitpost 33

Dado	Comentários
Shitpost 34	Comentários do Shitpost 34

Imagem 01	

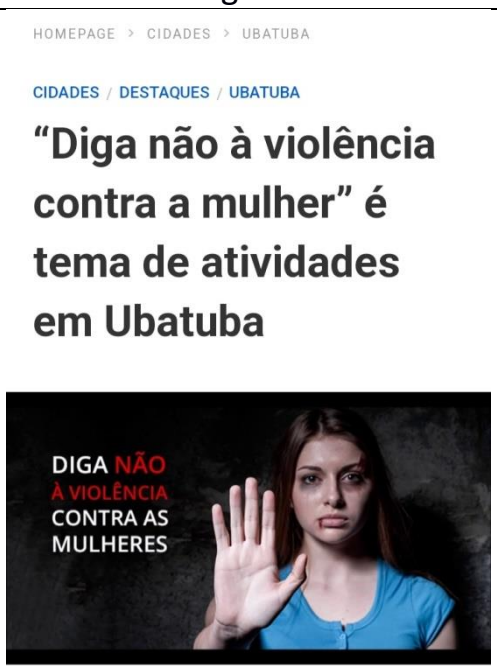
Imagem 02	
	----------
Imagem 03	

Imagem 04	

	MINHA VIDA É UM MEME Minha vida é um meme 1,4 mi curtidas • 1,4 mi seguidores Mensagem Curtir Publicações Sobre Vídeos Mais Detalhes Página · Interesse Classificação · 5,0 (135 avaliações) Ver informações da seção Sobre de Minha	----------